

EX-LIBRIS

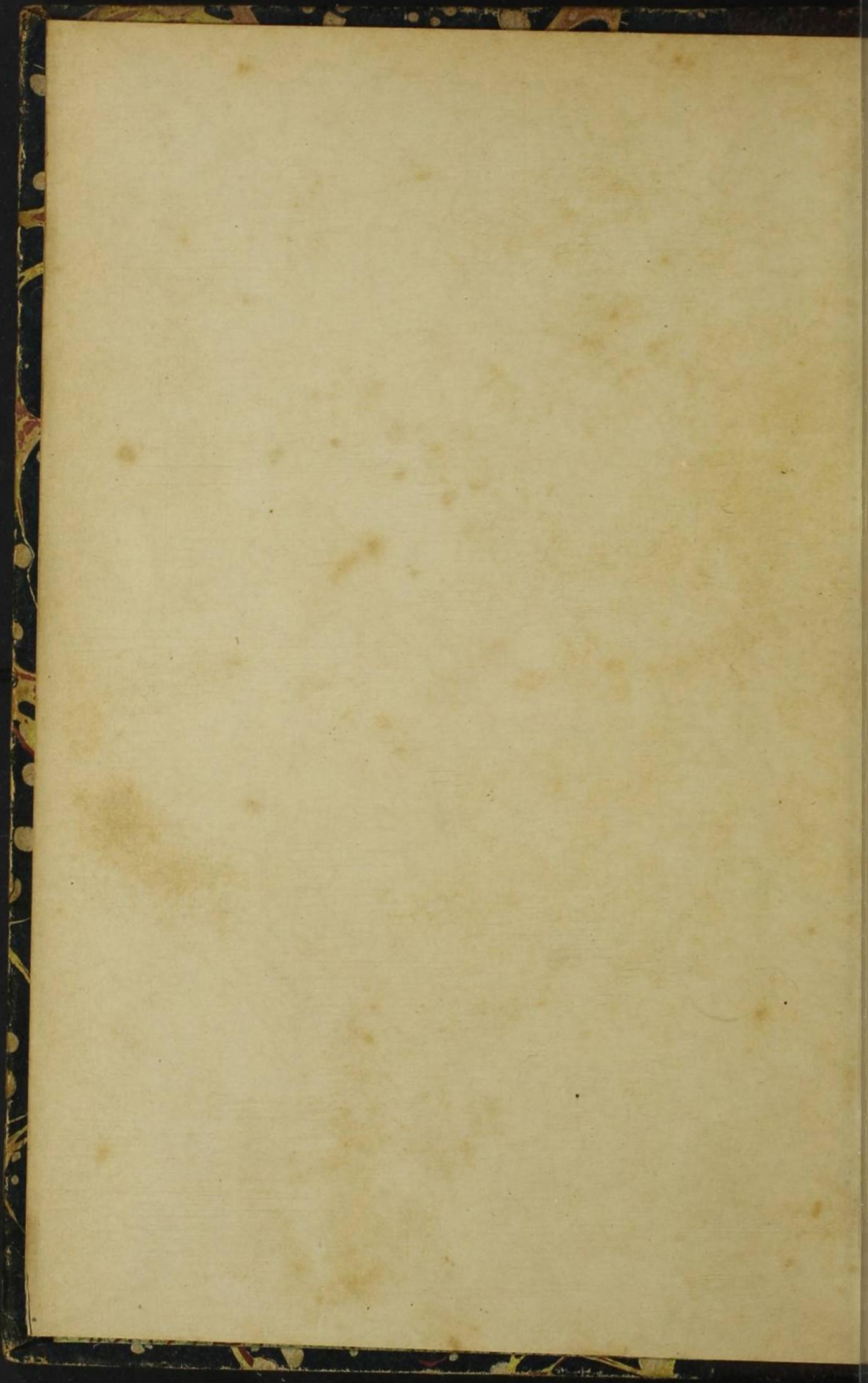


NELSON RIBEIRO

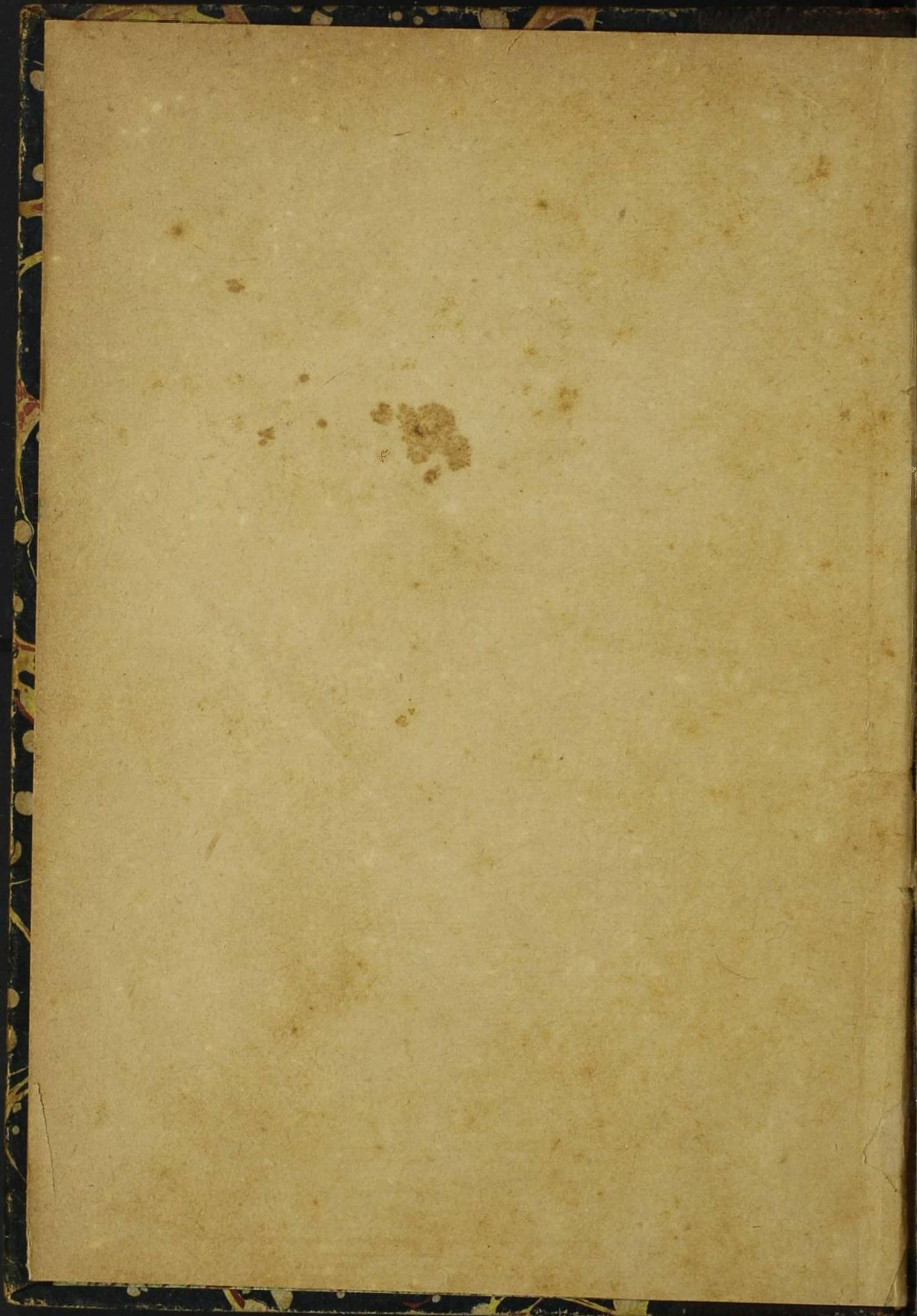
Je ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



POESIAS E ROMANCES



POESIAS

E

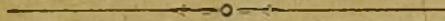
ROMANCES

DO

DR. BERNARDO GUIMARÃES

POR

J. M. Vaz Pinto Coelho

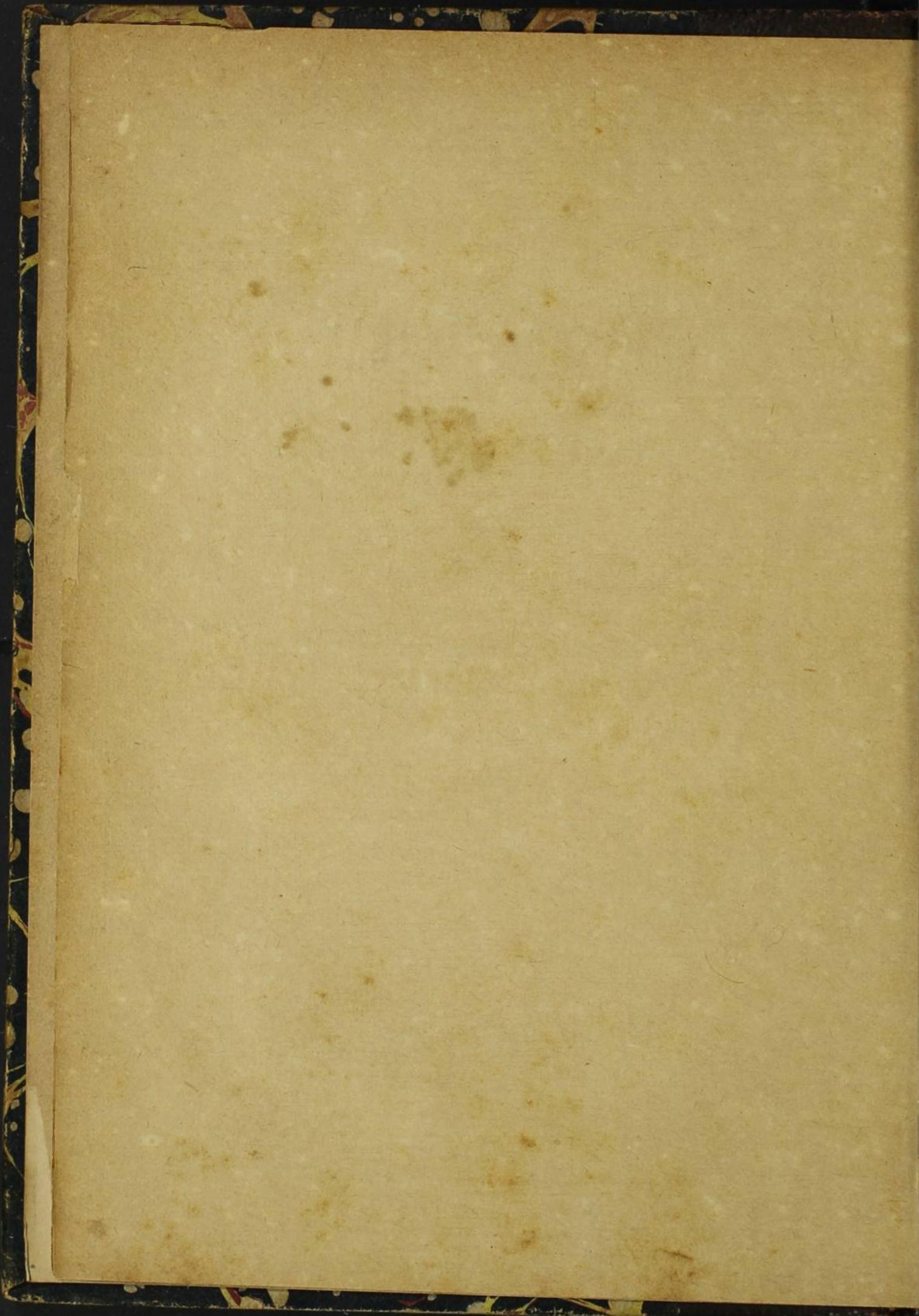


RIO DE JANEIRO

Typographia Universal de LAEMMERT & C.

71 RUA DOS INVALIDOS 71

1885





BERNARDO GUIMARÃES

Em 1852, da typographia Liberal, de Joaquim Roberto de Azevedo Marques, largo da Sé n. 3, em S. Paulo, sahirão á luz as primeiras poesias do Bacharel Bernardo Joaquim da Silva Guimarães—*Cantos da Solidão.*

Estes os seus titulos :

- I.—*Ao Illm. Sr. Coronel Antonio Felisberto Nogueira, endereçando-lhe estes cantos da Solidão.*
- II.—*Preludio.*
- III.—*O meu ideal.*
- IV.—*Recordação.*
- V.—*Invocação á saudade.*

- VI.—*Illusão.*
VII.—*Hymno á aurora.*
VIII.—*Invocação.*
IX.—*Primeiro sonho de amos.*
X.—*A' uma estrella.*
XI.—*O ermo.*
XII.—*O devanear do sceptico.*
XIII.—*Desalento.*
XIV.—*Hymno do prazer.*
XV.—*No dia de meus annos.*
XVI.—*O sabiú.*
XVII.—*A' memoria de meu irmão.*
XVIII.—*A' sepultura de um escravo.*
XIX.—*O destino do vate.—A' memoria de F. Dutra e Mello.*
XX.—*Esperança.*
XXI.—*No album de um amigo na hora da despedida.*

Na primeira pagina achão-se as seguintes linhas:

«AO LEITOR.—Temos o prazer de offerecer ao publico, e particularmente á mocidade academica, as producções poeticas de um dos nossos irmãos de letras, que, ao separar-se de nós, legou-nos esses cantos melódiosos, como se fôsse um adeus de despedida, e uma ultima lembrança do seu viver de outr'ora; é o testamento do coração ao terminar-se a vida descuidosa

de mancebo ; é o derradeiro olhar do viajante, ao deixar as praias deleitosas de um paiz encantado, para expôr-se aos azares de uma longa peregrinação por mares tempestuosos ; é a balisa que servirá de assignalar-lhe essa quadra de risonha existencia, que, ainda depois de volvida, inspira-nos recordações tão deliciosas, como os aromas da patria que auras propicias levassem aos ermos do exilado.

« Para nós os *Cantos da Solidão* significão alguma cousa mais ; a naturalidade com que são escriptos e esse perfume de tristeza e sentimentalismo, que elles exhalão, bem provão não serem essas poesias uma creação puramente artistica ; ellas são a linguagem harmoniosa de uma alma poetica e inspirada, que se expande melancolica e suave como a luz de pallida estrella, sentida e queixosa como as derradeiras notas de longinqua melodia em horas de repouso.

« É a voz sympathica do coração que falla aos corações, e que sabe fazer-nos sorrir com seus prazeres e entristecer-nos com seus queixumes. »

* * *

Em o seu 1º numero do anno seguinte (1853) escreveu *O Acayaba* em sua *Chronica Academica* :
« ... Emquanto, porém, os guerreiros depunhão as

armas e recostados no leito dos prazeres domesticos esquecião as fadigas litterarias, um moço, sahido a pouco dessa pleiade de jovens que correm atrás das luzes do seculo, gravava um nome entre accordes de harmonia nas paginas de um album cinzelado pela poesia da época. »

« Foi a memoria que o veterano, ao despedir-se de seus ex-collegas, legou-lhes em testemunho de saudade; *como se fosse o adeus da despedida, e uma ultima lembrança do seu viver de outr'ora.*

« Moço cheio de vida e inspiração—cantou a natureza virgem que o cercava, apanhando em cada seixinho de nossas correntes um brilhante para engastar em sua corôa de poeta.

« No descambar da tarde e nos ultimos raios de um pôr do sol, sombrio e queixoso entoou a lyra a recordar passados.

« No perpassar das auras pelos leques das palmeiras, solta magoadas endeixas de saudades, que envia aos patrios bosques. Melancolico e cadente, seu estro semelha antes o trinado do nosso sabiá, ao farfalhar das aguas que se despenhão de uma cachoeira sobre os fragedos da encosta. Falla antes a linguagem sentimental do coração que a do louco tresvariar de uma imaginação que se despenha de uma fronte abraçada.

« Seu cantico tem esse magoado pungir do *Poeta Desditado*, essa tristeza que inspira a solidão, essa amargura que se traduz em descrença.

« O moço de que vos fallo é o Sr. Dr. Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, o seu livro *Cantos da Solidão*. »

No anno de 1856 tentou-se em Ouro-Preto tirar a publico uma nova edição dos *Cantos da Solidão*. Não o realizárão. *O Bom Senso*, periodico que se publicava então na capital de Minas, assim o noticiára em seu numero de 24 de Janeiro :

« Em 1854, segundo nossa lembrança, transcreveu-se do *Diario do Rio* para as paginas deste jornal uma poesia do Sr. Dr. Bernardo Guimarães; pertence ao numero das que, sob o titulo *Cantos da Solidão*, fôrão publicadas em 1852 na capital de S. Paulo, onde o autor acabava de fazer os seus estudos; agora temos o prazer de annunciar que nesta provincia, em que nasceu o poeta, trata-se de uma nova edição dos sobre-ditos *Cantos*, accrescentada com varios outros productos de seu genio.

« Que são estas poesias ? Quanto á nós ellas são um brado eloquente de uma alma sensivel que passou por alguma amarga e injusta decepção, ou que se vê de continuo contrariada pelo espectaculo affligidor das

cousas do mundo, que em nada se parecem com aquelle ideal sublime que ella em si se compraz de encontrar.

« Immensas são as bellezas dos *Cantos da Solidão*. Quem ao lê-los não se sentirá penetrado de uma doce melancolia? E como não passar do poeta para o leitor um tal sentimento, se a naturalidade, com que é expressado, prova que é elle ahí o affecto predilecto? Quanto á rima e ao metro vê-se que elles não parecem estudados; o poeta os achou nas devidas condições, e, quando os compôz, como que não fez mais do que copia-los. Tal foi a arte com que encobrio a arte.

«Que é o que predomina nos *Cantos da Solidão*? Qual é o seu caracteristico? A' esta pergunta responde o poeta com o *Preludio*.»

.....

* * *

Em 1857, em S. Paulo, o Dr. A. J. de Macedo Soares publicou, á pag. 386 dos *Ensaioes Literarios*, as seguintes *Impressões de Leitura — Cantos da Solidão* :

«Quantas vezes se não via nas noites de calmo luar, caminhando para um dos mais apraziveis sitios

desta cidade, bem parecido mancebo, embuçado em capote, violão debaixo do braço e atirando ao espaço baforadas de fumo do seu cigarro... Ia improvisar descantes na solidão da noite e do coração; misturar as toadas harmoniosas do violão com os murmurios do rio e os perfumes das aragens; esquecer o enojo da vida de estudante nos arroubos inspirados do sonhar de poeta.

«Outras vezes encontrava-se o mesmo mancebo em outro genero de distracções. Na modesta sala de uma casa de estudante, sentados em roda de uma mesa sobre que descansavão compridos cachimbos, cujas fumaças misturavão-se com os subtis vapores do cognac, elle e dous companheiros scismavão no futuro, talvez passavão a mão pelas fronte a tactearem corôas de gloria com que a posteridade costuma adornar a fronte do genio. Improvisavão canções ungidas de crenças e de amor, ou saturadas de scepticismo e desesperanças. Applaudião-se, corrigião-se, brindavão uma saude a Goethe, a Byron, a Shakspeare ou a Boccage; lamentavão o presente da patria, e então discutião theses de philosophia ou de dircito, sempre fitando os horizontes do futuro, ora com uma lagrima, ora com um sorriso.

« O mancebo era Bernardo Joaquim da Silva

Guimarães, e seus companheiros Mancel Antonio Alvares de Azevedo e Aureliano José Lessa. *

« Alvares de Azevedo é uma das glorias do Brazil; seu merito já na Europa foi apreciado. Os nomes dos dous outros bem os conhece a patria. E que maior gloria do que ser comprehendido pelas gerações a quem se revelou os pensares intimos de sua alma?

« Não intento encomios a quem os tem merecido de tantas illustrações; não tenho em vista criticar com arte os trabalhos destes mancebos; meu fito apenas é traduzir neste artigo as minhas impressões por occasião da leitura dos *Cantos da Solidão* do Sr. Bernardo Guimarães.

«Os *Cantos da Solidão* nascêrão, como todos os cantos, inspirados; e por este lado são filhos legitimos do poeta e das scenas da natureza. Aqui muita vida e frescor, muito colorido brilhante, muito sorriso ingenuo; ali, lagrimas e gemidos, ás vezes uma consolação trazida pelo sentimento religioso; acolá, o anhele

* Em 1851 tentárão os tres publicar reunidos os seus versos sob o titulo—*As Tres Lyras*, o que não chegou a verificar-se (*Vide* á pag. x da 1.^a Ed. das poesias de Alvares de Azevedo—Rio, 1853—Disc. do Dr. D. J. Monteiro). Desse titulo servirão-se para em companhia publicar as suas primeiras composições tres poetas da provincia do Maranhão, (outras glorias patrias) os Drs. Gentil-Homem, Trajano Galvão e Antonio Marques Rodrigues (*Vide* Papyros no *Diario do Povo* de 15 de Setembro de 1868).

ardente do sceptico, cujas duvidas e incertezas oscillão á vista dos factos. Destes traços que caracterizão o subjectivismo do nosso poeta, nota-se que o seu devanear sceptico, esse desalento que parece acabrunha-lo, é o seu fraco ; é um defeito proveniente de influencia byronica.

«O Sr. Bernardo Guimarães, em muitas de suas poesias, tenho para mim que comprehendeu o que a bem pouco dos nossos poetas tem passado pela mente : é a côr local, é esse perfume, essa harmonia, esse colorido, esse *quê*, emfim, que se sente e não se exprime, e que dá logo a conhecer que céo inspirou o poeta. Porém, a julgar-se imparcialmente, o Sr. Bernardo Guimarães ainda não é um poeta verdadeiramente nacional. Eu penso com Mennechet* que a litteratura é nacional quando está em harmonia perfeita com a natureza e clima do paiz, e ao mesmo tempo com a religião, costumes, leis e historia do povo que o habita. Ora, o elemento principal da litteratura é a poesia ; e, pois, o poeta deve contemplar o espectáculo da natureza, sentir e saber sentir as impressões delle recebidas, deve mostrar-se possuido de muito sentimento religioso, porque sem religião não

* *Discurso sobre a nacionalidade da litteratura*, lido no Congresso Historico de Paris em 1843.

ha arte* ; deve apreciar os costumes, porque elles são a philosophia do povo,—elles fórmão, como diz o autor citado, o primeiro laço social que une o homem a seus concidadãos ; deve conhecer as instituições do paiz, porque sem ellas não ha sociedade, não ha povo, não ha familia ; finalmente, deve comprehender as tradições patrias, revelar o segredo do passado, o laço mystico que o une ao presente para presentir os infortunios ou as glorias do futuro.

«Se estes são os elementos que a critica exige para a nacionalidade da litteratura, por certo o Sr. Bernardo Guimarães não é poeta verdadeiramente nacional. Nem é preciso que o artista escreva especialmente um poema, uma epopeia, para dar conta da côr local, das crenças, dos costumes, das instituições ou da historia : os *Cantos da Solidão* mesmo poderiam comprehender tudo isso.

* Ninguém ignora que é ao sensualismo, e ao scepticismo, sua natural consequencia, que se deve a aridez da litteratura no seculo passado. Quando fallo em religião, não quero apontar o catholicismo, não obstante ser aquella onde mais domina o espiritualismo ; fallo do sentimento religico, da religião do bello, ao menos. Esta acha-se mesmo no paganismo, e talvez foi della que nascêrão os mythos, quando nos primeiros dias da civilisação dominava a observação externa. E' desta religião que se achão impregnadas as litteraturas orientaes e as rhunicas. E' talvez della que disse Bacon : «A religião é o aroma que impede á sciencia corromper-se, e torna-a cada vez mais saudavel. »

«Infelizmente hoje* quasi que geralmente não se pensa assim; os poetas, salvas raras excepções, occupão-se só comsigo, e tal egoismo não lhes deixa um momento para se dedicarem á patria.

« E' uma poesia fruxa, ennervada, onde de vez em quando lá apparece um laivo de verdadeira inspiração, um assomo de enthusiasmo que logo esfria. Esmiução tudo, submettem tudo aos sentidos, nada deixão a adivinhar á imaginação. E' talvez ainda um éco do sensualismo do seculo passado.

« Os *Cantos da Solidão* sobresaem muito pela vida das imagens, exactidão das pinturas, e pelo *simile* das comparações. Seu colorido é fresco, mas por vezes demasia-se; seu estylo é fluido, mas por vezes tropeça, e o poeta descahe um tanto.

« Quanto á fôrma, não foi tão feliz o Sr. Bernardo Guimarães; não só ha muito deleixo na metrificação, como tambem falta de combinação de consoantes; de maneira que desapparece a harmonia que se requer em bons versos. Elle parece não estar muito senhor do segredo do rythmo, e por isso sua fôrma é muito nua de arte. Com o exemplo de Victor Hugo, que introduzio maior liberdade na distribuição das rimas,

* 1757. Hoje senhorilmente se mostram conforme os votos do illustre critico os Th. Dias, Valentim Magalhães, Raymundo Corrêa, D. Vieira, Mathias de Carvalho (para não citar senão os que ora temos á vista, traçando estas linhas.)

nas elisões, nas cadencias e nos versos quebrados, a maior parte dos nossos poetas tem tido para com a forma summa incuria abusando dessa liberdade. Não devemos ser tão exclusivistas que digamos com Goethe: « a forma é tudo, submetta-se o esthetico ao plastico ; mas cumpre-nos cuidar e muito no modo de traduzir os pensamentos, porque estes dependem quasi sempre daquelle.

« A poesia *Recordação* é uma das mais lindas dos *Cantos da Solidão*. Vêde o comêço :

Já nos céos do occidente esparge a tarde
As desmaiadas rosas ;
Pelas tepidas brizas balouçada
A lorangeira alastra o chão de flôres,
E os ares peja de suave aroma:
Harpeja o sabiá com doces quebros
Molles endeixas que a saudade inspira ;
E o trinalo mavioso
Nos mansos ares ecôa,
E de magica harmonia
O valle e o monte povôa,
E nas sombras da deveza
Na voz dos écos morre suspiroso.
.....

Que mysterios de amor e de saudade
Vêm sussurrar-me esta aura embalsamada ?
Por que razão agora
Descahe-me a fronte n'um scismar tão triste ?

Donde vem estes sonhos,
Estas visões que o coração me cercão
De sombras melancolicas?...
Não és tu, ó saudade,
Que me vens acordar no intimo peito
Snaves écos d'uma feliz quadra
Que rapida escoou-se?
Vinde, vinde lembranças saudosas
Perfume do passado,
Vinde embalar minha alma com as imagens
De um tempo afortunado.

«Não ha aqui tanta lindeza, tanto sentimento e poesia? Vêde agora o ideal do poeta, essa contemplação de uma belleza celeste que se encarna na imaginação daquelle que nasceu fadado para sentir e amar:

Era uma tarde amena e socegada,
Tão placida como esta,
(Oh! que viva saudade desse tempo
Que n'alma ainda me resta !...)
Era uma tarde :—e ella reclinada
Na encosta da collina,
Na branca mão pousava tristemente
A face peregrina.
Não sei que amargo sonho lhe vergava
A fronte divinal:
Sonlar quem póde os candidos mysterios
De um peito virginal?!

Tambem o branco lyrio quando sente
Do sol o vivo ardor,
Debruça a fronte languida, e se inclina
Do musgo no verdor.
Do sol poente um raio amortecido
Na face lhe pousava,
Como um beijo de adeus longo e saudoso
Que a tarde lhe enviava.
Com os olhos puros fitos no horizonte
Tão sósinha a scismar
Me parecia um anjo do céo vindo
Que vai para o céo voar.

« Ao lêr este trecho, lembrei-me de *Atala*, a virgem do deserto, scismando seu triste futuro á sombra de um annoso carvalho das florestas do norte da America, fitando languidos olhos no horizonte tincto de côres tão tristes como os seus dias amargurados. Nada mais facil do que a concepção de um typo de mulher, mas vivifica-lo e faz-lo sentido exteriormente, só é dado ao poeta, e penso que o Sr. Bernardo Guimarães foi muito feliz neste ponto.

« A *Invocação á saudade* é não menos bella; mas, para não sobrecarregar de citações este trabalho, cito apenas a seguinte comparação, que é de um *simile* perfeito:

Qual de remotas floridas campinas
Da tarde a branda aragem

Nas azas nos conduz suave aroma,
Assim tu, ó saudade,
Em quadras mais ditosas vais colhendo
As risonhas visões, doces lembranças,
Com que vens afagar-nos,
Ornando no presente as sendas núas
Co'as flôres do passado.

« Tenho para mim que as bellas composições dos *Cantos da Solidão* são as que têm por titulo *O Ermo* e *O Devaneiar do Sceptico*. Nellas revela-se o Sr. Bernardo Guimarães como uma das mais decididas vocações poeticas que têm apparecido ultimamente entre nós; no *Ermo* é o filho do Brazil; no *Devaneiar* é o filho do seculo. Do *Ermo* ressumbra uma côr local muito viva; as descripções são feitas de lances de vista muito escolhidos, o que denota o delicado gosto e fino tacto do nosso poeta. A vida errante e fugidia dos indios corre em largos traços e com exactidão historica, a dos escravos das nossas fazendas é uma pagina bem comprehendida dos nossos costumes. A maneira pela qual o poeta descreve as derribadas que desbastão nossos terrenos, as queimadas que reduzem a cinzas tão extensas e grossas mattas, e depois o futuro glorioso que elle antevê á patria após este labor de destruição, fazem um effeito magnifico pela simplicidade do estylo, brilho das comparações e verdade

nos quadros. Não cito pedaços desta poesia, porque os limites deste artigo não me permitem transcreve-la inteira.

«O *Devaneiar do Sceptico* é uma pagina eloquente da actualidade. Não é a duvida brutal e inconsequente de Voltaire ou Diderot; não é o sarcasmo de Byron e Shelley sobretudo quanto ha de mais santo na vida; não é mesmo, digamos assim, o scepticismo do sceptico; o devaneiar do nosso poeta é alguma cousa de mais humano, é a lucta da razão com o que lhe é impossivel aprofundar, é esse ardor de devassar o infinito, que amargurava as insomnias do *Fausto*. O nosso poeta não descrê de Deus nem da razão, apenas lamenta que Deus não se revelasse mais intimamente ao homem, que não seja dado ao espirito enxergar mais distinctamente nas regiões ethereas do infinito.

«Entre outros bonitos cantos ha alguns que não têm merito como poesia brasileira. O *Meu ideal*, o *Hymno á aurora*, *No album de um amigo*, e outros, são composições frias, vulgares quanto ao pensamento, e pouco felizes na fórma.

« Quanto ao segredo dos versos, di-se eu que o Sr. Bernardo Guimarães parece-me pouco possui-lo. Sei bem que o fim da critica não é « se ficar embelecado

diante da formosura das fórmãs e apuros das côres» * mais se lhe requer, sim; porque se a poesia é, como define Victor Hugo, o que ha de mais intimo em cada cousa, é para ahi que devem convergir suas vistas, e deste ponto culminante é que a critica deve considerar as relações que prendem ao mundo exterior as concepções do genio. Mas nem por isso devemos cahir no exclusivismo de uma idealidade transcendental, porquanto desde o momento que ao poeta fôsse livre saltar por cima das regras, desaparecerião os limites da prosa e do verso, porque, não só ao sentido do gosto, mas tambem ao sentido physico do ouvido deve a poesia dirigir-se. Entre nós, por pouco não se cahe nesse exclusivismo: por isso não é de extranhar que nos *Cantos da Solidão* haja desconcertos na variedade do metro, syllabas longas e breves misturadas a esmo, rimas mal collocadas e mal distribuidas e até erros de metrificaçãõ. Não quero apresentar aqui esses defeitos, porque penso com Chateaubriand que a critica deve antes occupar-se em mostrar bellezas e bondades, que devãõ ser seguidas, e não erros e descuidos, que devãõ ser evitados. Se assim não fôsse, tornava-se meramente negativo o fim da verdadeira critica. Todavia não me parece acertado fallar sem provar, muito mais

* Rebello da Silva.—*Juizo critico sobre Fr. Luiz de Souza.*

quando tenho dado conta das bellezas que mais me impressionarão. Por isso aponto as poesias *Recordação*, *Illusão*, *Invocação ao genio da poesia americana* e... cuja fórma é pouco cuidada.

« Em resumo :

« O Sr. Bernardo Guimarães é uma das glorias da nossa nascente litteratura; o seu mais precioso titulo são os *Cantos da Solidão*. Pode-se dizer d'elle o que Gustavo Planche disse de André Chénier: não é uma esperança de poeta, é um poeta feito. »

S. Paulo, 9 de Junho de 1857.—*Macedo Soares.*

* * *

Por este tempo, o que era feito do festejado poeta?

* * *

Um dia arrojára-o o sôpro da adversidade contra o rochedo... de um emprego publico.

Desse tempo (lição ingente contra os funestos desvios de vocações) ficou a triste pagina que para aqui trasladamos apezaradamente, arrancando-a do discurso que o deputado Sr. Dr. José Caetano

pronunciára na sessão de 13 de Julho de 1866 sobre negocios da provincia de Goyaz * :

« Tinha sido nomeado juiz municipal e delegado de policia do termo do Catalão Bernardo José da Silva Guimarães. . .

« Vindo á capital com licença o juiz de direito da comarca, assumio a jurisdicção o bacharel Bernardo Guimarães, seu 1º substituto. . .

« Assumindo a jurisdicção de direito em 16 de Maio, convocou immediatamente uma sessão do jury, que teve logar em meados de Junho : ahi fôrão innocentados 11 réos. . . Essa celebre sessão judiciaria foi qualificada, com razão, de *jubiléo*.

« Fiz seguir para a comarca do rio Paranabyba o juiz de direito, que ainda se achava com licença na capital. . . demittido do cargo de delegado de policia, a bem do serviço publico, o bacharel B. Guimarães.

« O juiz de direito dirigio-se áquelle termo a fim de presidir o jury. . . — O receio dos que estavam iniciados em novos crimes, o empenho que havia pela absolvição de outros, e além disto a syndicancia a que o juiz de direito devia de ordem minha proceder á respeito da sessão do jury, qualificada de *jubiléo*,

* Vide *Jornal do Commercio* de 21 de Julho de 1866.

e finalmente o facto recente de ter sido processado em Minas um juiz de direito e como resultado a sua remoção, inspirarão aos inimigos do Dr. Virgínio Henrique Costa igual e tão criminoso procedimento. Em menos de dous dias resolvêrão instaurar um processo contra o juiz de direito da comarca, por um improvisado crime de sedição e tirada de presos do poder da justiça... Em menos de 24 horas instaurasse o processo, decreta-se a pronuncia e expede-se mandado de prisão contra a primeira autoridade da comarca. *

« ...Não posso deixar sem especial menção o officio do juiz municipal do Catalão communicando ao presidente da provincia a pronuncia do juiz de direito, e o faço por duas circumstancias : 1^a, porque foi esse o primeiro officio que o juiz municipal enviou ao presidente da provincia, foi por onde iniciou a sua correspondencia official com o presidente da provincia, e isso depois de receber officios da presidencia e não responder a elles ; 2^a, porque são realmente interessantes as razões com que esse juiz justifica o facto de ter pronunciado o juiz de direito. Aqui está o officio :

« Communico a V. Ex. que em data de hontem,

* Relatorio do ex presidente Alencastre ao seu successor.

em virtude de denuncia dada por José Antonio Fontoura, e da inquirição das testemunhas, a que procedi, pronunciei o Dr. Virgínio Henrique Costa, nos arts, 111 e 120 do código penal, sendo levado a este acto, não só pelo meu dever de magistrado, como pelos votos de toda a população desta cidade.»

* * *

.....
« Ouvi dizer na cidade da Formiga (onde, em 1861, servia o cargo, de juiz de direito um dos irmãos do nosso poeta, o illustre Sr. desembargador Joaquim Caetano) que os seguintes versos fôrão escriptos ao morrer-lhe o cavallo em que fizera a viagem do Catalão áquella cidade, o nosso poeta deixando o cargo de juiz:

ADEUS A MEU CAVALLO BRANCO CHAMADO CYSNE

Meu *Cysne*, é hora de dizer-te adeus!

De tudo, que abandono.

Não és por certo quem menos saudades

Mereces a teu dono.

.....

Lá nos viçosos campos
Por onde, entre collinas graciosas
O Quebranzól sereno remanseia,
E as ondas vagarosas
A' luz de um céo esplendido alardeia,
Achei-te ontr'ora livre como o vento
Em largo campo aberto,
Garboso chefe de formosa tribu,
Pascendo em paz as hervas do deserto.

Ao teu relincho, qual clarim sonoro,
Retroando no fundo das valladas,
Alegres acudião
Pela deveza as trepidas manadas,
E o bando das selvaticas amantes
Em torno arrebanhadas,
O collo luzidio
Airosas recurvando,
A crina ao vento dando,
Tu conduziás, rei das solidões,
Pelos infindos, verdes chapadões.

Mas, ah ! foi esse o derradeiro dia
Da grata liberdade,
E docil te curvaste á lei tyranna,
De que tanto se ufana a humanidade.
A fronte altiva ao freio abandonaste,
Do homem á vontade
Curvaste o collo, e os passos regulaste,
Recebeste nos pés o ferreo cravo ;
De rei, que eras, te tornaste escravo !

Escravo, oh! não! deixaste sem queixume
De teu rio natal saudosas margens,
E a vida rude e inquieta,
Em que folgavas nas incultas vargens,
Para ser companheiro do poeta.

E, pois, adeus! pelas montanhas patrias,
Em teu dorso possante
Não mais me levarás de hoje em diante,
Vagando a esmo nos estreitos valles,
Devaneando,
Cantarolando
Ou já scismando amores,
Ou da montanha aos ventos rugidores
Entregando a lembrança de meus males.

Embalado em teu rapido galope,
Não mais irei sósinho demandando
Do Itamonte o descalvado tope
A escutar pelos penedos broncos
A voz dos ventos lobrega ululando
Ou da cascata os roncões
Na profundez do abysmo trovejando.

A' minha voz com impeto brioso,
Resfolegando,
Caracolando,
Commigo te lançavas pelas sendas
Escabrosas das broncas serranias,
E nas quebradas invias
Como um tufão veloz desaparecias;

A basta e longa cauda
Te ondeava, bem como alva cascata,
Que em rôtas catadupas espumando
 Dos montes se desata ;
Aos ventos sibilando a coma esparça,
A esvoaçar pelo garboso collo,
 Dir-se-hia nivea garça
No vôo apenas desflorando o solo,
E então cuidava, vendo ás minhas plantas
Baixar a terra no horizonte razo,
Ir voando do Pegaso nas azas
 Aos cumes do Parnazo.

Oh ! se o destino te chamasse á guerra !...
Fôras nos campos do sangrento Marte
Cavalgadura digna de Sesostris,
De Cesar, Alexandre ou Bonaparte.

Mas se nas lides da feroz Bellona
Não respiraste o pó de cem batalhas,
Se os pés não ensopaste em sangue humano,
Ao rebentar de bombas e metralhas,
 Em mais doces conquistas
Já fizeste proezas nunca vistas.

(Canta-las eu não posso nem desejo ;
Das linguas maldizentes tenho medo ;
E's tu só que as conheces, e estou certo
Que guardarás fiel o meu segredo.)

.

Adeus, ó *Cysne*, sempre na minh'alma,
De ti conservarei viva saudade ;
E se eu puder, nas azas de um soneto,
Teu nome mandarei á eternidade.

Fica-te em paz e em teus ultimos dias
Livre-te o céu do misero destino,
Que teve o decantado lazarento
De mestre Tolentino.

Ouro-Preto, 1858,

* * *

E' desse mesmo anno de 1858 a poesia *Nariz*,
acerca da qual encontrámos esta nota á pag. 363, tomo
7º, da *Grinalda Ovidiana* — « *Appendice à Paraphrase
dos Amôres*, pelo conselheiro José Feliciano de Casti-
lho. — Rio, 1858 » : « Se houvessemos obtido venia do
autor, aqui transcreveríamos uma linda peça inserta
no *Jornal do Commercio* do Rio, em 20 de Setembro
de 1858 sobre o uso poetico da palavra *nariz*, em que
seu autor, o Sr. B. Guimarães, revêla dotes de
peregrino engenho. »

O NARIZ PERANTE OS POETAS

Cantem outros os olhos, os cabellos,
E mil cousas gentis
Das bellas suas ; eu de minha anada
Cantar quero o nariz.

Não sei que fado misero e mesquinho
É este do nariz,
Que poeta nenhum em prosa ou verso
Canta-lo jámais quiz.

Os dentes são perolas,
Os labios rubis,
As tranças lustrosas
São laços subtis
Que prendem, que enleão
Amante feliz:
É collo de garça
A nivea cerviz
Porém ninguem diz
O que é o nariz.

As faces são tintas
De rosa, e de liz,
Ou já têm de jambo
Mimoso matiz;
São côr de saphira
Os olhos gentis;
E a côr do nariz
Ninguem vo-la diz.

Beija-se os cabellos,
E os olhos bellas,
E a boca mimosa
E a face de rosa
De fresco matiz

E nem um só beijo
Fica de sobejo
P'ra o pobre nariz,
Ai ! pobre nariz,
És bem infeliz !

Entretanto notai a sem razão
Do mundo injusto e vão !
Entretanto o nariz é do semblante
O ponto culminante ;

No meio das de mais feições do rosto
Erguido é o seu posto,
Bem como um throno ; e ácima dessa gente
Eleva-se eminente .

Trabalhão sempre os olhos ; mais ainda
A boca, o queixo, os dentes ;
E—miseros plebêos,—vão exercendo
Officios differentes.

Mas o nariz, fidalgo de bom gosto,
Deslisa brandamente
Vida voluptuosa entre as delicias
De um doce *far-niente*.

Sultão feliz, em seu divan sentado
A respirar perfumes,
De bem aventurado ocio gosando
Não tem inveja aos numes.

Para elle produz o rico oriente
O cedro, a mirrha, o incenso ;
Para elle meiga flora de seus cofres
Verte o thesouro immenso.

Amante fiel sua, a mansa aragem
As azas meneando,
Anda p'ra elle nos vergeis vizinhos
Aromas apanhando.

E tu, pobre nariz, soffres o injusto
Silencio dos poetas ?
Soffres calado ? não tocaste ainda
Da paciencia as metas ?

Nariz, nariz, já é tempo
De ecoar o teu queixume,
Pois, se não ha poesia,
Que não tenha o seu perfume,
Em que o poeta ás mãos cheias
Os aromas não arrume,
Por que razão os poetas,
Por que do nariz não fallão,
Do nariz, p'ra quem sómente
Esses perfumes se exhalão ?
Onde, pois, ingratos vates,
Acharicis as fragrancias,
Os balsamicos odôres,
De que encheis vossas estancias,
Os effluvios, os aromas

Que nos versos espargis,
Onde acharieis perfume,
Se não houvesse nariz?
O' vós, que ao nariz negais
Os foros de fidalguia,
Sabei que, se por um erro
Não ha nariz na poesia,
E' por seu fado infeliz,
Mas não é porque não haja
Poesia no nariz.

Atenção, pois, aos sons de minha lyra
Vós todos, que me ouvis,
De minha bem amada em versos d'oiro
Cantar quero o nariz.

O nariz de meu bem é como... oh! céos!...
E' como o que?... por mais que lide e sue,
Nem uma só asneira,
Que esta musa está hoje uma toupeira.

Nem uma idéa
Me sahe do casco!...
Oh miserando
Triste fiasco!!

Se bem me lembra, a Biblia em certa parte
Ao monte Libano um nariz compara,
Se tal era o nariz,
De que tamanho não seria a cara?!...

E ai de mim ! desgraçado,
Se o meu doce bem amado
Vê 'seu nariz comparado
A' uma erguida montanha :
Com razão e sem tardança,
Com rigores e esquivança
Tomará cruel vingança
Por essa injuria tamanha.

Pois bem !... Vou arrojar-me pelo vago
Dessas comparações, que a troxe-moxe
Do romantismo cá nos trouxe,
Que p'ra todas as cousas vão servindo,
E á phantazia as redeas saeudindo,
Irei bem como um cego
Nas ondas me atirar do vasto pego,
Que as romanticas musas desenvoltas
Costumão navegar a velas soltas.

E assim como o coração,
Sem ter corda nem cravelha,
Na linguagem dos poetas
A uma harpa se assemelha ;

Como as mãos de alva donzella
Parecem cestos de rosas,
E as roupas as mais espessas
São em verso vaporosas ;

E o corpo de esbelta virgem
Tem feitio de coqueiro,
E só com um beijo se quebra
De tão franzino e ligeiro ;
E como os olhos são flechas,
Que os corações vão varando ;
E outras vezes são flautas,
Que de noite vão cantando ;
P'ra rematar tanta peta
O nariz será trombeta....

Trombeta o meu nariz !!? (ouço-a bradando)

Pois meu nariz é trombeta ?
Oh ! não mais, Sr. poeta,
Com meu nariz se intrometta.

Perdão por esta vez, perdão, senhora ;
Eis nova inspiração me assalta agora,
E em honra ao teu nariz
Dos labios me arrbenta um chafariz.

O teu nariz, doce amada,
E' um castello de amor,
Pelas mãos das proprias graças
Fabricado com primor.

As suas ventas estreitas
São como duas setteiras
Donde elle occulto dispara
Agudas flechas certeiras.

Em que sitios te puz, amor coitado!
Meu Deus, em que perigo?
Se a nympha espirra, pelos ares saltas,
E em terra dás comtigo.

Estou já cansado, desisto da empreza;
Está decidido, — não cabes em verso,
Rebelde nariz.

E hoje tu debes
Te dar por feliz
Se estes versinhos
Brincando te fiz.

* * *

Nesse anno de 1858, no Rio de Janeiro em 14 de Abril, escreveu a seguinte *Advertencia* da 2^a edição de suas poesias (que foi tirada a publico no anno de 1865, editor B. L. Garnier, impressas, porém, em Paris, typ. Lainé e Havard): «Grande numero das poesias que agora offerço ao publico já fôrão publicadas em S. Paulo em 1852 sob o titulo de *Cantos da Solidão*; essa edição, porém, além de muito escassa quanto ao numero de exemplares, foi pordemais incorrecta, e como o publico parece-me ter dado algum apreço a essas produções de minha primeira mocidade,

isso me anima a dar-lhe esta 2ª edição, muito mais correcta e seguida de grande numero de poesias diversas.

«Cumpre-me aqui dizer algumas palavras a respeito de algumas alterações e addições que fiz nos *Cantos da Solidão*.

«Quando, ao terminar meus estudos academicos, me dispunha a retirar-me de S. Paulo, grande numero de amigos e collegas mostrarão desejos de possuir impressas aquellas poesias; existião ellas pela maior parte em seu primeiro esboço, taes quaes me tinhão sahido da penna no primeiro jacto, e os manuscriptos se achavão em deploravel desordem; o tempo de que dispunha era muito limitado para eu poder colligi-las e lima-las convenientemente, com a tal ou qual ordem e correcção que a pressa me permittio dar-lhes; deixei-as em S. Paulo em poder daquelles amigos a fim de da-las ao prelo; deixei-as mais como um fraco penhor de amizade e gratidão, como um éco de meu coração, que eu queria deixar resoando entre aquelles bons amigos, de muitos dos quaes eu me ia separar talvez para sempre, do que como um titulo com que me apresentasse ao publico para conquistar o glorioso nome de poeta.

«A' vista disso deve-se relevar o muito que ha de deleixo e incorrecção nessas composições, deleixo e

incorreccão que procurei eliminar o mais que me foi possível na presente edição; muitas alterações e addições fiz em algumas poesias, e mesmo uma ou outra refundi completamente; outras, porém, ficarão assim mesmo mal acabadas, com o pensamento incompleto, a phrase mal polida, porque não foi mais possível evocar do novo inspirações ha tanto tempo adormecidas. Alterei tambem um tanto a ordem em que vinhão na primeira edição, afim de agrupar debaixo do titulo de *Inspirações da Tarde*—certo numero de poesias em que o quadro nellas debuxado se emmoldura nos encantadores relevos dessa hora de remanso, que serve de transição da luz e bulicio do dia para o silencio e trevas da noite.

«Vão portanto estes versos nesta 2^a edição correctos de muitos descuidos de metrificacão e de estylo, e limpos de innumerados e graves erros typographicos, que desfiguravão a primeira.

«Quanto ao valor litterario que porventura possão ter estes versos, o publico e a critica o decidiráõ; lembrem-se sómente aquelles que lançarem os olhos sobre estas paginas, que são ellas producto de uma musa que tem constantemente soffrido o embate de todo o genero de contrariedades, e que conhece por experiencia quanto é verdadeiro o que diz Chateaubriand:

—C'est un sophisme digne de la dureté de notre siècle d'avoir avancé que les bons ouvrages se font dans le malheur : il n'est pas vrai qu'on puisse bien écrire quand on souffre. Les hommes qui se consacrent au culte des muses se laissent plus vite submerger à la douleur que les esprits vulgaires».

No Prologo, depois de referir-re a Camões salvando do naufragio os seus *Luziadas*, escreveu as seguintes linhas :

«Entretanto, apesar de não ser eu nenhum Camões, nem meus versos nenhuns *Luziadas*, não foi comtudo para mim pouco ardua a tarefa de colleccionar a troxexoxe e salvar essas poucas produções que hoje offerço ao publico, fructos de quadras mui differentes de mais de 15 annos de vida errante, inquieta e agitada....

«—Pois deveras !... perguntará o leitor com toda a razão, em perto de 20 annos de trabalhos poeticos apenas nos apresentas esse misero punhado de poesias mal ataviadas, incompletas e incorrectas ?.. Sois muito tardo em produzir.

«Para responder-vos, amigo leitor, me é preciso estender-me mais algum pouco, bem a meu pezar.

«Deveis saber primeiramente que a minha vida não tem sido, nem podia ser, inteiramente consagrada ao culto das musas. Prouvera a Deus que o fôsse !

«A cultura das lettras e da poesia, não estando por ora assás vulgarisada entre nós, não póde constituir uma profissão, nem meio de viver ao abrigo das necessidaes, segundo as exigencias da época e do paiz em que vivemos.

«Portanto. . . a conclusão é clara.

«Demais, amigo leitor, minha vida, posto que não ociosa, tem sido inquieta e errante, meu destino incerto e vagas minhas aspirações.

«Ora tudo isto não é muito consentaneo com a indole do poeta, do verdadeiro adorador das musas, se bem que eu, ainda que indigno dellas, não consinto que ninguem me lance a barra adiante no ardor do culto e veneração que lhes consagro.

«—Mas Camões, mas Byron, mas Chateaubriand, Tasso, não têm tido a vida triste, errante, inquieta?! E entretanto que de obras esplendidas não nos legarão!...

«Por piedade não me acabrunheis com o peso de tão gloriosos nomes!..

«A isso, amigo leitor, para não desculpar-me com a minha insufficiencia, pois que a modestia não é hoje de bom tom, e seria parvoice da minha parte não me inculcar por um genio, a isso sómente responderei: — Outros tempos, outros costumes, outros paizes,

outras condições, e mil cousas *outras*, que seria longo enumerar.

« Espero que o leitor não me fará mais perguntas embaraçosas, e portanto tratemos de concluir quanto antes este prologo, que já vai longo.

« Vou, pois, explicar a razão por que não tenho amontoados volumes sobre volumes, posto que tenha rabiscado muito papel.

« Em primeiro logar entendo que nem tudo quanto se escreve merece as honras de ser editado em livro.

« Em segundo logar o pouco que tenho escripto existe disperso e solto, como as escripturas da sybilla — *ao capricho dos ventos revoando*.

« Ora é o esboço de um drama, que lá fica nas gavetas sem chave do estudante de S. Paulo.

« Ora são folhas soltas de um ensaio de romance, que o vento, entrando pelas janellas abertas, entorna pelo pateo, e as faz rebolear-se na lama.

« Ora é uma ode esquecida entre as paginas de um livro.

« Ora um madrigal, que foi para a fonte ensaboar-se com a roupa.

« Ora são artigos de periodicos litterarios, que se imprimem depois de muitas fadigas e despezas, e

depois se distribuem alguns raros exemplares, indo o resto para as tavernas servir de embrulho.

« Ora são folhetins neste ou naquelle genero, e todos sabem que o folhetim é por sua natureza ephemero.

« Ora é um folheto, que se imprime com muita difficuldade e do qual se tirão apenas algumas centenas de exemplares, e se esvaecem como um vapor por esse espaço immenso.

« Ora é uma composição ligeira, que se confia a um amigo, e que este, tão descuidoso como o autor, vai passando de mão em mão, até que se lhe perde o rasto.

« Ora é um drama, que se confia a um theatro, com toda a fé e esperanza, e que fica enterrado na poeira dos archivos, sem que se lhe tenha lido uma só palavra, — fossil que algum dia talvez os geologos desenterrarão.

« E por estes e varios outros modos, o autor tem perdido não pequena porção de seus manuscriptos.

« Já se vê que se não salvei a nado as minhas poesias, não sou menos heróe do que Camões, fazendo-as escapar de todos esses *naufragios e perdições* de toda sorte.

« Se o publico e mesmo a posteridade me não lêr, não será portanto por minha culpa.

« Felizmente a publicação da presente collecção está agora confiada á casa do Sr. Garnier, que tantos serviços tem prestado á litteratura brazileira, editando nitidamente em Paris os escriptos dos nossos autores mais notaveis, quer poetas, quer prosalores. E' uma garantia de que estas producções que agora o autor entrega á publicidade, ficarão para sempre a salvo de tantos *naufragios e perdições*.

« O autor, agradecendo ao publico e á imprensa da côrte e das provincias as palavras lisongeiras com que até aqui tem acolhido as folhas esparsas de suas poesias, compromette-se a ir fazendo esforços para salvar mais algumas e compôr novas. »

* * *

Em 1859 B. Guimarães encarregou-se da parte litteraria da *Actualidade*, redigida pelo Dr. Flavio Farnêse e o actual Dr. conselheiro Lafayette R. Pereira (o primeiro uma eterna saudade do nosso jornalismo, e ambos dos mais illustres filhos de Minas-Geraes).

Do n. 38 do dia 30 de Julho desse anno transcrevemos :

A SAIA BALÃO

Balão, balão, balão ! cupola errante,
Atrevido cometa de ampla roda,
 Que invades triumphante
Os horizontes frivolos da moda ;
Tenho afinado já para cantar-te
 Meu rude rabeção ;
Vou teu nome espalhar por toda parte,
 Balão, balão, balão !

Do esquecimento ao pelago sinistro,
Para que não vá tua memoria
 Teu nome hoje registro
Da poesia nos galantes fastos ;
E para receber-te a fama e gloria
Do porvir te franqueio os campos vastos.

Em torno ao cinto de gentil beldade
Desdobrando o teu ambito estupendo,
 As ruas da cidade
Co'a longa cauda ao longe vais varrendo,
E nessas vastas roçagantes pregas
 De teu tumido bojo,
Nesse ardor de conquistas, em que offéga,
O que encontras, levando vais de rojo,
 Qual machina de guerra,
Que inda os mais fortes corações aterra.

Quantas vezes rendido, e fulmina lo
Um pobre coração,
Não vai por essas ruas arrastado
Na cauda de um balão !

Mal despontas, a turba numerosa
Á direita e á esquerda
De tempo sem mais perda
Amplio caminho te abre respeito. a,
E com esses requebros seductores
Com que saracoteias,
A chamma dos amores
Em mais de um coração a furto ateias.

Sexo lindo e gentil — fóco de enigmas !
Quanto és ambicioso,
Que o circulo espaçoso
De teus dominios inda em pouco estimas !
Queres mostrar a força omnipotente
De teu mimoso braço ;
De render corações já não contente
Inda pretendes conquistar o espaço.

Outr'ora já c'os atrevidos pentes,
E as toucas alterosas,
As regiões buscavas eminentes,
Onde gyrão as nuvens tormentosas ;
Como para vingar-te da natura,
Que assim te fez pequena de estatura.

Mudaste, emfim, de no te,
E augmentando o diametro, pretendes
Avantajar-te agora de outra sorte
Na cauda do balão, que tanto estendes ;
Queres em torno espaço
Té onde possas desdobrar teu braço.

Assim com tuas artes engenhosas
Sem medo de estourar tu vais inchando,
E os reinos teus com as vestes volumosas
Ao longe sem limites derramando ;
Conquistas na largura
O que não pôdes conseguir na altura.

Mas ai ! porque o meneio gracioso
De teu airoso porte
Sepultas por tal sorte
Nesse mundo de saias portentoso ?
Por que razão cuidados mil não poupas
P'ra vêr tua belléza tão presada
Sumir-se-te afogada
Nesse pesado pelago de roupas ?

Sim ! de que serve vêr as crespas ondas
De turgido balão
A rugirem bojudas e redondas
Movendo-se em continua oscillação ;
— Vasto sepulchro, onde a belleza cega
Seus encantos enterra sem piedade ;
— Empavezada não, em que navega
A todo panno a feminil vaidade ?

De que serve enfeitar da vasta roda
Os estufados flancos illusorios
Com esses infinitos accessorios
Que vai creando a inesgotavel moda,
De babados, de gregas, fitas, rendas,
De franjas e vidrilhos,
E outros mil madulaques, e fazendas,
Que os olhos enchem de importunos brilhos ;
Se no seio de tão tufada moita
Mal se pôde saber que ente se acoita !

De uma palmeira a graciosa imagem
Que flacida se arqueia
Ao sôpro d'aura, quando lhe meneia
A tremula ramagem,
Comparão os poetas
As virgens de seus sonhos mais dilectas.
Mas hoje, onde achar pôde a poesia
Imagem, que as bem pinte e as ennobreça,
Depois que deu-lhes singular mania
De atufarem-se em roupa tão espessa ;
Se erão antes esbeltas, quaes palmeiras
Hoje podem chamar-se—gameleiras. *

Tambem o cysne, que garboso fende
De manso lago as ondas azuladas
E o niveo collo estende
Por sobre as aguas delle enamoradas,

* Arvore de copa chata e diametro vastissimo.

Dos poetas na vivida linguagem
De uma bella, retrata a pura imagem.
Mas hoje a moça, que se traja á moda,
Só se póde chamar Perú de roda.

Quaes entre densas nuvens eongre adas
Em horrído bulcão,
Vão perder-se as estrellas afogadas
Em funda escuridão,
Tal da belleza a seductora imagem
Some-se envolta em tumida roupagem.

Balão, balão, balão, fatal presente,
Com que brindou das bellas a inconstancia,
A caprichosa moda impertinente,
Sepulchro da elegancia,
Tyranno do bom gosto, horror das graças,
Render-te os cultos meus não posso, não :
Roão-te sem cessar ratos e traças,
Balão, balão, balão!

O' tu, que eu amaria, se na vida
De amor feliz restasse-me esperanza,
E cuja linda imagem tão querida
Eu trago de continuo na lembrança,
Tu, que no rosto, e no ademan singelo
Das filhas de Hellen és vivo modelo ;

Nunca escondas teu gesto perégrino
E da estreita ciatura o airoso talhe,
E as graças deste teu porte divino
Nesse amp'lo detalhe
De vestes, que te roubão a belleza
Dos dons, de que adornou-te a natureza,

De que serve entre véos, toucas e fitas,
Ao peso dos vestidos varredores,
De marabouts, de rendas e de flôres
Tuas fórmas trazer gemendo affictas,
A ti, que no teu rosto tão viçosas
De tua primavera tens as rosas?

Pudesse eu vêr-te das bellezas gregas,
Quaes as figurão marmores divinos,
Na tunica gentil, não farta em pregas,
Envolver teus contornos peregrinos ;
E vêr dessa figura, que me encanta,
O altivo porte, desdobrando á aragem
De Diana, de Hero, ou de Athalanta
A classica roupagem !

Em simples trança no alto da cabeça
As fulgidas madeixas apanhadas ;
E a veste pouco espessa
Desenhando-te as fórmas delidadas,
Ao sopro das aragens ondulando,
Teus puros membros morbida beijando ;

E as nobres linhas do perfil correcto
De importunos ornatos destoucadas
Em toda a luz de seu formoso aspecto
Fulgindo illuminadas,
Por sobre a curva dessa fronte bella,
Em que tanto esmerou-se a natureza ;
E o braço nú, e a tunica singela
Com broche d'ouro aos alvos hombros preza.

Mas não o quer o mundo, onde hoje impera
A moda soberana:
Esquivar-se para sempre oh! quem pudera
A sua lei tyranna!

Rio de Janeiro—18 de Julho de 1859.

* * *

1865.— Neste anno escreveu o *Jornal do Comercio* em seu numero de 28 de Agosto :

« *Poesias do Dr. Bernardo J. da S. Guimarães.*
— E' sempre com prazer para nós quando podemos annunciar um livro, não simplesmente de versos, mas de verdadeira e inspirada poesia. Tal é um que o Sr. B. L. Garnier acaba de publicar sob o titulo singelo de *Poesias do Dr. Bernardo J. da S. Guimarães.* Algumas das composições que compoem esta collecção já erão conhecidas e apreciadas do publico, outras vimo-las agora pela primeira vez impressas. Em todas ha uma melodia deleitosa, uma cadencia que seduz, muito vigor de pensamentos o brilho de imagens, e afóra um ou outro descuido, uma linguagem de sabor classico cada vez mais raro nestes nossos tempos de abastardamento da lingua. E, além disto, é uma poesia de cunho brasileiro, não desse cunho que muitos

lhe dão com locuções viciosas e rimas martelladas, com juritys e bemtevis, sabiás e sinhás, mas do que lhe imprimem as imagens, o pensamento, o modo de sentir, o ar, por assim dizer, que ella respira.

« Quizeramos dar aos leitores alguns fragmentos destas bellas poesias, e confessamos que nos embarça a escolha. Na impossibilidade de transcrever quantas merecerião ser transcriptas, tomaremos quasi á esmo uma ou outra.

« Divide-se o livro em cinco partes. A 1^a intitula-se *Cantos da Solidão*, e della tomaremos alguns trechos da *Invocação ao Genio da Poesia*.

Do firmamento nos cerulcos paramos*

« Ha tambem nesta parte uma poesia mui mimosa — *Primeiro Sonho de Amor* :

Que tens, donzella, que tão triste pousas
Na mão de neve a fronte pensativa,
E sòbre os olhos languidos desdobras
O véo dos cilios negros ?!

.

* Justamente uma das desabonadas pelo Dr. Macedo Soares, segundo ficou ácima.

« E ainda desta mesma parte tiraremos alguns fragmentos da poesia brasileira *O Ermo* :

Como é formoso o céu da patria minha !
Que sol brilhante e vivido resplende
Suspenso nessa cupola serena !
Terra feliz, tu és da natureza
A filha mais mimosa ; ella — sorrindo
N'um enlevo de amor te encheu de encantos,
E enfeitou-te das galas mais donosas . . .

.....
« A 2ª parte tem por titulo *As Inspirações da Tarde*.

« Como é bella esta descripção :

Vê que painel formoso a tarde borda
Na brilhante alcatifa do occidente ! . .

« Compõe-se a 3ª parte de—*Poesias Diversas*— quasi todas jocosas, genero em que o poeta já gosava de justa nomeada. Lêa-se, por exemplo, estas estrophes da *Saia Balão*. *

« A 4ª parte é de *Evocações*, e nella o poeta revoca

* Vide pag. 35.

á vida passadas scenas e defuntos amores. A poesia que tem por titulo *Nostalgia*, assim começa :

*Ah ! por que vindes me sorrir agora,
De meus campos nataes doces lembranças,
E nesta alma, que em vão por elles chora,
Reavivar as mortas esperanças ?
Por que trazer-me á mente esmorecida
Miragens da ventura já perdida ? . . .*

«Um poemeto *A Bahia de Botafogo* fórma a 5ª parte. Delle teriamos tambem muitas bellas passagens que transcrever se involuntariamente nos não tivessem já levado tão longe a amenidade da poesia e o prazer de tratar um poeta tão eminentemente nacional, e que ha de honrar as musas patrias estafadas por versejadores sem tom, nem som.»

* * *

A'cerca do mesmo livro pronunciou-se o talentoso e illustrado mineiro Sr. Ovidio J. P. de Andrade, em o *Minas Geraes* n. 531 de 10 de Outubro do mesmo anno :

« No livro de que fallo, ultimamente publicado

no Rio de Janeiro, encontrão-se, além dos *Cantos da Solidão*, já vantajosamente conhecidos do leitor mineiro, primorosas e variadas poesias, que revelão no poeta talvez mais força de genio e incontestavelmente maior macstria no metro.

« . . . É é porque nas *Poesias* de Dr. B. Guimarães achão-se reproduzidas com uma fidelidade de mestre as scenas de nossa existencia actual; é porque ahí são copiados com admiravel exactidão nossos costume, crenças e mesmo superstições, que eu não duvido chamar sobre a sua obra a attenção de todos aquelles que têm gosto e interessão-se pelo progresso das lettras patrias.

«E, nem podia deixar de ser assim : poeta sem pretensões, como elle proprio o diz em uma de suas mais bellas producções, o *Idyllo* :

Eu cantei só por desfarçar o enfado
Do longo caminhar de peregrino ;
Como cantando o misero forçado
Busca esquecer o horror de seu destino.

« O Sr. B. Guimarães canta indifferentemente tudo aquillo que o cerca e o impressiona, anima-o com o sopro de seu genio, dá-lhe vida e belleza, e fa-lo

brilhar com um raio desse facho luminoso que a mão da Providencia acendeu-lhe no cerebro.

« Uma das cousas que eu mais admiro nas poesias do nosso poeta, é a pasmosa flexibilidade de seu talento. Inspirado e verdadeiramente epico no *Ermo* e *Devanear do Sceptico*, faceto e jovial no *Charuto* e *Saia Balão*, phantastico na *Orgia dos Duendes* e *Diluvio de Papel*, terno, languido e sentimental na maior parte de suas composições, o Dr. B. Guimarães sabe conservar, apezar desta grande variedade, sua *autonomia* litteraria; reconhece-se sempre o mesmo homem; sua originalidade não se desmente nunca.

« Eu li, creio ter lido uma censura ás poesias jo-co-sérias do poeta ouro-pretano, e não comprehendo como se possa fazer-lhe um crime de um de seus maiores meritos, a variedade. Ha muita gente que pela disposição particular de seu espirito não aceita como bôa senão a poesia lacrimajante e constantemente sentimental que se tem denominado *Lamartiana*. Para elles o poeta deve passar a sua vida em extase continuo, embriagado pelos perfumes da brisa ou embalado pelo murmurio cadente da fonte do deserto. Não advertem que o bello apresentado sempre sob o mesmo aspecto acaba por tornar-se monotono, e fatiga.

« . . . — Hoje imita-se tanto a litteratura ingleza como a allemã. A poesia em que não se vêm passar alguns bandos de celestes *walkirias*, em que não apparece a sombra de *Banquo*, ou não se fazem algumas allusões ao *Faust*, decididamente não póde prestar: tal é a opinião. Entretanto não vêm nossos litteratos noveis que as grandes figuras um pouco nebulosas da velha Germania tornão-se em suas mãos inhabeis caricaturas ridiculas; não vêm elles que semelhante desvio importa nada menos que a *desnacionalisação* de nossa litteratura, emquanto que este torrão abençoado, aquecido e illuminado pelo sol dos tropicos, offerece á poesia descriptiva scenas de maravilhosa belleza; emquanto que a nossa vida social, meio civilisada e meio selvagem apresenta sublimes e grandiosos contrastes que alimentarião com vantagem a poesia dramatica. Mas para isso é necessario sentir muito, e observar muito, e nem todos dispoem de uma sensibilidade delicada ou são capazes de uma grande attenção.

« O Dr. B. Guimarães é, felizmente, um dos poucos que sabem observar e sentir, e é por isso que suas poesias têm o cunho de incontestavel brazileirismo.

« Na *Invocação*, poesia de inspiração sublime, em que o poeta invoca o genio da harmonia, ha uma

magnifica descripção da tempestade, realçada pela força da linguagem e brilho das imagens :

Sentado ás vezes no alcantil dos montes
Masculos sons das cordas arrancando
A tempestade invocas,
E á tua voz os aquilões revoltos
A desfilada ruem.

E em seu furor uivando encarniçados
Lutão, forcejão como se tentassem
Arrancar pelas bases a montanha !
Alarido infernal atrôa as selvas,
No monte ronca a turva catadupa,
Que por sombrios antros despenhada
Ruge tremendo no profundo abysmo ;
Igneo sulco em subitos lampejos
Fende a lugubre sombra, estala o raio,
E os écos pavorosos ribombando
As celestes abobadas atrôão ;
E a tempestade as azas rugidoras
De monte a monte estende...

« Para fazer-se descripções como esta, é necessario ter presenciado uma tempestade em nossos climas ; é necessario ter comprehendido essa lucta terrivel dos elementos, em que parece que vai dissolver-se o mundo e voltar tudo ao periodo ante-genesiaco do tenebroso cháos.

« No *Ermo*, em que o poeta chora a destruição da raça indigena, e lamenta os estragos feitos pelo machado da civilisação nas virgens florestas do solo

americano, ha descripções de outro genero, mas não menos bellas, nem menos inspiradas. Depois desta magnifica apostrophe :

O' floresta, que é feito de teus filhos ?

« Elle continúa :

Dorme em silencio o éco das montanhas
Sem que o acorde mais o rude accento
Das guerreiras inubias : —nem nas sombras
Semi-nua, do bosque a ingenua filha
Na preguiçosa rêde se embalança.
Calarão-se para sempre nessas grutas,
Os propheticos cantos do piága.
Nem mais o valle vê esses caudilhos
Seus cocáres na fronte balançando.
Por entre o fumo espesso das fogueiras,
Com sombrio lentor tecer, cantando,
Essas solemnes e sinistras dansas,
Que o festim da vingança precedião. . . .

« Mas depois, reconhecendo as vantagens da vida civilisada, e que o homem não destróe a materia, mas simplesmente a transforma para appropriá-la a seus usos, diz o poeta :

Sim, ó virgem dos tropicos formosa,
Nua e singela filha da floresta,
Um dia, em vez de simples avasoia,
Que mal encobre o gracioso talhe,

Te envolverás em fluctuantes sedas,
E abandonando o kanitar de plumas,
Que te sombrêa o rosto côr de jambo,
Apanharás e as tranças perfumadas
A coma escura... ..

«O *Devanear do Sceptico*, poesia cheia de duvida e anxiedade, em que o poeta indaga a causa primaria das cousas, e sente vacillar-lhe a razão quando prescruta os mysterios do abysmo, é um grito de maldição contra a sciencia que elle julga impotente para resolver o problema.

« Esta poesia começa por uma comparação bella e nova, como são quasi todas aquellas que emprega o nosso poeta.

Ai! da avezinha, que a tormenta um dia
Desgarrára das sombras dos seus bosques
Arrojando-a em desertos desabridos
De bronzeo céu de férvidas areias ;
Adêja, vôa, pára... nem um ramo,
Nem uma sombra encontra, onde repouse,
E vôa, e vôa ainda, até que o alento,
De todo lhe fallece, —colhe as azas,
Cabe na arêa de fogo, arqueja e morre!...
Tal é, minha alma, o fado teu na terra.

« A proposito de imagens, não conheço poeta brasileiro que as empregue tão brilhantes, tão justas

e sobretudo tão originaes. Se é verdade, como já se disse, ser a imagem a pedra de toque por onde se possa avaliar o merccimento de um poeta, póde o Sr. B. Guimarães aspirar a um dos primeiros logares em nossa litteratura.

. . . . Veja-se que profusão de imagens originaes e brilhantes encontra-se na bella poësia, que tem por titulo—*Foge de mim!*

Foge de mim, qual foge o passarinho
Do tronco esteril, sem raiz na terra
 Sem sombra, nem folhagem ;
Foge, não queiras perscrutar desta alma
 A lugubre voragem.

Não vás crestar nas chammas de meu peito
Do calice teu a mádida frescura,
 Gentil, candido lyrio ;
Foge, não queiras esgotar commigo
 A taça do martyrio.

Sorris ?... Oh ! quanto é bello o teu sorriso ;
Mas em minha alma derramar não póde
 Nem sombra de ventura ;
E' como o raio da manhã fulgindo
 Em feia sepultura.

Oh ! tu choras ; e as lagrimas que vertes,
Na avidez de meu peito vem seccar-se,
 Bem como almo rocio,
Que o céo derrama em vão na ardente arêa
 De paramo braviõ.

Dizem que os dias meus correm serenos !...
Não creias, não ; a paz que me rodeia
 E' lugubre ironia ;
E' como essa que os tunulos povõa
 Paz gelida e sombria.

« O Dr. B. Guimarães tem, como H. Heine, desses repentes ingenuos e espirituosos que caracterizão os escriptos do litterato allemão. Na primorosa poesia intitulada—*Idyllo*, escripta em uma linguagem de sabor classico, que faz lembrar o D. Jayme, o poeta descreve para a sua amada um sitio de amena frescura e encantadora belleza, e declara-lhe que o escolhe para a sua sepultura. Vendo depois que ella se entristece com idéas tão funebres, e que tornão-se pallidas as rosas de suas faces, diz o poeta para distrahi-la :

« Olha quão bellos os clarões purpureos
Do sol poente morrem no horizonte ;
Os lavradores já descendo o monte
 Demandão seus tugurios

Não tarda a noite ; a relva dos outeiros
De orvalho humida está.

Vamos, amiga ; os sonhos agoureiros
Varre da mente, e vamos tomar chá. »

« *A orgia dos duendes* — é uma poesia de genero phantastico, genero este muito cultivado na velha Allemanha, e que não tem ainda representante entre nós. A julgar-se por esta bella poesia, é o Dr. B. Guimarães eminentemente proprio para tal especialidade, e faz-se credor de elogio por ter introduzido um genero novo em nossa litteratura.

As creações phantasticas da superstição popular apresentam-se ahi embellezadas pela imaginação do poeta, e formão uma orgia infernal, um *Sabbath* monstruoso, em que dançaõ, cantão, e são finalmente dispersas pela *morte*.

« Mas eis que no mais quente da festa
Um rebenque estalando se ouviu :
Golopando através da floresta
Magro espectro sinistro surgio.

Hediondo esqueleto aos arrancos
Chocalhava nas abas da sella ;
Era a morte, que viuha de trancos
Amontada n'uma egua amarella.

O terrivel rebenque zunindo
A nojenta canalha enxotava ;
E á esquerda e á direita zurzindo
Com voz rouca d'esta arte bradava :

« Fóra ! fóra ! esqueletos poentos
« Lobishomens e bruxas mirradas !
« Para a cova esses ossos nojentos !
« Para o inferno essas almas damnadas ! »

Lembra-me que Milton, no *Paraizo Perdido*, faz a *morte* cavalgar um cavallo *pallido*; por que motivo julgou o poeta conveniente mudar a côr e o sexo da famosa cavalgadura ?

Não quero perscrutar suas intenções, e nem tão pouco analysar o bello livro que elle offerece ao publico ; para enumerar só todas as bellezas que ahi se encontrão, seria necessario exceder os limites deste modesto artigo.

Se me fôsse licito, far-lhe-hia unicamente um pedido, e é que continue em sua carreira de inspirado.

Tres motivos bem imperiosos para o coração de um poeta deve impedi-lo de pensar no repouso, o culto da poesia, o amor da gloria e o condão do genio.

.....

* * *

São estas as poesias na ordem em que se achão
nesta 2ª edição :

CANTOS DA SOLIDÃO

- I.—*Ao Illm. Sr. coronel Antonio Felisberto Nogueira.*
- II.—*Preludio.*
- III.—*Amor ideal.*
- IV.—*Hymno á aurora.*
- V.—*Invocação.*
- VI.—*Primeiro sonho de amor.*
- VII.—*A' uma estrella.*
- VIII.—*O ermo.*
- IX.—*O devaneiar do sceptico.*
- X.—*Desalento.*
- XI.—*No meu anniversario.*
- XII.—*Visita á sepultura de meu irmão.*
- XIII.—*A sepultura de um escravo.*
- XIV.—*O destino do vate, á memoria de F. Dutra e Mello.*

INSPIRAÇÕES DA TARDE

- XV.—*Invocação á saudade.*
- XVI.—*Recordação.*

- XVII.—*Ilusão.*
XVIII.—*O sabiá.*
XIX.—*Hymno do prazer.*
XX.—*Hymno á tarde.*

POESIAS DIVERSAS

O nariz perantes os poetas.
A' saia balão.
Ao charuto.
Ao meu anniversario.
Sirius.
Diluvio de papel.
Sonho de um jornalista poeta.
Minha rede.
Galope infernal.
Adeus a meu cavallo branco.
Idyllo.
A orgia dos duendes.
Olhos verdes.
Uma filha do campo.
Ilusão desfeita.
Utinam.
Foge de mim.
Que te direi.
A fugitiva.
O bandoleiro.
Ao cigarro.

Evocações.—(« Não são mais que fragmentos de uma serie mais numerosa que o autor planejou, diz elle em advertencia,—mas que não foi possível completar.—... Como não ha um laço de unidade que ligue entresi intimamente essas diferentes peças, podem ser lidas isoladamente, sem que se tornem incomprehensíveis. ») — *Sunt lacrimæ rerum.* — Preludio.—1ª Evocação.—2ª Evocação.—3ª Evocação.—Lembrança.—Nostalgia.—Saudade.—Lembrar-me-hei de ti.—A meus primeiros cabellos brancos.—Scenas do sertão.—A bahia de Botafogo.

* * *

Neste mesmo anno, já restituído á sua cidade natal, publicou em o n. 494 do *Minas Geraes* as seguintes

ESTROPHES AOS VOLUNTARIOS MINEIROS

Por occasião de sua partida de Ouro-Preto para a provincia de Matto-Grosso

Mineiros, um feroz aventureiro
Que o inferno vomitou,
Do bello territorio brasileiro
Transpôr a raia ousou
Tingindo em sangue e sepultando em ruinas
Vossas viçosas, placidas campinas.

Do alto Paraguay nas ermas bordas
O regulo insensato
Envia a esmo esfarrapadas hordas
De povo rude e ingrato,
Que não combate, não ; mas assassina
E por divisa tem—Carnificina. . .

Por lá dos irmãos nossos indefesos
O sangue corre em jorro ;
Eia ! cumpre-nos já em ira accesos
Voar em seu soccorro,
De tamanha traição, tanta matança
Troar inteira, asperrima vingança.

A Patria afflicta vosso esforço implora,
Valentes lidadores ! . . .
E cumpre, que corrais já sem demora
Livra-la dos horrores
Com que o assassinato, o roubo, o crime
Nas fronteiras do sul o Imperio opprime.

E não é só a Patria ! A humanidade !
A terra, o céu reclama
Vingança contra tanta iniquidade !
Um grito se derrama
Por toda parte—guerra aos vis piratas,
Guerra ás cohortes barbaras e ingratas.

Ide, heroicas, intrepidias phalanges,
Colhêr da gloria os louros,
E ao lampejo de rabidos alfanges,
Ao silvo dos pelouros,
Ao tredo cangussú do Paraguay
As sanguinosas garras arrancai !

Sejão muitos, embora ! São captivos
De um despota sanhudo :
Para vós de um livre imperio heróes altivos
A liberdade é tudo :
De entre vós um punhado só de bravos
Póde vencer cohortes mil de escravos.

Sobre o leão dormindo o tigre astuto
O bote preparava ;
E no nobre animal o arteiro bruto
Sanguentas unhas crava :
Mas o leão acorda, e ao seu rugido
O vil recúa de pavor tranzido.

O Brazil acordou, que a guerra o chama,
O tigre paraguayo,
E ao brado seu, que ao longe se derrama
Troando, como o raio,
Um eco só des' do Oyapock ao Prata
Responde — guerra ! guerra ao vil pirata !

Já das crespas montanhas, já do seio
Das selvas seculares
Surdem, ardendo em bellicoso aneio,
Guerreiros aos milhares,
Impacientes por lavrar a injuria
Que nos irroga essa nação espuria.

Que exemplos de heroismo não vais dando,
Terra de Santa Cruz !
Idosa mãe, o filho abençoando
Entrega-lhe o arcabuz.
E diz-lhe : — Vai, onde o dever te chama,
Que a mãe commum o braço teu reclama.

Ali honrado velho valoroso
A longa idade esquece,
E o sangue seu offerta generoso
A' Patria, que padrece ;
Além imberbe moço impaciente
Ser homem já deseja de repente.

Além um pai os filhos arrebanha
Para a cruzada honrosa,
De tres irmãos ao campo os acompanha
Phalange gloriosa
A compartilhar seus riscos e fadigas
Em frentes das cohortes inimigas.

O esposo amante arranca-se dos braços
Da nova linda esposa,
Que sequiosa de seguir-lhe os passos
Dizer-lhe adeus não ousa,
E partilhar querendo o seu destino
No berço deixa o filho peregrino.

Do norte ao sul o povo brasileiro
Da patria ao grito acóde;
Seu brio heroico e impeto guerreiro
Conter ninguem mais póde
Ardendo por plantar seu pavilhão
Nos odiosos muros da Assumpção.

Eis o garboso pavilhão querido
De nossa independencia,
Contra o qual mil affrontas tem cuspidas
A estúpida insolencia
De um misero caudilho desalmado,
Que a humanidade e a Deus tem ultrajado.

Já por entre o estampido das metralhas
Brazilico trophéo
De Paysandú fulgura nas muralhas
E de Montevidéo ;
O éco da vingança alto restruge,
E a vil panthèra nos seus antros ruge.

Ruge, tigre faminto e sanguinario,
Que ruges muito em balde !
Não vês que o teu destino é tão precario?...
Ao vento se desfralde
Teu estandarte... Ruge muito embora,
E em desespero os filhos teus devóra!...

Aqui ou lá o desafio aceitão
Da liberdade os filhos,
Que com desprezo a luva sempre aceitão
De barbaros caudilhos.
Aqui ou lá nos muros da Assumpção
Ha de nos dar cabal satisfação.

Filhos da liberdade, avante ! avante !
Erguei vossa bandeira ;
Ide troar ao despota arrogante
Sua hora derradeira.
Oh ! não ! não deixeis mais ficar inulta
Essa bandeira que um covarde insulta !

Vêde que a offensa é grave, heróes de Minas !
E' força pôr um dique
Aos desmandos das hordas assassinas
Do barbaro Cacique.
Escravos vis invejão-nos a sorte,
E querem dar-nos captiveiro ou morte.

Querem tambem curvar-nos o pescoço
Ao vergonhoso jugo.
Com que os humilha um treslocado moço,
Um despota verdugo,
Que o povo e a patria tendo por herdade,
Nella não quer nem leis, nem liberdade.

Ide, correi ao campo da victoria,
Soldados valorosos!
E as paginas enchei de vossa historia
De feitos gloriosos,
E com assombro saiba o mundo inteiro
As façanhas do exercito mineiro.

De Gomes Freire, Claudio e Tira-dentes,
Nas brumas do horizonte
Surgindo vejo as sombras eminentes
Por cima do Itamonte,
E de outros preclarissimos avós
Que os olhos seus tem fitos sobre vós.

Neste monte um altar á liberdade
Intrepidos alçarão,
E a obra de sua heroicidade
Com sangue cimentarão,
De lá elles aguardão satisfeitos
Os, que ides praticar, sublimes feitos.

Avante, pois, ó filhos das montanhas,
Que a gloria vos convida
A defender em asperas campanhas
Os bens, a honra, a vida,
Que um bandido feroz de espuria raça
Com seus salteadores ameaça.

O tempo corre e as victimas
De horrida matança
Lá jazem pelos campos inseultas
A' espera de vingança ;
E' Deus, que hoje vos manda a dar castigo
A tão feroz e perfido inimigo.

Ao sol da gloria, ao som dos patrios hymnos
Alegres desfraldai
O auri-verde pendão, que hoje os destinos
Ao rude Paraguay
Envião para dar lição severa
A' mais astuta e carniceira féra.

Ide, correi em seu negro covil
Os tigres rechassai
E a flamula auri-verde do Brazil
Nos muros seus plantai :
Ide, correi, cahi bem como o raio
Sobre o vil insolente paraguay.

Voltai depois trazendo em vossa fronte
Os louros da victoria,
Para contar ás filhas do Itamonte
A gloriosa historia
Dos estranhos trabalhos que tivestes,
Das heroicas proezas que fizestes.

No pantheon da gloria fulgurando
Um nome então tereis,
E a terna esposa e os filhos abraçando
Por fim encontrareis,
Nos lares vossos, paz e liberdade,
E por todo o Brazil prosperidade.

Ouro-Preto, 5 de Maio de 1865.

* * *

Em 1867 o Sr. João Raymundo Duarte* dirigio á redacção do *Diario de Minas* a seguinte carta (impressa em o n. de 1º de Março):

« Prestando o devido apreço á biographia do distincto poeta diamantino, o Dr. Aureliano José Lessa, tão habilmente elaborada em um dos numeros de seu *Diario*,* veio-me á lembrança o desejo de vêr tambem nelle publicada uma das folhas de um livro a que chamo — *Meu album*.

« Compõe-se esta de delicadas endeixas dedicadas á saudosa memoria desse grande poeta por um dos seus mais particulares e intimos amigos, por um daquelles que talvez mais o souberão comprehender na vida.

« Seus genios, filhos das mesmas inspirações e sentimentos, pretendêrão, unindo-se, dar em commum a publicidade de seus cantos, mas não o conseguirão; a mão da fatalidade, constantemente disposta a perturbar os designios humanos, os separou para sempre, enchendo-lhes os corações de amargurada tristeza e

* Este nosso estimavel comprovinciano, apaixonado amante das nossas letras, é o autor da excellente descripção da cidade de Ouro-Preto, publicada na *Viagem Imperial* a Minas-Geraes em 1881, escripta pelo correspondente do *Jornal do Commercio* (o Sr. J. Tinco).

* Da penna do autor da presente « *Grinalda*. » P. C.

roubando á litteratura brazileira talvez uma das suas melhores paginas !... .

« Fallo do nosso distincto amigo o Sr. Dr. Bernardo Guimarães.

« Ninguem ignora a amizade que tão estreitamente ligava em S. Paulo Bernardo Guimarães, Aureliano Lessa e Alvares de Azevedo, e talvez já presentemente tivéssemos entre mãos a obra per elles annunciada sob o titulo das — *Tres lyras*, se o destino não os separasse para sempre.

« Pensando ainda nessa amizade foi que me veio o desejo de apresentar ao publico um dos primeiros ornamentos de meu modesto *Album*, uma delicada poesia, que; exaltando as qualidades do Dr. A. Lessa, deixa um campo vasto em que se póde admirar o talento já muito conhecido do Sr. Dr. Bernardo Guimarães, e assim, transcrevendo-a fielmente, rendo um voto de homenagem a esses dous genios, que tanto honrão á provincia de Minas.

« Foi ella inspirada pela vista de um desenho que representa um dos campos dos suburbios da cidade Diamantina, e ei-la :

« E' ainda em vosso *Album*, que vou achar a fonte de minhas inspirações.

« Vede essa fresca e ridente paisagem que vossa

mão desenhou em uma de suas paginas. Diamantina! esse nome, essa paisagem me trazem a lembrança a imagem de meu muito querido e saudoso amigo o grande poeta A. J. Lessa. Permitta, pois, que grave ainda algumas endeixas de saudade á memoria desse bello genio, e desse sempre chorado amigo.

*Helas ! je n'ai point vu cet sejour enchanté,
Ce beau ciel, où il a tant de fois chanté !*

Ei-los, —os bellos encantados sitios,
O céo puro e risonho,
Que o virão nascer, e que o embalárão
Em seu primeiro sonho.

Forão estes os campos que na infancia
Os olhos lhe arroubárão,
Estes os céos, que os vividos fulgores
Na mente lhe entornárão.

Ahi nutrio a phantasia ardente
De imagens fulgurantes
Ao murmurio do correço, que rola
Rubis e diamantes.

Ahi tambem, depois de longamente
Peregrinar no mundo,
Sentio canção e tédio da existencia
E desprazer profundo.

E ainda no verdor dos bellos annos
O meu saudoso amigo
Sorrindo de desdem foi reclinar-se
No ultimo jazigo.

—
Seu genio era tão limpido brilhante
Bem como o diamante
De seu paiz natal,
Impetuoso como a cataracta
Que tomba e se desata
Pelo profundo val.

Da patria sua as fontes e os rochedos
Melodicos segredos
Nos labios lhe infiltrarão ;
E as fadas dos arroyos diamantinos
Mil delicados hymnos
Sorrindo lhe ensinarão.

A negra, pertinaz melancolia
Longe de si bania
Tangendo a doce lyra ;
Se algum pezar a mente lhe roçava
As azas lhe queimava
Da inspiração na pyra.

Mas, nem sómente a musa galhofeira
Alegre e prasenteira
Vinha inspirar-lhe o canto.
Ah ! quantas vezes, quantas, sobre a lyra
O bardo não sentira
Correr acerbo pranto !

Outras vezes rasgando ethereos véos
O arrebatava aos céos
Valente inspiração ;
Então não era mais simples poeta ;
Fallava qual propheta
À Deus e á criação.

Sua bella alma nunca a vi vasia
De amor, de poesia
E nobres sentimentos.
Se alguma dôr o seio seu ralava,
Para si só guardava
As penas e os tormentos.

Rindo e cantando perpassou de leve
Da vida espaço breve,
Lusente meteóro ;
Rindo e cantando foi para o jazigo
O tão saudoso amigo,
Por quem té hoje choro.

Ouro-Preto, 14 de Agosto de 1865.

* * *

No mesmo periodico n.º de 13 de Janeiro do dito
anno lê-se a seguinte :

AO MEU AMIGO O ILLM. SR. DR. FRANCISCO DE PAULA PEREIRA
LAGÔA, POR OCCASIÃO DO FALLECIMENTO DE SEU PAI

*Durum, sed levius fit patientia
Quidquid corrigere est nefas.*—HORACIO.

Em frente de um sarcophago funereo
Vejo-te, amigo ;—atroz melancolia
Te paira sobre a mente atormentada,
Como nuvem sombria.

E' grave a tua dôr ;—austera e funda,
Como da campã o seio tenebroso ;
E o peito afflicto como que se fende
No arquejo doloroso.

Uma nuvem de lugubres idéas
Eu vejo em tua mente esvoaçando,
Como abutres famintos, de teu peito
As fibras lacerando.

Nem um suspiro, nem uma só lagrima
Pelas immoveis palpebras transuda ;
A dôr, que é grande e funda, não tem prantos,
E como a campã é muda.

Debalde invocas de tua alma a força
Nesse transe de acerbo soffrimento ;
Corre-te em bagas pela fronte pallida
Suor de desalento.

Nesse ataude entre brandões funercos,
Quem é que ao som de um dobre pezaroso,
Lá vai caminho da mansão medonha
Do perennal repouso?

Por que fitas, amigo, olhar sombrio
No quadro desta campã a pouco aberta ?
Por que razão ante a visão sinistra
Te ondeia a mente incerta ?

Ai ! que lá tomba sobre os frios restos
De um pai querido a lapida pesada !
Aos olhos teus sumio-se para sempre
Aquella effigie amada.

Fatal destino, que te enluta os dias,
Te abriu no coração cruel ferida ;
Ei-lo deitado sobre o chão da morte
Esse que deu-te a vida !

Em dia infausto o pallido phantasma
Co' as fuscas asas te roçou nos lares,
E os transformou em lugubre morada
De angustias e pezares.

O tufão arrancou o tronco annoso,
E o debruçou no leito do jazigo,
Deixando as tenras plantas, que o rodeião,
Sem sombra e sem abrigo. . . .

Mas não entregues indefeso o peito
Da dôr cruel ao despiedado embate ;
No broquel da razão, que te illumina,
Os golpes seus rebate.

Quem na campa de um pai, ou mãe querida
Não tem vertido o pranto de saudade ?
Quem neste mundo não trajou chorando
O lucto da orphandade ?

Tal é da humanidade sempre a sorte !
Foi sempre o mundo um vasto cemiterio,
Onde a morte implacavel alardeia
O seu fatal imperio.

Da vida o curto e afadigado curso
Vai por sendas de tumulos orladas ;
De extinctas gerações a cada passo
Calcamos as ossadas.

E a vida é sonho breve ; o mundo um ermo,
Que transpomos á pressa ; a realidade
Essa existe sómente além da campá,
Está na eternidade.

Desvia, pois, teus olhos macerados
Dessa tristonha e lugubre mansão ;
E eleva a ideia a regiões mais altas
Nas azas da razão.

Ergue tua fronte e impavido te apresta
A proseguir tua missão no mundo ;
Ah ! não fraquês na afanosa lucta
De teu pezar profundo.

Na poeira das campas não mais deixes
Rebolcar-se abatido o pensamento ;
E da esperança nas espheras puras
Respira novo alento.

Paz aos mortos ! a nós cumpre marcharmos
Até da vida os arraiaes extremos,
Onde um dia também o eterno pouso
E lagrimas teremos.

Avante, pois ! tua formosa estrella
Inda allumia as sendas do porvir,
E na carreira de teus bellos dias
E' força proseguir.

Bem sei que magoas taes não se consolão ;
Deixe-se envolta em seu luctuoso véo
Tão justa dôr, — consolações á ella
Só podem vir do céo.

Assim nas dôres que te pungem n'alma,
Que mais eu posso, humilde trovador,
Senão mesclar ás lagrimas do amigo
Um cantico de dôr...

O anjo das dôres santas, que em teu peito
Verte hoje a flux o fel das amarguras,
Venha elle mesmo os prantos enxugar-te
Com suas azas puras.

Ouro-Preto, Dezembro de 1866.

* * *

Neste anno publicou o seu romance—*O Ermitão de Muquém—Historia da Fundação da Romaria de N. S. da Abbadia de Muquém na Provincia de Goyaz.*

Lê-se no *Constitucional* de Ouro-Preto n. 24 de 11 de Fevereiro de 1866 :

«*Romance Brasileiro.*—Sob esta epigraphé diz o *Oriente de Pernambuco* em seu n. 15:

»No *Constitucional* de Ouro-Preto está se publicando um romance brasileiro escripto por um dos nossos primeiros poetas, o Dr. B. Guimarães. Intitula-se—*O Ermitão de Muquém*, e tem por fundamento historico a fundação da romaria de N. S. da Abbadia de Muquém na provincia de Goyaz. E' um excellente escripto de merito incontestavel pelo que respeita á fôrma, e de curioso interesse pela descripção

de scenas e costumes locais de que é ainda tão pobre a litteratura brazileira, quando aliás nenhuma outra poderia ter esses predicados com maior vantagem.

Seria muito para desejar que o illustre poeta dos *Cantos da Solidão* reduzisse a volume este interessante romance de que é primeiro editor o *Constitucional*.

Em 1867 :

GENTIL SOPHIA

Ballata

- « Fia já, minha Sophia,
Fia,
« Enquanto eu faço esta coisa,
Eia !
« Estás hoje com tamanha
Manha,
« Que não sahes dessa janella ;
Nella
« Queres vêr os estudantes
Antes
« Do que acabar depressa
Essa
« Tarefa, que ahi fica á banda ;
Anda !
« Pega já no teu serviço ;
Isso !
« Antes, que as ventas te esbarre !
Arre ! »
-

Tal a velha moxibenta

Benta

Os seus ralhos redobrava

Brava,

Emquanto a gentil Sophia

Fia.

A coitada da netinha

Tinha

Em seu peito bem occultos

Cultos,

Que a ninguem revelava ;

Lava,

Que o seu peito todo inflamma .

Flamma,

Que a trazia em mil apuros

Puros .

E abrindo sem receio

Seio,

Que desconhece os ardis,

Diz :

« Perdão, minha avó materna

Terna,

« Se eu para meu repouso

Ouso

« Abrir de meu coração

São

« Os occultos escaninhos

Ninhos

« Em que amores eternos

Ternos

« Os cuidados, que me aturdem,

Urdem. »

A isto a velha casmurra

Urta,

E com voz endiabrada

Brada :

« Disseste em palavras poucas

Oucas,

« Quanta asneira ha neste immundo

Mundo.

« Menina, tão feias cousas

Ousas

« Declarar á tua avó ?

Oh !

« Se acaso de amor as chammas

Amas,

« Vai buscar n'outros logares

Ares,

« Que eu não ouvirei jamais

Ais

« De menina apaixonada ;

« Nada ! »

Mas Sophia lhe responde :

« Onde

« Quereis agora, que eu vá? . . .

Ah !

« Minha avó por piedade

Ha de

« Escutar-me alguns instantes

Antes

« De me lançar para fóra :

Ora

« O que a amar me levou,

Vou

- Contar lavando esta louça,
Ouça,
- Vi um dia um moço lindo
Indo
- A passar nesta janella ;
Nella
- Pregava um olhar inquieto
Quieto
- Na guitarra um som vibrando
Brando
- De amor cantou me diversos
Versos.
- Sua voz, que tanto encanta,
Canta,
- E diz com lindo reclamo
Amo !
- Em meu peito essa palavra
Lavra,
- E esta alma, que não socega,
Cega.
- Depois nesta sua escrava
Crava
- Um olhar, de que morri ;
Ri,
- E me diz :— Eu serei teu,
Eu ! —
- Serei tua — lhe respondo
Pondo
- A mão sobre o coração
São
- E chegou-se muito esperto
Perto,

- E com toda a garridice
Disse :
- Tu és como a primorosa
Rosa
- Posta em vaso de alabastro ;
Astro,
- Que me allumia o presente ;
Ente
- Que eu mais préso e mais anhélo ;
Élo
- De uma prisão suave ;
Ave,
- Que me canta mil divinos
Hymnos ;
- Anjo, que traz-me em delirio ;
Lyrio,
- Cujos seio puro extreme
Treme,
- Se a brisa dá-lhe sobejos
Beijos.
- Em torturas violentas
Lentas
- Antes eu n'uma masmorra
Morra,
- Do que vêr quebrar os bellos
Élos
- Do grilhão, que amor prepa a
Para
- Nossa união sempiterna
Terna. .

A velha responde assim :

- « Sim !
- « Bem conheço esse insolente
Ente,
- « Que insuflou-te tamanhas
Manhas ;
- « Eu acho no tal sujeito
Geito,
- « De quem nem um só vintem,
Tem.
- « Como homem, que não se emprega,
Prega
- « Muita pêta aos innocentes
Entes.
- « Tu estás muito enganada...
Nada!...
- « Para casar é preciso
Siso. ...
- « Olha, que aquelle demente
Mente,
- « E para que te seduza,
Uza
- « Desses meios e promessas,
Essas
- « Elle nunca as cumprirá !
Ah!...
- « Se eu o pilho á vontade,
Ha de
- « Soltar a poder de murros
Urros....
- « Ah ! tratante!... Velhacão! ..
Cão!... »

A menina irresoluta
Luta
Em mil angustias mortaes,
Taes,
Que ião quasi suffoca-la ;
Cala,
Mas enfim volta-lhe o alento
Lento,
E com a voz alquebrada
Brada :
« Minha avó, não vos zangueis ;
Eis
« Como o caso succedeu :
Eu
« Já casei com esse innocente
Ente,
« A quem votais tão serodio
Odio ;
« A elle, a quem agradei,
Dei
« O que mais uma donzella
Zela,
« Seu amor, sua fé constante
Ante
« Vosso vizinho compadre
Padre.
« Elle possui de ante-mão
Mão,
« Que ha muito tua netinha
Tinha
« Ao esposo bemfado
Dado. »

Eis que a velha vocifera
 Fera,
E de uma ferradura
 Dura,
Que o acaso ali mostrava,
 Trava,
E a menina desditosa
 Tosa.
A netinha em gritaria
 Ia
Pelos cantos obliquando,
 Quando
Vendo aberta uma janella
 Nella
Procurando uma escapula
 Pula.
E pela rua se vai.
 « Ai!
 « Tenho a cabeça quebrada ;—
 —Brada—
 « E para pedir soccorro
 Corro. »

Nisto o vizinho compadre
 Padre.
Bom pastor de vida obscura,
 Cura,
Que com sua salva-guarda
 Guarda
Das almas o socegado
 Gado,

Ouvindo os descommunaes
Ais,
Que a donz lla, que o acordava,
Dava,
Da cama pula de um salto
Alto,
E a quem delle se soccorre,
Corre ;
E diz á velha casmurra :
« Urrah !
« Perdão, se eu sem estorvo
Tôrvo
« Pela sua casa a dentro
Entro.
« O' meu Deus ! que de escarcéos !
Céos !
« Que hoje o mundo vem abaixo
Acho !. . .
« Esta casa já tão tarde
Arde.
« Entre mil endiabrados
Brados !. . .
« Comadre que muito berra,
Erra,
« E quem tanto se arreganha,
Ganha,
« Com tamanha matizada
Nada,
« Vossa netinha innocente
Sente.
« Dentro d'alma uns arrepios,
Pios

« Por um rapaz que a merece ;
Esse,
« Pelos laços do hymeneo
Eu
« Já uni á sua amante
Ante
« O altar do Omnipotente
Ente.
« Um do outro sem remissão
São ;
« E não ser isto chimera
Mera,
« Eu mesmo, que os enlacei,
Sei. »

Do padre a falla singela
Ge'a
As furias da moxibenta
Benta,
E a ferrenha catadura
Dura
Em um instante quedou-se
Doce ;
E todo aquelle serodio
Odio
Qual palha aos golpes da foice
Foi-se.

E emquanto a pobre netinha
Tinha
Nos olhos cheios de magoa
Agoa,

Lhe diz a vovó materna

Terna :

- Já que como tu pudeste,
Dêste
- Tua mão a esse innocente
Ente,
- Tambem dentro desta casa
Casa,
- Que eu darei a teu esposo
Pouso. »

(*Diario de Minas* de 3 de Outubro de 1867).

* * *

Neste anno (1867) o Dr. Ferreira de Menezes gravava as seguintes palavras no folhetim do *Correio Mercantil* de 24 de Março, fallando do nosso aniquilamento litterario :

« Porto-Alegre atirou um livro, uma epopéa á attenção publica, e atirou-se no deserto e no silencio. Azevedo, Junqueira e Casimiro dormem o somno da eternidade.

« Bernardo Guimarães perde-se lá pelas montanhas de Minas esquecido da gloria e desprezador da musa. Quem irá buscar o formidavel Achilles para as lutas heroicas ? »

* * *

Então enriquecia o nossopoeta os jornaes da sua provincia com sua penna infatigavel. Leião-se os srguintes folhetins :

« Graças ao céo, podemos desta vez annunciar ao publico que no decurso desta quinzena, que lá se vai, cessarão os furiosos aguaceiros, que affligirão por tanto tempo esta bella provincia, deixando arruinadas todas as estradas e difficultando o transito.

« Temos tido puras e esplendidas manhãs, tardes serenas e fulgurantes com seus variados matizes bordando os horizontes, e formosas noites de luar.

« O velho Itamonte desembuçou-se de seu capuz de nuvens e pôz a calva á mostra, e a aurora todos os dias vem afaga-la com um beijo do amor, cingindo de uma aureola de pura e deslumbrante luz esses azulados e rugosos pincaros tão celebrados pela musa classica do veneravel Claudio.

« O calor nestes ultimos dias tem attingido ás vezes a mais de 80 grãos centigrados, cousa que não é muito commum aqui em Ouro-Preto.

* * *

« Mas se o céo tem dado algumas tregoaas ás chuvas e agoaceiros, com que por tanto tempo nos

ensopou, mandando-nos dias de sol ardente para enxugar-nos, ahi veio o entrudo para substitui-lo, e nos molhar a todos dos pés á cabeça.

« O entrudo, esse velho folgasão, do qual tão amigo, os nossos antepassados, e ainda em nossos dias tão querido e festejado, o entrudo, que todo o mundo julgava proscripto, condemnado e morto irremissivelmente, deixando o sceptro da folia ao seu irmão carnavalesco, o entrudo resuscitou em Ouro-Preto!

« Por conseguinte, alleluia !

« E esses, que ainda ha pouco o condemnavão como brutal e barbaro, são hoje os mais apressurados em abraça-lo com o sorriso nos labios, em applaudir suas inoffensivas loucuras e amaveis desatinos.

« Seja, pois, muito bem vindo entre nós o velho amigo da nossa infancia.

« E como não seria assim, se elle se apresenta de novo em nossa sociedade introduzido pelos mimosos braços das graciosas creaturas, que trajão o balão ?!.

« Sim, fôrão essas creaturas, frageis e poderosas a um tempo, que se puzerão á testa dessa importante e grandiosa revolução social—a restauração do entrudo.

« Não havia resistir-lhes. Diante de um batalhão dessas encantadoras e gentis guerrilheiras, com as

mimosas mãos bem providas de balas, granadas e foguetes a congreve, toda a resistencia seria inefficaz, inutil.

« A policia do Sr. Dr. Francellino, e nem todas as policias do mundo poderião jámais oppôr um dique á torrente revolucionaria.

« E' que na verdade o carnaval era um estrangeiro intruso, imposto ao povo bem a seu pezar.

« O seu dominio foi um interregno de alguns annos, durante os quaes, em vez de consolidar-se no poder, não fez mais do que comprometter-se.

« A opinião reagio contra elle, e conferio de novo o sceptro da folia ao nosso velho patricio e amigo — Entrudo.

« Seja elle, pois, muito bem vindo.

« Não haja indiscrição, nem excesso da parte dos amigos do velho brincalhão, e tudo correrá em paz, sem se darem scenas desagradaveis, nem funestos resultados.

« Em bôa hora venha elle, pois, e nós, amigos leitores, celebremos a sua resurreição, cantando em côro:

« Alleluia! Alleluia!...

* * *

« A respeito mesmo de entrudo ou carnaval um facto bem notorio vai ter logar, do qual não nos consta

ter-se dado outro exemplo no Imperio de Santa Cruz.

« Este facto nunca visto é, que a eleição secundaria terá logar exactamente no ultimo dia de entrudo ou carnaval.

« São já dous phenomenos singularissimos, que tornão notavel o decurso deste anno. O outro é não ter havido lua cheia no mez de Fevereiro, phenomeno este, que no dizer dos astronomicos, só se reproduz de milhares em milhares de annos.

« Esta exquisita coincidencia da eleição com o carnaval tem dado muito que scismar a certos espiritos por demais apprehensiveis.

« Quem sabe, dizem uns, se a eleição não será um reflexo fiel das scenas do dia em que vai ser feita, isto é :—confusão, inversão de tudo, saturnal, folia, frioleira, mascara e mentira ?

« Outros receião, que os descontentes da situação, formando-se em grupos foliões a jogar entrudo, e prevalecendo-se da immuniidade de que todos gozão nesse dia consagrado á deosa Folia, não assaltem as casas municipaes molhando eleitores, urnas, cédulas, papeis e tudo, produzindo assim a nullidade da eleição por *inundação* (caso não previsto na lei eleitoral).

« Nós, porém, não damos importancia alguma a

essas sinistras previsões, proprias de cerebros visionarios, capazes de dar credito até ás prophcias de Bandarra; e temos plena convicção de que esse phenomeno da coincidencia da eleição e carnaval se dará sem o menor perigo, sem que possa produzir eclypse total nem parcial de uma pelo outro, e no firmamento politico continuará a reinar luz e serenidade.

.

* * *

« No meio dessa praça, que ahi vêdes, ponto central de nossa cidade, ha de haver cerca de 80 annos, via-se plantado um poste, sempre guardado por uma sentinella, sobre esse poste estava cravada uma cabeça humana.

« Essa cabeça, cujos longos cabellos fluctuavão ao vento das montanhas, que a balouçava com lugubre crepitar, esse craneo, resequido e vazio então, outr'ora abrigára em si pensamentos generosos e sublimes, e concebêra o audacioso plano de nossa emancipação politica; e, por isso, hasteada ali por irrisão, incutia terror aos povos attonitos de tão horrorosa atrocidade, enquanto as outras partes do corpo do martyr, por um

luxo inaudito de crueldade, tinham a mesma sorte dispersados por diversos pontos da provincia.

« Essa cabeça era a do infeliz e heroico Joaquim José da Silva Xavier, cuja negra historia todos sabemos desde a infancia, porque aprendemo-la dos labios de nossos pais, que no-la contavão estremecendo e com os cabellos eriçados de horror.

« Pois bem, no meio dessa mesma praça, e quem sabe, no mesmo logar, em que outr'ora se erguia o execrando poste, trata agora o povo ouro-pretano de erguer um monumento que commemore o glorioso acontecimento da *Inconfidencia*, e recomende á posteridade os nomes illustres de Xavier e de seus companheiros de martyrio.

« A idéa é nobre e generosa ; é mesmo um dever sagrado, que o povo mineiro já a mais tempo devia ter desempenhado, para com as sombras venerandas desses gloriosos martyres da liberdade.

« Um bello e duradouro monumento deve vingar esses illustres nomes, dignos de todo o nosso respeito e admiração, do vilipendio e execração, a que os tinham votado seus algozes, e fazer reverter todo o pezo da maldição dos seculos sobre a memoria abominavel dos tyrannos.

« A idéa, repetimos, é nobre, é grandiosa, é santa ;

mas a sua execução corresponderá ao grandioso do assumpto ?

«Ou porventura iremos amesquinhar com um monumento insignificante na fórma e nas proporções a grandeza desse glorioso acontecimento ?

«Por certo não podemos erigir á memoria das illustres victimas um monumento colossal como as pyramides do Egypto, a columna de Vendome, e nem mesmo como o bronze do Rocío.

«Mas tambem é bem certo que, assim como uma ode ou um poema ruim, feito em louvor de algum heróe, em vez de concorrer para a sua gloria, póde expô-lo ao ridiculo, tambem um monumento mesquinho é o mesmo, ou peor ainda que nada.

«Perdoem-nos a franqueza os illustres executores de tão bella idéa, pelo que se vê dos materiaes e do começo da obra, esse monumento está longe, mui longe, de corresponder á magnitude do assumpto, que se quer commemorar.

«E nesse caso não teria sido melhor adiar a execução dessa idéa para mais tarde, procurando reunir mais elementos e recursos para erigir um monumento que mais dignamente symbolisasse esse grande acontecimento ?

«Mas não se fez assim ; a idéa surgio em um dia,

e no outro já começava a sua realização ; não era de esperar outro resultado.

«Todavia aguardamos a conclusão da obra para dar um juizo definitivo sobre o seu merito, e desejamos que, depois de erigido o monumento, destrua as nossas previsões, produzindo um magnifico effeito.

* * *

«No nosso exercito e esquadra no Paraguay ainda não houverão operações decisivas, mas houve, como sabem os leitores, um grande bombardeamento no dia 2 do passado, bombardeamento que durou o dia inteiro, e que teve em resultado ficarem as fortificações de Curupayti em grande parte arrasadas, sendo atacadas simultaneamente tanto pelo lado do rio, como da Lagôa-Pires. Isto, dizem as folhas — ainda não foi um ataque decisivo ás linhas inimigas, mas sómente um reconhecimento em força.

«Se um reconhecimento em força produz taes resultados, o que será, quando resoluta e decisivamente o exercito e esquadra investirem contra as trincheiras inimigas ?

«De certo não ficará pedra sobre pedra, e essas famosas fortalezas paraguayas, assombro e espantallo

da America do Sul, dentro em um só dia ficarão reduzidas a zero.

«O que é preciso é que este ataque decisivo se dê, e não se fique sempre em reconhecimentos e operações preparativas, deixando-nos eternamente a esperar...

«Esperer. Enfant! demain et puis demain encore!

«Et puis toujours demain!

«Constava tambem, mas esta noticia precisava de confirmação, que parte da esquadra, rompendo pelas baterias de Curupaity, tinha subido o rio, e tinha começado a bombardear Humaitá com algum resultado.

«O certo é, que esse grande prestigio de que gozavam até aqui os baluartes paraguayos vai de dia em dia se desvanecendo diante dos esforços lentos, mas continuados, da esquadra e exercitos alliados.

«Dos exercitos alliados dizemos mal; a triplice aliança, talvez para felicidade nossa, já não existe senão *in nomine*.

«O elemento oriental quasi que tende a desaparecer completamente do exercito, suas forças são de ha muito ali representadas por um algarismo insignificante. O elemento argentino, depois que do acampamento se retirou Mitre com grande parte de suas forças para debellar a revolução do seu paiz, é tambem uma fracção quasi nulla do exercito.

* * *

«E' notavel que nesses bombardeamentos repetidos das fortalezas paraguayas a perda de homens por nossa parte tenha sido insignificante entre mortos e feridos.

«Isto parece indicar que Lopez nos seus formidaveis reductos ou não tem guarnição sufficiente, ou não lhes sobejão munições, ou seus canhões são inferiores aos nossos.

«Seja como fôr, o que se está vendo é, que depois do desastroso e sanguinolento ataque de Curupaity, a guerra no Paraguay tem sido feita não contra homens, mas sómente contra pedras, fossos, estacadas banhados, mattas e trincheiras.

«A tarefa de nossas forças tem sido como a de quem abre lenta e trabalhosamente uma estrada através de um terreno difficil, ingrato e escabroso, entulhando fossos, fazendo saltar rochedos, arrasando florestas, e vencendo um milhão de difficuldades oppostas pela natureza.

«E' o caminho da Assumpção que estamos abrindo por agoa e por terra.

* * *

«Faremos aqui ponto final, não porque nos taltem assumptos para dissertar longamente; mas tememos

usurpar demasiado espaço ás columnas superiores ; e sobretudo reccamos tornar-nos massantes, e o massantismo é o pcor dos flagellos, que sahirão da fatal boceta de Pandora.

«E, portanto, aqui nos despedimos dos leitores e das amaveis e graciosas leitoras, fazendo votos, para nos tres dias que vão seguir, tenham festas as mais alegres e folgazãs possiveis, entregando-se com abandono ás folias do entrudo, sem que lhes aconteça o mais leve incidente desagradavel.»

(Do folhetim do *Diario de Minas*, de 2 de Março de 1867.)

* * *

«Ainda uma quinzena gemea ! .. E isto depois de uma lacuna immensa, depois dessa longa interrupção cujos motivos tive a honra de explicar aos leitores na chronica, que dei no começo do mez passado, prometten- do apresentar-me sempre, de então em diante, neste meu posto de honra com a maior regularidade possivel.

« Esta seria por certo uma falta imperdoavel, se acaso as toscas e desmaiadas linhas, que o chronista costuma escrever periodicamente neste canto do *Diario*, tivessem um subido valor aos olhos dos leitores.

« Mas aposto, que a maior parte delles nem derão

por essa falta, e mal fiz eu em denunciar-lhes uma omissão, que sem isso passaria desapercibida.

« Mas, seja lá como fôr, é certo que temos agora uma quinzena gêmea, e uma quinzena gêmea vale por duas.

« Como gêmea, ella se apresenta mais bojuda e rechciada de acontecimentos, do que a maior parte das precedentes.

« Combates e bombardeamentos, scenas de guerra, propostas de paz, nomeações, remoções e exonerações de presidentes, abertura de vias de communicações fluviaes e terrestres, encerramento de camaras e abertura da assembléa provincial, lutos e festas, risos e lagrimas, de tudo ella nos offerece.

« E', portanto, uma quinzena completamente cheia.

« Uma quinzena bellicosa e triumphal, politica e diplomatica, industrial e progressiva, festiva e jubilosa, luctuosa e nechrologica.

« Ha nella assumpto para tudo: para odes e poemas, discursos e artigos politicos, dissertações e pamphletos, nenias e orações funebres.

« E' pena, que essa abundancia de tantos e tão brilhantes assumptos, que nos offerece a quadra, não se reflecta tambem radiante e luminosa na imaginação do chronista, que hoje desgraçadamente, rasteira e pesada

como um carretão, mal se póde arrastar penivelmente através de tantos e tão variados acontecimentos.

« A musa do folhetim... E ninguem duvide, que haja uma musa do folhetim, a qual por certo não é nenhuma das nove virgens do Pindo, mas uma sua irmã mais moça, nascida nos tempos modernos, que habita a cidade e frequenta os salões, e é, portanto, muito mais travessa, descuidosa e folgazona do que as suas sabias e graves irmãs, que jámais abandonão os classicos topes da montanha bipartida.

« Como eu ia dizendo, a musa do folhetim tem caprichos como nenhuma outra; como bandoleira e volúvel que é, nem sempre está disposta a vir-nos ao encontro, dar-nos seu gracioso sorriso e seu perfumado e celeste bafejo. Não poucas vezes tambem se arufa, volta-nos as costas, e se recolhe a um canto trombuda e amuada sem se saber por que.

*
* *

« S. Solano, villa do Pilar e o combate do dia 3 do passado, são novos nomes para sempre memoraveis, novos florões que se vão juntar ao trophéo das glorias nacionaes.

« Mesmo encerrado em suas formidaveis e colossaes fortificações, donde bem raras vezes se atrevem arredar pé, o inimigo não tem deixado de experimentar terriveis resultados do denodo e disciplina de nossos soldados, da intrepidez e pericia de nossos chefes e officiaes.

« E o que ainda mais nos deve encher de orgulho, é que todos esses feitos de armas são quasi que exclusivamente brazileiros, não tendo os alliados tomado senão mui fraca parte em um ou outro.

*
* *

« E que diremos das celebres bases de paz, propostas por Lopez, de que tanto se occuparão, ha cerca de um mez, as gazetas e o espirito publico?

« Parece que taes boatos se desvanecêrão de todo, porque taes propostas de paz nunca existirão senão na cabeça de alguns correspondentes ou novellistas de Buenos-Ayres, que quizerão dar pasto á curiosidade publica e pôr em fermentação os espiritos, inventando tão desarrazoadas proposições.

« Mas, se de facto existirão por parte de Lopez semelhantes propostas, ellas só poderão servir de

base ao eterno descredito da nação brasileira, se fôsem attendidas em uma só de suas insensatas estipulações.

«Era o Brazil fazer o papel de vencido em uma lucta, em que tem segura a victoria, posto que disputada á custa de grandes sacrificios.

«Era frustrar todos esses enormes secrificios feitos até hoje, ficando mais humilhado do que nunca.

«O simples facto da apresentação dessas bases de paz ao governo imperial podia se considerar como um novo insulto atirado por Lopez á face do governo e da nação brasileira. Era um escarneo, ou, para usar da phrase mais expressiva do vulgo, era um desaforo.

«A unica resposta conveniente a tão desaforadas propostas seria a que de feito vão dando os nossos generaes, de terra e mar, activando os bombardeamentos, apertando cada vez mais o cerco de suas fortificações, e cahindo sobre elles todas as vezes que a occasião se offerecia.

«E' de esperar, que o dictador do Paraguay inteiramente cercado e encurralado com toda a sua gente nesses tremendos baluartes, que constituem seu principal recurso, e em que deposita toda a sua confiança, ache nelles mesmos sua ruina, e sua tremenda e inevitavel queda.

«Continue o paiz sem reluctancia e com dedicação a prestar-se aos sacrificios, que a honra e dignidade nacional reclamão, e temos fé que esse glorioso desfecho não se fará esperar por largo tempo.

* * *

«Sobre politica interna o que diremos? . . .

«O campo é vasto, e por isso mesmo nos absteremos de nos entranhar por elle a dentro para nos não entendermos demasiadamente em risco de nos perdermos.

«Demais, é assumpto que tem seu assento proprio nas columnas superiores, e quasi nunca é bem cabido nas paginas fugitivas do folhetim.

«Contentar-nos-hemos em consignar este facto:

«Foi encerrada a presente sessão do corpo legislativo, sem que tivesse negado ao gabinete uma só das medidas por elle reclamadas. Consequencia: logo o partido progressista continúa desassombrado a sua existencia no poder.

* * *

«Uma grandiosa festa internacional teve logar no dia 7 de Setembro na foz do rio gigante, na capital.

do Pará, nessa nobre e antiga cidade, que serve como de portico ao vasto Imperio de Santa Cruz.

«Esta festa teve por fim a inauguração da abertura do rio-mar e seus affluentes ao commercio e navegação das nações amigas.

«A realização dessa grande e generosa idéa, que era aconselhada por interesses de alta politica e de prosperidade interna, vai marcar para o Brazil um passo de gigante nas sendas do progresso.

«Outra festa, senão de tanto alcance, mas que tambem marca um importante melhoramento interno, foi a inauguração da secção da estrada de ferro D. Pedro II que tem sua estação terminal em Entre-Rios.

«Se considerarmos as difficuldades da execução desta grande obra, o tempo e os sacrificios que custou, o objecto desta festa é sem duvida mais importante, que o da primeira, que nos não custou propriamente senão o tempo de estudar e discutir a materia, de esclarecer a opinião do paiz sobre a necessidade e oportunidade dessa medida, e por fim de entabolar e concluir as necessarias negociações diplomaticas.

«Que pena para nós, presados leitores, que dessas grandes festas da industria e do progresso apenas

ouvimos os écos longinquos, e que de seus beneficos e immensos resultados apenas indirecta e mui remotamente nos poderemos aproveitar!

«Pelas gargantas destas crespas e empinadas serranias, só tarde, mui tarde, e talvez nuuca, poderão penetrar as locomotivas a vapor, e nunca haverá força, nem industria humana, que torne navegavel, nem para canôas, o pobre ribeirão do Carmo.

«Felizes de nós se em nossos dias conseguirmos vêr chegar ás portas de nossa velha cidade alguma diligencia por uma soffrivel estrada de rodagem!

«Que pena, que a provincia de Minas não tenha uma capital mais vantajosamente situada!

* * *

«Emquanto para nós, que habitamos as esburacadas fraldas do velho Itamonte, não desponta nem o menor vislumbre de esperanza de progresso material, aqui bem perto de nós um porvir immenso, e não remoto de prosperidade e engrandecimento se está preparando para as cidades de Sabará, de Santa Luzia, e para todos os habitantes do aprazivel e fecundo valle do Rio das Velhas.

«Todas as circumstancias parecem bafejar aquella sona feliz, e prometter-lhe o mais brilhante futuro.

«O projecto da navegação a vapor daquelle importante rio,—projecto que em breve vai ter execução—, a facilidade de unir essa navegação por uma boa estrada á estação mais proxima da estrada de ferro D. Pedro II, a qual, segundo todos crêm, deve demandar aquellas regiões, são circumstancias por si só assás poderosas para eleva-las ao mais alto gráo de prosperidade.

«Mas, ainda um outro facto de grande importancia vem contribuir mui efficazmente para o mesmo fim: é a emigração norte-americana, que, dirigida pelo governo, para ali se encaminha.

«Já algumas familias dessa procedencia se achão estabelecidas á margem do rio em uma feliz situação, que o governo escolhêra para ellas, e estão formando um nucleo de colonização, que por certo attrahirá uma torrente de emigração mais abundante, e a civilização, o commercio, a industria vivificarão essas fertes regiões, sob a influencia do trabalho dessa raça activa e industriosa.

«Sejão bem vindos entre nós esses novos e uteis hospedes.

«Se o sen paiz natal, abalado por commoções internas não lhes quer dar o bem-estar e o repouso que almeirão, o Brazil lhes abre os braços, lhes

franqueia o seio de seu fecundo e hospitaleiro solo, e com a melhor vontade lhes offerece auxilio, protecção e amizade.

«Possão elles entre nós, no seio da paz, da prosperidade e da abundancia, reparando promptamente os damnos que soffrêrão, consolar-se de seus males, e esquecer para sempre a patria que perdêrão.

* * *

«A morte, como é seu costume, desde o principio do mundo, costume o qual creio que infelizmente não abandonará até á consummação dos seculos, não deixou de fazer victimas.

«E os golpes de sua fouce implacavel não só derribão no tumulto suas victimas, como tambem ferem dolorosamente o coração dos vivos.

«Entre aquellas temos a lamentar dous nossos comprovincianos, que por seus actos na vida se torná-rão dignos de nosso respeito e veneração depois da morte.

«Herculano Ferreira Penna é um nome tão distincto, que ninguem na provincia de Minas e mesmo em todo o Imperio o desconhece.

«Escusado nos é tecer agora o seu elogio, pois que não ha na provincia quem não conheça qual foi

o merito do illustre morto, que sempre se distinguio por sua intelligencia e illustração, pelas bellas qualidades do seu coração, e pelos serviços incessantes, que prestou ao paiz.

«Entre as qualidades que o distinguão como homem publico, figurão em primeiro logar a sua incansavel actividade, e sobretudo esse espirito de trabalho e organização, que tanto o distinguia.

«Por isso o governo imperial, quando teve de crear a nova provincia do Alto-Amazonas em sertões remotos, e desprovidos de recursos, ninguem encontrou mais proprio para bem desempenhar essa ardua tarefa do que Herculano Penna.

«Além de outros muitos, foi esse um eminente serviço que prestou ao paiz, e pelo qual a provincia por elle creada o elegeu seu representante no senado brasileiro.

« Não era extremado em politica, mas suas tendencias naturaes erão para o partido conservador.

« José Rodrigues Duarte, fallecido nesta capital em dias do mez passado, posto que não attingisse ás posições eminentes, que occupára o primeiro, foi todavia um homem que por sua vida publica e particular deixou um nome recommendavel e digno dos respeitoes da posteridade.

« Era um cidadão estimavel por sua intelligencia perspicaz, por seu espirito activo, por seu character prestimoso, e por sua longa carreira de serviços prestados ao paiz.

« Dedicado de coração, e servindo sempre com ardor e zelo as idéas liberaes por meio de sua habil penna e de serviços de outra ordem, não podia escapar, nos tempos das luctas ardentes dos partidos, aos tiros malevolos da calumnia e da diffamação pessoal, que em outros tempos e (talvez ainda hoje) era a arma favorita das facções politicas.

« Mas esses aleives nunca conseguirão roubar-lhe a estima e consideração de seus comprovincianos e amigos, que hoje, misturando suas saudades ás de sua inconsolavel familia, chorão tão sensivel perda.

* * *

« A provincia mudou de administrador.

« A' habil, energica e illustrada administração do Sr. conselheiro Saldanha Marinho, depois da breve vice-presidencia do Sr. Elias Pinto, vai succeder a do Sr. Dr. Machado, que felizmente já se acha entre nós e á testa da administração.

« O joven e illustrado cidadão, que hoje se acha á testa dos negocios da provincia, ainda não tem um

passado na carreira administrativa. Mas seu talento, sua erudição solida em todas as sciencias necessarias ao administrador, a sisudez e energia de seu character são bem conhecidos, e tudo nos faz esperar d'elle uma brilhante e benefica administração. »

Do folhetim do *Diario de Minas*, de 7 de Novembro de 1867.

* * *

1869.— Neste anno cumprio-se o voto do *Oriente*.

Eis o que escreveu o Dr. J. Serra em folhetim da *Reforma*, de 7 de Novembro deste anno :

« Bernardo Guimarães, um dos poucos poetas que actualmente honrão as lettras nacionaes, é o autor do *Ermitão de Muquém*, delicadissima lenda de Goyaz.

« Escriptor que prima pelo brazileirismo das descripções, pela finura da critica e vernaculidade do dizer, não ha um trabalho seu que desminta o alto conceito em que é tido, conceito que cada dia avulta.

No *Ermitão* conta elle a historia da fundação da romaria de Muquém com o criterio do bom chronista e a graça do romancista consciencioso.

« Esse livro, que é tambem um album de lindas paisagens, onde a opulenta natureza tropical brilha com as cores proprias, será, segundo me consta, o primeiro volume de uma serie de escriptos que, naquelle

genero, o poeta dos *Cantos da Solidão* pretende publicar. Bem vindos sejam esses volumes, e emquanto todos não vêm a lume, festejemos o primeiro trabalho, que por si só é assás recommendavel.

«A vida do sertanejo e do indio são os principaes elementos dessa lenda; o episodio romanesco é simples e natural.

«Muitos dos leitores do *Ermitão* preferem, porém, as paginas onde se narrão os costumes rudes do homem do sertão áquellas consagradas a pinturas indianas. Acho razão na predilecção, porque realmente o *Valentão* de Villa-Bôa está melhor retratado do que o cacique dos Chavantes. Gongalo, Reinaldo, Maroca e o mestre Matheus fallão como devem; o mesmo não acontece com Inimá, Oriçanga e Guara-ciaba.

«Deve-se, porém, observar que a narrativa não é feita pelo autor; elle põe na boca de um romeiro todo o conto, e por isso os interlocutores quasi que se não achão em sceua. Alguem falla por elles, repetindo uma tradição, e esse alguem é um homem que conhece o fallar do sertão e ignora a lingnagem dos indios. Dahi vem o torneio das phrases e imagens mal cabidas nos dizeres de um tamoyo.

«Fallasse o autor, e nesse caso o *senão* do livro

seria um defeito capital. Mesmo assim a pintura de Jaguarussú tem muitos toques perfeitamente indianos. »

* * *

GONÇALVES DIAS, *Cantos Elegiacos*. Escreveu e publicou esta poesia na *Reforma* por ocasião de negar a camara dos Srs. deputados o auxilio que a provincia do Maranhão havia solicitado para o levantamento de uma estatua ao seu dilecto poeta :

Que fado o teu, Gonçalves!... que desdita!...

Ai! quantas agonias

Vierão conturbar-te a mente afflicta

Nos derradeiros dias,

Quando no meio das tormentas bravas

O teu formoso espirito exhalavas!

Qual aleyon dormindo sobre o ninho

Das vagas balouçado,

Ás vagas entregaste tão sózinho

O teu corpo alquebrado,

E vinhas vêr, atravessando os mares,

Pela ultima vez teus patrios lares.

Cruel doença as fontes te seccava

Da debil existencia,

E já quasi do vaso se entornava

Essa immortal essencia,

O sôpro, que dos labios de Deus sahe,

E que, quando lhe apraz, a si retrahe.

Ah ! que saudade, que palpito ancioso
No peito lhe offegava,
Quando pelo horizonte nebuloso
As praias lobrigava
Da doce patria e os coqueiraes viçosos,
Que de longe acenavão-lhe saudosos.

Já da vida que esvae-se, o extremo alento
No peito lhe bafeja ;
Mas á luz da esperança ainda um momento
Sua alma se espanija,
Que já lhe trazem virações fagueiras
Os aromas da terra das palmeiras.

Ei-la ! do occaso lá na linha extrema,
A patria ; eil-a acolá !
E os palmares por onde vaga a ema,
E canta o sabiá !
Ei-la a formosa terra dos amores,
Ninho viçoso de verdura e flôres.

Ah ! não permitta o céo que elle succumba
Sem vêr a patria amada !
Possa elle vê-la, embora encontre a tumba
Sob seus pés cavada ;
Vêr a patria e morrer beijando a terra
Que os ossos de seus pais no seio encerra.

Ai ! uma hora, ó Deus ! uma só hora
Deixa-o ainda viver :
Deixa-o na doce patria, por que chora,
Entre os seus ir morrer !
Não pereça tão junto aos lares seus,
Sem poder lhes dizer o extremo adeus !

II

Mas da borrasca as nuncias temerosas,
Densas nuvens, se estendem pelos céos,
E o mar levanta em vagas alterosas
Medonhos escarcéos.

Das ondas e dos ventos embatido,
Qual bravio corcel,
Que as redeas arrebenta de insoffrido,
O trepido batel
Ora do firmamento segue o rumo,
Ora aos abysmos quasi desce a prumo.

Por entre os estertores da borrasca
O navio aos boléos estala e range ;
O medonho tufão, que os mastros lasca,
Os mais valentes corações confrange,
Bem perto em furia o mar ali rebenta
Entre as pontas de horrificôs abrolhos,
E da morte a figura macilenta
Do nauta surge aos olhos.

Mas Gonçalves não ouve orchestra irada,
Em que convulsa a natureza arqueja ;
Já sobre sua fronte laureada
Da morte o sopro adeja.
A doença e o oceano turbulento
A nobre, infeliz victima disputão,
E para lhe arrancar o extremo alento
Como á porfia lutão.

E emquanto fóra o furacão restruge
E quebra ao lenho o mastro escalavrado,
Emquanto em torno o mar referve e ruge
Mostrando ao nauta o abysmo escancarado,
No estreito camarim
Dentro e fóra de si o bardo sente
Que o destino inclemente
Dos dias seus está marcando o fim ;

Entre as scenas horriveis que o compungem,
Sózinho, abandonado, o illustre vate
De duas mortes, que de perto o pungem,
Soffre o tremendo embate.

Contra o furor insano da tormenta
Labuta em vão o sossobrado esquife ;
Já nos parceis esbarra, e emfim rebenta
Nas pontas do recife ;
E navio e poeta o abysmo torvo
N'um só momento os engolio d'um sôrvo.

Entre os rancos medonhos da precella
Liberta já da morbida prisão,
Voôu ao céo aquella alma tão bella
Nas azas do tufão.

Da tempestade o brado pavoroso
Foi seu hymno de morte ;
O oceano, o sepulchro glorioso,
Que deparou-lhe a sorte.

Sobre elle destende o pélago tormentoso
Mortalha d'alva espuma ;
E assim do vate o fado lastimoso
Na terra se consumma.

E a vaga, que tragou no bôjo horrendo,
Estourando nas broncas penedias,
Veio na praia murmurar gemendo :
— Morreu Gonçalves Dias !

III

E tão perto,—na extrema do horizonte
A patria lhe sorria ;
E para lhe adornar a inclita fronte
Novos laureis tecia.

Ella anciosa e soffrega esperava
E ás vagas do oceano perguntava
Por seu filho querido ;
E no meio do horrisono bramido
Das ondas irritadas,
Aos uivos das rajadas
Estas sentidas vozes exhalava :

« Onde te foste, filho muito amado ? . . .
Ah ! por que deixas o teu patrio ninho,
E a longes terras vais afadigado,
Tão fraco, tão sózinho,
Longe dos lares teus buscar descanso
Que só pôdes achar no seu remanso ?

Saudoso sabiá destas florestas,
Que nas sombras tranquillias te aninhavas,
E nas ardentes séstas
Com teus lindos g rgeios me embalavas,

Saudoso sabiá, por que fugiste ?

Por que voaste além ?

Por que deixaste tão sózinha e triste,

Quem tanto te quer bem ?...

Por que deixaste, filho aventureiro,

De tua mãe o tepido regaço,

Para entregar ao pégo traiçoeiro

O teu porvir escasso,

Trocando a paz serena de teus lares

Pelo baloiço perennal dos mares ?

Temerario alcyon, que destas plagas

Mudaste o ninho em hora de bonança,

Por que confias ás traidoras vagas

Tua ultima esperança ?

Vem, que te aguardo aqui saudosa, inquieta,

Corre, corre a meu seio ;

Vem, não mais te demores, meu poeta,

Que mata-me o receio,

Cruel receio, de não vêr-te mais,

Nem mais ouvir teus cantos immortaes ;

Vem pendurar á sombra da palmeira

Inda uma vez a tua errante maca ;

E emquanto d'alva praia pela beira

Ferve e ronca a ressaca,

Emquanto a brisa tepida farfalha

No tópe dos coqueiros,

E pelos ares mansamente espalha

Aromas lisongeiros,

Canta ainda uma vez essas cantigas,

Que fazem recordar éras antigas.

Suave allivio ao teu padecimento
Só podes encontrar no seio meu ;
Ao teu peito alquebrado dar alento
 Quem póde senão eu ?
Ainda aqui meneião as palmeiras
 Seus tremulos cocares ;
E as viçosas floridas lorangeiras
Suave aroma espalhão pelos ares,

A luz destes formosos horizontes,
 O eco destas fontes
Ainda te farão scismar de amores,
E da lyra extrahir aquelles hymnos
 Doces, enlevadores,
Quaes só sabem cantar chóros divinos,
Destes vergeis, entre as virentes comas,

Onde perenne a primavera brilha,
Alentarei teu peito com aromas
 De jambo e de baunilha,
E para acalentar teus soffrimentos,
 Saudoso sabiá,
A' tardinha com languidos accentos
 Teu somno embalará.

Mas ah ! se não me é dado vêr-te mais,
 Nem mais ouvir teu canto ;
Se mais não podes escutar meus ais,
 Nem enxugar meu pranto,
Ai ! se já sobre a terra está marcado
 O termo de teu gyro,
Vem ao menos soltar, o' filho amadó,
No seio meu teu ultimo suspiro. »

IV

Elle entre-ouvia estas doridas vozes
No meio das borrascas,
N'alma e corpo a soffrer dôres atrozes
Da agonia nas vascas.

E ao rebentar de vagalhão medonho,
Aos solavancos doudos da procella,
Entre escarcéos de espuma,
Como em miragem de affrontoso sonho
Da patria lhe sorria a imagem bella
Envolta em negra bruma.

Elle a escutava, nesse transe extremo,
A mãe, que em ais rompendo o seio terno
Mal póde soluçar o adeus supremo
Ao filho, que se vai a exilio eterno.

E o bardo illustre. . . ó Deus ! que fatal sorte !
Que sina desastrada !
Dentro de si e fóra via a morte
Erguer-se para elle duplicada ;
Uma o mirrado coração gelava,
A outra a fronte augusta lhe esmagava.

Estrella errante, no seu triste gyro
No oceano apagou-se entre as borrascas ;
Ninguem lhe ouvia o ultimo suspiro
Da agonia nas vascas.

Nenhum jazigo os restos seus consome
Na terra de seus pais ;
Do grande vate só nos resta o nome,
E os cantos immortaes.

V

Nem uma cruz á beira do caminho,
Nem uma cova em pobre cemiterio,
Lhe permittio o fado seu mesquinho
Por este vasto Imperio,
Cujas glorias cantou na lyra d'ouro,
E a quem legou de glorias um thesouro.

A patria pede um monumento ao vate,
Que tanto a distinguio,
—E seus brados no peito dão rebate
Do povo, que os ouviu ;
Uma pedra se quer, que diga á historia,
Que diga aos estrangeiros :
—Este padrão erguemos á memoria
Do primeiro dos vates brasileiros.
Mas aqui seu cadaver não repousa
Está vasia esta singela lousa.

O céu e o oceano,
—Imagens do infinito, reclamavão,
E para si guardavão,
Os despojos do vate americano.
Do firmamento aos páramos formosos
Um nos roubou sua alma para Deus,
Outro lá nos abysmos temerosos
Esconde os restos seus.

Mas, se terra seus ossos não consome,
Teve em partilha a gloria de seu nome.

Mas oh! vergonha! oh! crime!
Gloria, genio, infurtunio, nada vale
Ao poeta sublime!

Pede o pejo e o decóro, que se cale-
Tão feia ingratição.

Mas ah! não posso; não; que a meu despeito
Nos labios ferve a voz do coração,
E rompe-me do peito magoado
Da indignação o brado.

Esses, que ás patrias glorias refractarios
De um nobre povo crêm-se mandatarios
Negão uma homenagem
A quem já vive na posteridade,
A quem tem por pregão a eternidade
E o mundo por menagem.

Ah! registre o Brazil em seus annaes
Mais este exemplo novo!
Falsos depositarios desleaes
Da vontade do povo
Nestes nefastos, miserandos dias,
Um simples preito ao genio recusarão,
Ao monumento de Gonçalves Dias
Uma pedra negarão.

Eis os cantos, que d'alma me fugirão
Nó seio do meu ermo:
Quando um dia á idéa me acudirão
O triste fado, o desastroso termo
Do sabiá das terras brazileiras,
Do cantor mavioso das palmeiras.

Aceita agora estes singelos cantos,
Filhos do coração ;
Forão d'alma exhalados entre prantos
Em minha solidão.

Mas dá-lhes azas, faze com que corrao
Ás mais remotas plagas,
E não permittas que afogados morrao
Pelas do olvido somnolentas vagas.

Cá destas broncas serras,
Onde nascerão, võem pressurosos
E vão morrer dolentes, suspirosos
Do Maranhão pelas formosas terras,
Berço do bardo illustre,
Que ás patrias lettras deu tamanho lustre.

Ouro-Preto, Outubro de 1869.

* * *

Em seu n. do dia 15 de Outubro de 1871 dizia a
Reforma :

« Bernardo Guimarães, o illustre poeta dos *Cantos da Solidão*, começa a publicar hoje em nossas columnas uma serie de inspirados canticos sob o titulo de *Heroides Brasileiras*. Os bravos guerreiros que se immortalisárão no Paraguay vão ter um cantor digno de seus esforços marciaes e patrioticos.

« Os versos de B. Guimarães são sempre sublimes, quer o poeta cante na lyra dos amores, quer empunhe a tuba sonora e bellicosa .

« Os leitores da *Reforma* apreciaráõ devidamente este e os outros trabalhos do insigne poeta mineiro, e farão justiça aos esforços que empregamos para dar a maior importancia ao orgão democratico.

« Agradecemos ao inspirado poeta a bõa vontade com que se presta a collaborar na parte litteraria desta folha. »

A CAMPANHA DO PARAGUAY

Heroides Brasileiras

I

(*Invocação*)

O' musa, deixa do vergel sombrio
O asylo perfumoso ;
Cerra o ouvido ao suave murmurio
Do arroio suspiroso.
Pendura ao ramo da lyra maviosa,
Em que cantas ao céo da solidão
Sonhos do coração.

Além,—não ouves? o leão da guerra
Ruge, e sacode a ensagnentada juba;
Se o fragor das batalhas não te aterra,
Se pôdes tanto, emboca a heroica tuba,
E em valentes, altisonos clangores
Da guerra canta as glórias e os horrores.

Vamos além,—as vagas açoutadas
De rabidos pampeiros
Cortando afoita em rapidas jornadas,
Vamos do sul aos plainos derradeiros.

Entremos pela foz do immenso rio,
Que o ribombo escutou de cem batalhas,
Inda de sangue tinto, inda sombrio,
Do fumo das metralhas;
Desse rio, que em fogo ennóvellado,
Reflectindo clarões sanguinolentos
Vomitou no oceano horrorisado
Cadaveres aos centos.

Por essas margens onde quer que passes,
Que de ruínas! que de sangue e luto!
Do orphão, da viuva inda nas faces
Não está o pranto enxuto.
Ainda no barranco escalavrado
De ardente bombardeio
O rio lambe o sangue derramado.
Nos paramos infestos
Inda dos charcos putridos em meio
Devora o corvo os asquerosos restos
Do festim, que dos povos a vingança
Lhe preparou nos campos da matança.

Vamos :—não temas transviar-te, ó musa ;
Armas quebradas, corpos espargidos
Aqui e além pela floresta escusa,
Rotas trincheiras, fortes derruidos,
Montes de ossadas, poças de sangueira
Nos guiáram ao termo da carreira.

Trophéos sanguinolentos, que recordão
Os nomes de uma pleyade de heróes,
Que mil proesas na memoria acordão,
Serão nossos pharóes.

Ali se pelejou lucta gigante
Em férvidas batalhas ;
Ali dos nossos o valor pujante
Fossos rompeu, tranqueiras e muralhas,
E no proprio covil duro castigo
Foi fulminar ao perfido inimigo.

Vindicarão-se ali da espada aos fios,
Ao ronco dos canhões,
De tres nações os ultrajados brios :
Nobre desforra dos mais vis baldões !

Por esse longo esteiro sanguinoso
Que ampla ceifa de louros ! que victorias !
Que estadio luminoso
Tropel de heróes abriu ás patrias glorias !

Que nomes immortaes !... Riachuelo,
Sepultura da armada paraguaya ;
Humaitá, o horrivel pesadelo,
Perante o qual todo valor desmaia ;

Cuevas, Itapirú,
E as alagadas, perfidas campinas,
Que cingem Curusú,
Itororó e Lomas Valentinas,
São paginas de luz em nossa historia,
São brilhantes fanaes,
Em que resplendem da brazilia gloria
Reflexos immortaes.

Sauda, ó musa, os sitics afamados,
Que virão taes portentos,
E da guerra aos heróes assignalados
Um hymno entôa em masculos accentos.

Eia ! em tuas mãos immaculadas,
Corôas tece aos filhos da victoria
De louros e perpetuas entrançadas,
E no festim da gloria
Dá-lhes assento entre os mais altos vultos,
Que alcançárão nó mundo ethereos cultos.

Canta os heróes,—do bardo é grato o canto
Ao coração do bravo,
Bem como o roto favo,
Que mel em fio escorre ;—mago encanto,
Que ao lidador a fronte desenruga,
Em quanto o sangue do montante enxuga.

Da lyra o canto, que consagra a fama
Illustres lidadores,
E aos seculos proclama
Os nomes seus da gloria entre os fulgores,

De um povo inteiro o culto respeitoso,
Apotheose, que lhes sagra em vida
Do peito no sacrario generoso
A patria agradecida,
Dos bravos eis o nobre galardão,
E nem por alto lhes bate o coração.

Longe de nó os titulos baloufos,
Vistasas fitas, nitidos pendentés !
Esse falso ouropel de brazões fôfos
Não têm valor aos olhos dos valentes.
Bofé, que não são mais que torpe engodo,
Que nos arrasta á podridão do lodo.

Deixai, que dos heróes fuljãona historia,
Puros os nomes de appellidos vãos,
Que só pôdem dar lustre á vida ingloria
De fôfos cortezãos.
De enfeites pueris limpo appareça,
Livie respire o peito do guerreiro,
Jámais dobre a cabeça
Da corrupção ao jugo lisongeiro,
Que o premio no vil peito do covarde
Tambem verás brilhar ou cedo ou tarde.

Fundo golpe, que abrio atroz metralha,
Ou lança aguda em peito encarniçado,
Eis o brazão do heróe, eis a medalha,
Que assenta mais no peito do soldado.

O povo inteiro bem vos sabe o nome
Do Paraguay ativos vencedores ;

Dos feitos vossos o gentil renome
Não precisa dos pallidos fulgores
De frivola honraria,
Que brazões tendes de maior valia.

Adornos vãos de estolida vaidade
Não conhece da historia a musa austera,
Que o livro escreve da posteridade,
E nos dominios do porvir impera.
Para a frente de seus heróes queridos
Só tem louros singelos
Por suas proprias mãos entretcidos ;
Esses da gloria os fulgidos emblemas,
Que têm maior valor, que são mais bellos
Que os regios diademas.

Mas, ai ! dessas corôas invejadas
Quantas já vão de funebre cypreste
Tristemente enramadas !
Quantas lá jazem na campanha agreste
— Desamparadas sobre a terra nua, —
A quem aguda lança ou bala ardente
— Tão longe da querida patria sua ! —
Lá deixárão dormindo eternamente !

Mas se acaso não pôde a patria em pranto
Seus restos recolher em urnas de ouro,
Ergue-lhes, musa, em sonoro canto
Padrão mais duradouro,
E os nomes seus e os louros gloriosos
Regados pelo pranto da saudade
Brilhando chegarão sempre viçosos
A' mais remota idade.

Eis, ó musa, a missão, que te confia
Da patria o amor sagrado ;
Elle te inspire sonoro brado
De mascula harmonia ;
Elle me alente neste nobre empenho,
Digno por certo de mais alto engenho.

*
* *

Deste mesmo anno é o volume intitulado — *Lendas e Romances* :

«A penna elegante e o fulgente engenho do Dr. Bernardo Guimarães são tão conhecidos, que annunciar uma obra delle é alvorotar quantos prezão as boas lettras. Agora mesmo temos diante dos olhos mais um livro deste autor, de quem apenas se póde sentir que não sejam mais amiudadas as producções. Intitula-se *Lendas e Romances* e contém tres contos de vivo interesse : *Uma Historia de Quilombolas*, *A Garganta do Inferno* e *A Dansa dos Ossos*. E' editor. o Sr. B. L. Garnier.» (*Jornal do Commercio* de 29 de Junho de 1871).

«Bernardo Guimarães, o estylista brasileiro, um dos primeiros romancistas do Imperio, acaba de publicar um interessante volume, intitulado *Lendas e Romances*, contendo : *Uma Historia de Quilombolas*,

A Garganta do Inferno e *A Dansa dos Ossos*. E' um primoroso livro, onde se encontra a descripção minuciosa do viver dos nomades do Imperio, a sua phraseologia peculiar, e o quanto interessa sobre os accidentes dessas tribus diversas á luz e á liberdade dos povos. Para passatempo esse livro é, além de recreativo, nimiamente instructivo. Recommendamos a sna leitura a quantos apreciação os bons romances. » (*Diario de Noticias* de 29 de Junho de 1871).

— Mais feliz que o Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo foi sem duvida o Sr. Dr. Bernardo Guimarães que, com a publicação de suas *Lendas e Romances* alcançou novo triumpho na carreira das lettras, onde tão bôa figura tem sempre feito.

O novo livro do autor do *Ermitão de Muquém* encerra 3 contos, cada qual mais bello — *Uma Historia de Quilombolas*, *A Garganta do Inferno* e *A Dansa dos Ossos*.

A Dansa dos Ossos é uma historia phantastica qu um velho caboclo conta ao poeta, junto a um brazeiro em horas mortas. Diz o velho que ás sextas-feiras, por alta noite, juntão-se os ossos de Joaquim Paulista em uma dansa horripilante que faz medo, e que uma vez elle assistira a essa festa de além-tumulo; e na sua linguagem pitoresca assim conta elle o caso :

« A lua batia de chapa na areia branca do meio

da estrada. Emquanto eu estou esporeando com toda a força a barriga do burro, salta lá no meio do caminho uma cambada de ossinhos brancos, pulando, esbarrando uns nos outros, e estalando em uma toada certa, como gente que está dansando ao toque de viola. Depois, de todos os lados vierão vindo outros ossos maiores, saltando e dansando da mesma maneira.

« Por fim de contas, veio vindo de lá, de dentro da sepultura, uma caveira branca como papel, e com os olhos de fogo, e, dando pulos como sapo, foi-se chegando para o meio da roda. Dahi começam aquelles ossos todos a dansar em roda da caveira, que estava quieta no meio, dando de vez em quando, pulos no ar e cahindo no mesmo logar, emquanto os ossos gyra-vão em um corrupio, estalando uns nos outros, como fogo da queimada, quando péga forte em um sapezal.

« Eu bem qneria fugir, mas não podia ; meu corpo estava como estatua, meus olhos estavam pregados naquella dansa dos ossos, como sapo quando enxerga cobra ; meu cabello, enroscado como Vm. está vendo, ficou em pé como espeto.

« Dahi a pouco os ossinhos mais miudos, dansando, dansando sempre e batendo uns nos outros, fôrão-se ajuntando e formando dous pés de defunto.

« Esses pés não ficão quietos, não ; e começam a

sapatear com os outros em uma roda viva. Agora são os ossos das canellas, que lá vêm saltando atrás dos pés, e de um pulo traz!.. so encaixão em cima dos pés. Dahi a um nada vêm os ossos das côxas, dansando em roda das canellas, até que tambem de um pulo fôrão-se encaixar direitinho nas juntas dos joelhos. Toca agora ás duas pernas que já estão promptas a dansar com os outros ossos.

«Os ossos dos quadris, as costellas, os braços, todos esses ossos que ainda agora saltavão espalhados no caminho a dansar, a dansar, fôrão pouco a pouco se ajuntando e embutindo uns nos outros, até que o esqueleto se apresentou inteiro, faltando só a cabeça. Pensei que nada mais teria que vêr ; mas ainda me faltava o mais feio. O esqueleto pega na caveira e começa a faze-la rolar pela estrada e a fazer mil artes e piruetas ; depois entra a jogar peteca com ella, e atira-la pelos ares mais alto, mais alto, até ao ponto de faze-la sumir-se lá pelas nuvens ; a caveira gemia zuzindo pelos ares e vinha estalar nos ossos da mão do esqueleto, como uma espoleta que rebenta. A final o esqueleto escanchou as pernas o os braços, tomando toda a largura do caminho, e esperou a cabeça que veio cahir dentro no meio dos hombros, como uma cabeça ouca que rebenta em uma pedra, e olhando para mim com os olhos de fogo !..»

«*A Garganta do Inferno* é uma historia tragica repassada de poesia e encantamento, que serve de legenda á fundação da formosa capellinha de N. S. dos Prazeres das Lavras-Novas.

«*A Historia dos Quilombolas*, que é a mais desenvolvida, não é a menos bella das tres; tem descripções lindissimas; nella abundão com profusão, imagens poeticas e pitorescas, lances dramaticos e scenas felizes e interessantes.*

«Escriptos em estylo fluente e agradavel os tres novos contos do Dr. Bernardo Guimarães prendem a attenção do leitor a tal ponto que, começada a leitura do livro, não se póde interrompe-la um momento.

«Mimo precioso e digno de quem o offertou á patria, as *Lendas e Romances* vierão enriquecer a litteratura nacional com mais um livro de subido merito. Se o talento de seu autor não estivesse ha muito reconhecido e sua reputação assás firmada, o apparecimento desta obra só por si bastaria para fundamentar a nomeada que de ha muito goza o cantor das *Solidões*, a

* O *Parahyba* periodico da Parahyba do Sul, enriqueceu os seus numeros de 21 de Setembro a 16 de Outubro deste anno, com a transcripção da—*Dansa dos Ossos*; e começou em o numero de 19 do dito mez, a dar a seus leitores *A Historia dos Quilombolas*. Homenagem ao nosso poeta, sem duvida, porém, prejudicial ao Editor-proprietario. (Vide *Propriedade Litteraria na Revista Brasileira* T. VI pag. 474 e T. VIII pag. 474.)

quem saudamos pela nova pedraqu e acaba de engastar em sua fulgente corôa de gloria. (O *Guarany* n. 24, de Julho de 1871).

Fallando deste livro, disse o Dr. José Carlos Rodrigues, no seu *Novo Mundo* de 24 de Junho de 1872, á pag. 154 :

« O Sr. Bernardo Guimarães é filho e cremos que tem sempre vivido nesta grande provincia de Minas-Geraes, onde o celebre viajante, o capitão Burton, nos diz que se acha o typo nacional brasileiro. O Sr. Bernardo Guimarães ufana-se muito em descrever os costumes de sua provincia natal e com toda a razão prefere cultivar o bello que ha nelles, a inspirar-se na vida de luvas de pellica e lenços almiscarados das rodas *parisienses* da nossa sociedade.

« ... Este romance (diz tratando da *Historia de Quilombolas*) como o *Garimpeiro* é notavel pelo vigor e riqueza das côres com que o autor pinta os seus quadros da vida do campo e da *roça* do Brazil. »

* * *

1872. —E' deste anno— O *Garimpeiro*. O conego J. C. Fernandes Pinheiro julgou-o nos termos

seguintes (vide *Correio do Brazil* de 17 de Abril de 1872):

O GARIMPEIRO

Romance do Sr. Dr. Bernardo Guimarães

«Em um dos nossos curtos lazeres demo-nos á leitura do livro supra mencionado, e tão agradaveis impressões deixou-nos elle que lembramo-nos de communica-las aos leitores deste jornal, em desempenho da promessa que ha tempos lhes fizemos.

«Vantajosamente conhecido nas lettras patrias é o nome do Sr. Dr. B. Guimarães, já como poeta, autor dos *Cantos da Solidão* e das *Inspirações da Tarde*, e de muitas outras mimosas poesias, no gosto das do Gonçalves Dias, já como romancista, enriquecendo successivamente o repertorio nacional com o *Ermitão de Muquém* e as *Lendas e Romances* tão eminentemente brasileiros.

«Disse alguém que a publicação de um bom livro era mais do que uma bôa acção. Assim tambem pensamo-lo, visto como a bôa acção pôde ser circumscripta e a poucos proveitosa, ao passo que a propagação de bôas doutrinas é mais generica, e quiçá mais duradoura.

« De coração saudamos o distincto escriptor por esse novo e relevante serviço que acaba de prestar, fornecendo ao publico a leitura de um livro elegante na fórma e utilissimo na substancia.

« Acoroçados e festejados devem ser os romanistas que assim comprehendem seu nobre mister, em opposição aos que convertem a penna em estylete, e, o que é ainda peor, escondem veneno nos confeitos, á guiza dos famosos envenenadores italianos do seculo XVI.

« Simples e natural é a tela sobre a qual recamou o Sr. Dr. Guimarães o seu primoroso lavor; moral é o thema que se propõe demonstrar; variados os caracteres que com vigoroso pincel desenha, occupando a primeira plana o de Elias, mancebo pobre e honesto, que em horas de desanimo pôde conceber o culpavel pensamento do suicidio, mas nunca a idéa de fraude ou de crime; segue-se-lhe o de Lucia, doce e sympathica figura, que nas aras da piedade filial immola seu estremecido amor pelo mencionado Elias o do Major, creatura vulgar, que nas garras da ambição e da vaidade vê descuidoso estrangular-se o futuro de suas filhas; de Leonel, typo perverso, anjo máo dessa familia, prestes a submergir-se no golphão da vergonha, de que a subita apparição de Elias vem liberta-la. Desse grupo, tão artisticamente combinado,

destaca-se o vulto do velho caboclo Simão, que á beira da sepultura encontra seu querido patrão, a quem revela a existencia do legendario thesouro— dessa *estrella de pedra* —, cuja posse lhe augurára a cigana.

« Ao envez dos romances da escola de Sue e de Dumas, cuja acção, por numerosos e inverosimeis incidentes, complicação-se a ponto de embaraçar a perspicacia dos leitores, segue o romancista brasileiro a grande lei da simplicidade, tão preconizada por Aristoteles e os grandes mestres da arte de escrever. Progressiva e interessante é a narrativa; os episodios nascidos do assumpto ligão-se a elle por fios subteis e delicadissimos, e as descripções que lhe servem de moldura revelão o amplo conhecimento que tem o autor das localidades em que faz passar os acontecimentos, bem como dos usos e costumes dos habitantes das nossas provincias centraes.

« Semacreditarmos, como alguns criticos, que basta a *côr local* para imprimir o cunho da nacionalidade a qualquer escripto, entendemos que é ella um dos maiores e melhores caracteristicos, e por certo o primeiro passo para a nossa tão almejada independencia litteraria.

« Com razão dizia o sabio Montaigne : « *Il nous*

faudrait des topographes qui nous fissent des narrations particulières des endroits ou ils ont été. »

De feito, se cada qual descrevesse em linguagem chã e despretenciosa os sitios que tem visitado, as usanças varias e pitorescas que tem observado, cremos que com isso haveria muito lucrado a litteratura de todos os paizes, e a sciencia topographica perderia essa superficialidade e incerteza que se lhe nota.

«Quer-nos parecer que a ninguem offendemos declarando que dentre os nossos mais esmerados romancistas poucos poderão competir com o autor do *Garimpeiro* na parte descriptiva; raro será quem se lhe avante na pintura das montanhas, rios, prados, mattas virgens, em que a natureza tropical ostenta todos os seus esplendores. No atrio do livro a que nos estamos referindo encontra o leitor a descripção da fazenda do Major, feita com tão vivas côres que parecem emprestadas da palheta de Finemore Cooper, esse eximio pintor da natureza americana. »

*
* *

Em Julho deste mesmo anno :

Imprensa.—« Mais um livro do Dr. Bernardo Guimarães é sempre uma bôa nova.

« O volume que temos á vista, firmado com o nome daquelle ameno escriptor, intitula-se *Historias e Tradições da Provincia de Minas-Geraes*.

« Contém 3 historias: *A Cabeça do Tira-Dentes*, *A Filha do Fazendeiro* e *Jupyra*; é editor o Sr. B. L. Garnier. » (*Jornal do Commercio* de 13 de Julho de 1872).

«O Sr. Garnier acaba de publicar mais um livro do talentoso romancista Dr. Bernardo Guimarães. Consta de tres lindos contos como sempre costuma escrever seu autor.

«São novos attestados da imaginação sempre fertil e brilhante do poeta dos *Cantos da Solidão*.

«Livros destes serão sempre bem recebidos pelo publico.» (*A Republica* de 13 de Julho de 1872).

* * *

A *Republica* publicou em seu n. de 19 de Agosto deste anno, na sua secção— *Bibliographia*, a seguinte carta do conego Dr. Fernandes Pinheiro :

«Caro amigo — Acabo de lêr os contos do nosso estimavel Bernardo Guimarães, que elle denominou — *Historias e Tradições da Provincia de Minas-Geraes*, — editorados pelo infatigavel e prestimoso Garnier, a

quem é já logar commum dizer-se que muito devem as lettras patrias.

«Uma lenda e dous romancetes constituem o volume a que me vou referindo, nos quaes respira-se a atmospherá embalsamada das nossas virgens florestas, certo cheiro acre que costumão ellas exhalar. A côr local, ou o *nativismo*, como o denominão os allemães, prevalece nas composições desse nosso illustre compatriota, que tão bem conhece e tão magistralmente descreve os quadros da nossa natureza e as scenas da nossa vida patriarchal, em um estylo simples, desprezencioso, posto que nem sempre castigado.

«A rapidez da composição, o fogo do enthusiasmo alheando o escripter, torna-o pouco apto para pulir suas obras e escoima-las de involuntarias eivas. Fôra preciso que tivesse elle um amigo, um *alter ego*, que lhe apontasse os senões, recommendando-lhe mais accurada leitura, inspirada nos immutaveis principios do bom gosto, destinados a sobreviver a todas as rethoricas e poeticas escolasticas. Onde, porém, encontrar esse amigo, essa consciencia objectiva? *That is the question.*

«A *Cabeça do Tira-Dentes* é uma poetica tradição conservada na memoria do povo mineiro como um relicario. Bernardo Guimarães não fez mais do que encastoa-la em finissimo ouro, extrahido das minas da sua opulenta musa. Bem diverso é o personagem

historico do heróe legendario, e grave injustiça fôra o pretender aferir um pelo outro.

«Apossou-se o romancista do segundo que só con-
vinha a seu plano, e nos arroubos do patriotismo
commetteu algumas injustiças que a consciencia do
historiador será a primeira a exprobrar-lhe.

«*A Filha do Fazendeiro* é um gracioso conto no
gosto dos de Trueba; tudo ahi é natural, tudo vero-
simil, e com prazer dizemo-lo, tudo moral.

«Paulina é uma flôr sylvestre, cujo olôr perfuma
o ambiente em que a collocou o romancista; irresis-
tivel é a paixão que sente por Eduardo, seu primeiro,
seu unico amor, mas acima dessa paixão está a obe-
diencia, a conformidade com a vontade paterna; e pois
ella se immola em santo holocausto, e vai, semelhante
às victimas gregas, que engrinaldadas caminharão
para o sacrificio, jurar á face dos altares conjugal fide-
lidade a seu primo Roberto, grosseiro e brutal, cuja
presença se lhe havia tornado insupportavel. Eduardo,
o mancebo destemido que arrosta as sanhas da tru-
culenta onça para salvar da morte uma desconhecida
donzella, é um typo de honradez e lealdade, que, longe
de entreter uma paixão que não podia dignamente
corresponder, faz ampla e sincera confissão do com-
promisso matrimonial que contrahira com Lucinda e

jura solemnemente a Roberto, que jámais se opporá á sua união com Paulina.

«Fatal juramento ! que em horas de bemaventurança lhe veda, como nas tragedias de Sophocles, ou de Euripides, de realizar dourados sonhos, ardentes anhelos do mais estremecido amor. Ainda que posta em segundo plano, a figura do honrado fazendeiro, o capitão Joaquim Ribeiro, interessa ao leitor e offerece-lhe um dos muitos exemplares que ainda felizmente existem entre nós.

«Os extremos de sua ternura levão-o a praticar um acto de que mais tarde tem de se arrepender, e é admiravel o quadro desse arrependimento e dos heroicos esforços que emprega para que o honrado paulista viole o juramento que em negredada hora pronunciára. A perfidia de Lucinda, a desesperação de Eduardo e as lavas do segundo amor, crepitando sob as cinzas do primeiro, estão bellamente desenhadas e revelão um pincel adextrado em taes commettimentos.

«*Jupyra* é uma irmã mais moça de *Iracema*, filha dilecta da natureza brazilica, planta selvagem enxertada em tronco civilizado, união hypostatica de dous elementos antagonicos. Com que desdem despreza os rendimentos amorosos de Baguary, o poderoso

chefe indigena, e como acha em si propria, na varonil energia de que é dotada, recursos para libertar-se da coacção e violencia que lhe fazia. Sabe v. que não admitto o homicidio em defesa da pudicicia ultrajada ; mas Jupyra era uma selvagem, ignara dos deveres sociaes; por isso entendo que Bernardo Guimarães interpretou-lhe admiravelmente o character, quando faz succumbir ás suas mãos o libidinoso Baguary.

«Encantadora é a parte descriptiva de um romance, onde contemplamos o gracioso panorama que se desdobra nas ridentes margens do Rio-Verde, onde os missionarios de S. Vicente erguêrão faceira capellinha, nucleo de uma florescente povoação e de um frequentado seminario .

«José Luiz, antigo discipulo desse seminario, e depois empregado em seu serviço, é o pai de *Jupyra* e marido da india *Jurema*, que nas aguas baptismaes havia trocado esse nome pelos de Maria e Anna. Serve de élo entre duas cadeias, elemento de fusão de duas raças, e com dôr vê que sua filha prefere a vida selvatica á civilisada, e deixa jubilosa os commodos e confortos do lar paterno pelos azares da nemada existencia materna. E' este um problema digno de estudo e meditação dos ethnologistas.

«A esquiva *Jupyra*, de quem se arreceavão todos os adoradores, temerosos do lastimoso fim de Baguary,

enamora-se do trefego Carlito, companheiro inseparavel em seus folguedos, e, como ella, ardente e impetuoso. Parece que as duas naturezas similares ião alfin ligar-se, e constituir essa tão desejada união androgynica. Não foi, porém, assim; porque o aspide do ciume morde a filha do deserto, e a metamorphosêa em nova Medêa; Quirino, até então desdenhado, torna-se instrumento docil de seus implacaveis rancores, atraição Carlito, commette horrivel assassinato, e recebe o premio de seu crime no açacalado gume da faca de *Jupyra*. Como epilogo desta tragedia, diz-nos o autor que, passados tempos, encontrárão uns caçadores nas bre-nhas o esqueleto de uma mulher pendurada a uma arvore por um cipó.

«Tal é o elenco do volume ultimamente publicado pelo sympathico Bernardo Guimarães, um dos percursores da litteratura brazileira, que só poderá existir prospera e autochtone quando fôr fiel expressão de pessoas e cousas essencialmente brazileiras.

« Sauda-o *ex-imo pectore* o seu constante amigo.
—*J. C. Fernandes Ribeiro.* »

« Botafogo—6 de Agosto de 1872.

E' ainda deste anno *O Seminarista* :

« Já tardava que apparecesse um novo livro de B. Guimarães.

« Desta vez não foi uma collecção de contos, foi um romance. Um lindo romance *O Seminarista*, e ao mesmo tempo bôa lição para aquelles a quem incumbe dirigir as vocações da mocidade e educa-las.

« A historia é muito singela. Eugenio e Margarida são duas crianças que passam a meninice juntos. Assim com o volver dos annos cresce a affeição entre elles, e transforma-se em amor. Porém Eugenio, que de pequeno mostrava certo pendor para a vida ecclesiastica, e a ella foi *destinado* por seus pais, encerrado no seminario, onde os padres lhe amollecem a vontade e lh'a subjugão finalmente dando-lhe a noticia do casamento de Margarida, veste a negra sotaina. Margarida, essa, depois de mil desditas, esperando sempre pelo amante, definha e sente-se morrer. Pede os ultimos soccorros da religião, e o acaso conduz á sua cabeceira o padre Eugenio. Todo o sacrificio de tantos annos, toda a paixão sopeada, tudo faz esquecer aquelle encontro inesperado. Amão-se aquellas duas creaturas, mas já é tarde, a consumpção tomou conta da gentil morena, que morre. Eugenio era o unico padre do logar ; levão-lhe a morta para elle lhe

rezar as ultimas preces, e o misero, reconhecendo-a, enlouquece.

«Isto é naturalissimo, e o brilhante estylo do auto^d casa-se de tal maneira com a simplicidade dos factos, que é realmente muito agradavela leitura deste livro, como de resto acontece com tudo quanto sahe da sua penna.»

(O *Mosquito* de 5 de Outubro de 1872.)

* * *

O SEMINARISTA

«O illustre autor dos *Cantos da Solidão*, o suave poeta do *Ermo*, tem enriquecido a litteratura brazileira de numerosas narrativas singelas, poeticas e naturaes. Ao par da sua reputação de poeta verdadeiramente nacional, pelo colorido da imaginação e pela sublimidade dos affectos, adquire tambem o de pintor esmerado dos costumes do sertão. Escolheu desta vez a villa antiga de Tamanduá, na provincia de Minas, para theatro do seu romance o *Seminarista*.

«Pareceu-nos em rapida leitura ser um desses dramas do coração, em que o sacrificio corôa o affecto, e a morte escreve a ultima pagina. Mais infeliz do que

o amante de Hermengarda, o heróde Bernardo Guimarães, ao morrer para o mundo, renasce para a loucura. Pede este livro analyse especial, e a ella dedicaremos alguns momentos.»

(Do *Diario do Rio* de 21 Setembro de 1872.)

* * *

1873.—«*O Indio Affonso e o Bandido do Rio das Mortes*.— Assim intitula-se dous romances de Bernardo Guimarães. O primeiro acaba de ser, ha pouco, publicado, sendo objecto da narração a vida de um indio, que já sente o influxo da civilisação, mas que ainda conserva todo seu vigor selvatico.

«Seu coração é cheio de nobres sentimentos e facilmente accessivel á colera. O desrespeito á sua irmã o inflamma, e a sua indignação não se contém ante o horror da vingança. Dest'arte chega até á morte daquelle que o offendêra em um ente que lhe é caro, e vê-se requestado pela policia em nome da justiça social, que o quer julgar. Sua mascula energia, porém, ajudada pelos meios que lhe ministra o magestoso Parnabyba, em cujas margens habita, salvão-no admiravelmente de todas as tentativas da tibia policia do centro.

«O indio Affonso retrata perfeitamente o quadro,

commum em nossos sertões, do homem impellido ao crime, em despeito de sua bôa indole, pelas circumstancias que o cercão, e individuos que o rodeião, collocando-o na dura contingencia de defender-se contra os ataques que recebe, pela impotencia da autoridade para faze-lo.

«E' mais uma preciosa producção do talento de Bernardo Guimarães, que fecundamente inspira-se em nossos costumes do interior, como elle proprio confessa.

«O segundo é o nome de mais um romance que o distincto poeta mineiro pretende compôr em sua provincia, e que ha de estar na altura de sua bem merecida reputação.» (*Constitucional*, órgão do Club Constitucional Academico de S. Paulo, de 2 de Agosto de 1873).

* * *

1875. «A *Escrava Isaura* (1 brochura in-12 de 276 pags.—1875.—Editor B. L. Garnier). A *Escrava Isaura* pôde bem rivalizar com a celebre *Cabana do Pai Thomaz*. » (*Jornal do Commercio* de 29 de Maio de 1875.)

* * *

1876.— NOVAS POESIAS. — « *Novas Poesias* é o título de um livro de Bernardo Guimarães, de que o Sr. Garnier, o editor, nos enviou um exemplar.

« Percorrendo as paginas desse precioso volume, sentiamos o bem-estar dos que repousão no seio de um oasis, sem poder furtar-se ao desanimo inspirado pela nudez do deserto que o rodeia. Da numerosa pleiade de poetas que ao Brazil promettia tantas glorias, Bernardo Guimarães é o unico que resiste ás lufadas tempestuosas que levárão comsigo tanta vida, tanta crença, tanta inspiração para os páramos da morte ou da politica, que para as bellas-lettras vem a ser a mesma cousa, ser arrebatado pelo negro corsel das sagradas escripturas, ou devorado pelo minotauro moderno, mais voraz e insaciavel que o da mythologia grega.

« Bernardo Guimarães, cuja alma ardente vai atravessando estes tempos semsaborões, refractario ao contagio do egoismo e fiel ás suas crenças, poeta sempre e poeta de inspiração, de sentimento, poeta d'alma, de longe em longe faz ouvir a sua voz como um protesto eloquente, ora dando-nos o romance nacional, ora a poesia metrificada, mas poesia sempre, ou corra a pbrase descaptivada da medida metrica, ou ajuste-se

á cadencia das estrophes percorrendo toda a escala rhythmica.

« Não é o nosso intento entrar na analyse do livro a que nos referimos, porém apenas noticiar, ou antes archivar, nas paginas desta *Revista* a sua apparição, como motivo de festa para as lettras patrias, tão abandonadas, tão em desamor entre nós.

« Se é verdade o que diz E. Pelletan, que a poesia rimada está por pouco a completar os seus dias de vida, triste verdade é essa, com que não nos podemos, aliás, conformar.

« Por que transformações terá ella de passar ainda, a ninguem é licito dize-lo, mas possivel, isso é; se para melhor ou peor quem sabe? mas o rhythmo, esse viverá sempre, como o canto das aves, como as vozes mysteriosas das auras, como os lamentos da vaga, como tudo quanto a natureza produzio destinado á eloquente revelação de um poder eterno.

« As *Novas Poesias* em nada desdizem de suas irmãs primogenitas; nesta nova collecção mantém o poeta os seus fóros tão legitimamente adquiridos.

« A sua musa, esvoaçando por sobre os campos do Paraguay, ouve os gemidos de tantos bravos ali adormecidos no seio da eternidade, e os feitos heroicos daquelles martyres da patria, ella os perpetua em hymnos immorredouros.

« ... A's vezes a musa de B. Guimarães desce das alturas olympicas para os devaneios risonhos como na *Barcarola*, outras compraz-se em uma verdadeira gymnastica zombando das difficuldades do metro e da rima como na *Gentil Sophia*, mas em geral a musa de B. Guimarães é triste; sobre um ataúde as lagrimas correm-lhe em fio e desafogadas, como se o chorar lhe fôsse allivio a dôres que se acalmão mas não sarão; quando falla de si como no *Meu valle* a estrophe flue-lhe repassada de verdade e sentimentalismo, e quem o lê como que se sente invencivelmente attra-hido á penumbra onde aquella alma magoada recolhe-se pensativa e arredia do movimento e da luz :

Mas neste socegado, estreito valle
A ventura encontrei, porque minh'alma
 Suspira ha muito em vão ;
Achei minhas perdidas esperanças
 E a paz do coração.
Aqui minh'alma expande-se tranquilla ;
Aqui auras de amor e de ventura
 A fronte me bafejão ;
E além destes outeiros que me cercão,
 Meus voês não adejão.

Um quieto valle, um horizonte aberto,
Meu amor, minha lyra, eis os encantos
 De minha solidão ;
E é quanto basta para dourar-me a vida,
 E encher-me o coração.

Destes vergeis á sombra vou sentar-me.
O cansado bordão de peregrino
Larguei no pó da estrada.
E enxuguei o suor que me escorria
Da fronte trespairada.

«Levarão-nos mais longe do que pretendíamos ir os attractivos do livro; é que as vozes de poetas inspirados, como Bernardo Guimarães, deixão na alma de quem as ouve vibrações sonoras e prolongadas.»
(*Imprensa Industrial* de 30 de Agosto de 1876.)*

* * *

1877. — «*Mauricio ou Os Paulistas em S. João d'El-Rei.*

«E' o titulo do ultimo romance do nosso festejado escriptor e suavissimo poeta Bernardo Guimarães.

«São dous bellos volumes de 300 paginas cada um, impressos no Havre, editados pelo Sr. Garnier, cujos bons serviços prestados á nossa joven litteratura são dignos da gratidão do paiz.

«Analysar o merito do ultimo producto da intelligencia mascula do autor das *Novas Poesias, Escrava*

* Estas são as seguintes magistraes apreciações devidas á penna de Felix Ferreira, um dos nossos mais illustres e operosos homens de letras.

Isaura, Garimpeiro e tantas outras joias litterarias, não é empenho para os limites estreitos de uma simples noticia biographica.

« A acção passa-se na provincia de Minas, essa fulgente estrella da constellação do Imperio; onde a natureza pejou de ouro as entranhas da terra, e deu aos rios leitos de pedras preciosas.

« A avidez de riquezas que aos metropolitanos devorava, nos tempos coloniaes, e o selvagem despotismo dos capitães-móres, em luta com os filhos da terra, opprimidos por uma autoridade brutal, fazem o assumpto da narrativa, enriquecida de bellas descrições que lhe dão o sainete da côr local, entremecendo-se na trama historica descriptiva o drama de seus amores castos e infelizes.

« Os caracteres dos varios personagens do romance são traçados com a firmeza de mão que ás produções de Bernardo Guimarães tem valido a justa celebridade de que gozão; e o movimento de paixões que dramatizão o assumpto trazem o espirito do leitor constantemente preso desde os primeiros capitulos da obra, que tem ainda o grande valor de ser a promessa de um novo romance do fecundo escriptor, pois que estes dous volumes são apenas a primeira parte dessa elegante producção litteraria.

« Com effeito, as ultimas palavras do 2º volume de *Mauricio* são as seguintes:

« O leitor que até aqui tem acompanhado benigna e pacientemente esta tosca narração, se deseja saber qual foi realmente o fim de Mauricio e qual a sorte de seus companheiros de infortunio e outros personagens que nella figurão, deve ler outra historia, que servirá de seguimento a esta com o titulo de *Bandido do Rio das Mortes*.»

« Ainda bem. (*Imprensa Industrial* de 25 de Fevereiro de 1877.) *

1880. — Neste anno, acudindo ao chamamento da *Revista Brazileira*, que em santa confraternização litteraria se associara á Portugal commemorando o terceiro centenario do immortal poeta dos *Lusiadas*, escreveu :

A CAMÕES

Bem arduo empenho tomo sobre os hombros !

Posso eu cantar a gloria

Do vate, que causou ao mundo assombros

Celebrando a memoria

Dos feitos de um heroico e nobre povo ?...

Eu, bardo obscuro deste mundo novo ? !...

* No *Caldense* (redigido então pelo meu amigo e illustre conterraneo e talentoso sabarense Thomaz P. F. Lessa) no n. de 11 do anno de 1877, publiquei as minhas impressões da leitura deste livro. Tive em premio uma honrosa carta do poeta datada de Queluz, 20 de Julho e que publicarei na minha collecção, — *Autographos Brazileiros*.

Devo eu, do seio destas tristes brenhas
Soltar nota perdida,
Que irá por certo em vibrações rouquenhas
Perder-se esvaecida
Na orchestra universal, que hoje proclama
Do luzitano bardo o nome e a fama?...

Da gloria de seus feitos, de seus hymnos,
Dos tristes devaneios
De seu amor, seus asperos destinos
Tres seculos vão cheios.
Tres séculos ha que surge essa figura,
De anno em anno mais brilhante e pura.

Porém que importa?... A timida homenagem
De meu fervente culto
Nada amesquinha á gigantesca imagem
Do nobre, heroico vulto;
Tosca pedra que encosto ao pedestal
De uma estatua soberba e colossal.

Quando da aurora no horizonte assoma
Do sol o disco ardente,
A verde selva meneando a coma,
O zephyro fremente,
O arroio, a fonte alegres rumorejão,
E o céu e a terra e as aguas o cortejão.

Ante o fóco da luz e da belleza,
Em extase suspenso
O mundo inteiro canta; a natureza
Desprende um hymno immenso
De multiforme, esplendida harmonia,
Em que exalta e saúda o rei do dia.

Mas no meio da orchestra retumbante,
Que entôa a criação,
Ouve-se lá na encosta verdejante
A timida canção,
Que entre moitas de murta e ros naninho
Gorgeia a medo ignoto passarinho.

Assim do genio entre o fulgor sagrado
Se expande a mente humana ;
E, se entoar poemas não lhe é dado
Em sonora hosanna,
Sagre-lhe ao menos do intimo do peito
Em verso humilde respeitoso preito.

Perdôa, pois, ó sombra venerada
Do bardo luzitano,
Perdôa, si co'a mente arrebatada
Por um arrojo insano
No monumento teu depôr eu venho
Pallida flôr de meu escasso engenho.

Triplice louro te circumda a frente
Magestosa e sublime ;
Poesia, amor, patriotismo ardente
Eis o que elle exprime.
São tres fanacs, em que tu te inspiraste,
Na epopéa, que aos seculos legaste.

Oh ! que vasto horizonte de harmonias
Já ledas e risonhas,
Já tristes, já terriveis e sombr'as,
Já rudes e medonhas,
Abres nesse immortal, divo poema,
Que ha de tecar do tempo a meta extrema !.

Ahi do luzo nauta está gravada
A imagem sobranceira
Em pedestal eterno sublimada ;
Ahi resplende inteira
A gloria de uma altiva geração ;
De um povo heroico ahi bate o coração.

Quão tristemente Ignez ahi suspira
Seu lastimoso amor !....
Que terriveis vinganças não respira
O torvo Adamastor,
Ao nauta afouto annunciando es duros,
Cruéis desastres, que contou futuros.

Do oceano immenso aos bravos domadores
Teces formosa c'roa,
E a despeito da inveja e seus furores
Teu nome inda hoje sôa,
Nobre pregão do ninho teu paterno ;
E é este o premio teu, sublime, eterno.

E é esse só ; cruel sorte te aguarda
Nos teus extremos dias ;
A indifferença, a inveja lá te aguarda
Com suas garras frias ;
E o mais alto cantor da altiva Iberia
Morre á mingua no leito da miseria.

Dos soffrimentos teus a triste historia,
Teus asperos labores,
Tanto infortunio junto a tanta gloria,
Teus tragicos amores,
Diga-os a India e a gruta de Macau,
Diga Lisbôa, diga o fiel Jau.

Desdobremos, porém, sobre taes scenas
Do olvido o espesso véo,
Esqueção-se hoje cousas tão pequenas,
Esqueça-se o labéo
Dessa mesquinha geração ingrata,
Que um tão nobre filho assim maltrata.

Mas basta !...eis já cumprido o santo voto !...
O' immortal Camões,
Aceita os hymnos do cantor ignoto ;
São fracas oblações
De quem arrasta miseros andrajos
Aos pés de quem vestio sublimes trajos.

E que importa ao fulgor de tua gloria
A pallida lucerna,
Que apenas bruxolêa merencoria
Em lobrega caverna ? !...
Apague-se uma vez ; quebre-se a lyra,
Que a celebrar teu nome em vão aspira. »

1881.—« Ouro-Preto, 31 de Março.... Por fallar em poesia, fui aqui visitado pelo Dr. Bernardo Guimarães, poeta de tanta nomeada no Brazil.

«Estando no meu quarto, contou-me que fôra a palacio comprimentar o Imperador, e, procurando o chapéo para sahir, não achou o seu, e sim um velho e imprestavel. Parou de fallar, e, fitando-me muito serio, começou a dizer os seguintes versos :

•Hoje a casaca enverguei,
Cousa que muito me custa,
Para vêr a face augusta
Do rei que sempre estimei... »

Como aconteceu não sei,
Julgando ir para o céu
Aconteceu-me um labéo,
Pois que, estando em palacio,
Fiquei como um pascacio
Com casaca e sem chapéo. »

(Viagem Imperial.—*Jornal do Commercio* de 7
de Abril de 1831 : *Carta do correspondente.*)

*
* *

« Ouro-Preto, 20 de Abril. —... Termino esta
carta enviando a seguinte poesia que o Sr. Dr. Ber-
nardo Guimarães fez o favor de dedicar-me, o que
muito lhe agradeço :

« Viajor, que visitas nossas plagas
Austeras, e sombrias,
Que do Itacolomi nas duras fragas
Vens pousar alguns dias,
Eu te saúdo, e tua mão aperto
E ás expansões achas meu peito aberto.

Que vês aqui ? montanhas abruptas,
Austeros alcantis.
Almas singelas, sim, mas não corruptas
E nem corações vis ;
Achas no lar o filho da montanha
O mesmo sempre aqui ou em terra estranha.

Se a vista estendes pelos horizontes,
Só vês as serranias
Erguendo ao céo as denteadas fronte
De rudes penedias,
Que se elevão em grupos caprichosos
Por sobre socavães vertiginosos.

Que vês aqui? altissimas montanhas
Tristonhas e abruptas,
De rochas collossaes fórmãs estranhas
E boqueirões e grutas,
E agua clara correndo aos borbotões
Entre sombrios frigidós grotões.

Aqui tu vês a historica cidade
Entre combros aluidos,
Ainda recordando com saudade
Os tempos já volvidos,
Em que entornava a regiões estranhas
Ouro a granel das mádidãs entranhas.

E aqui dormida entre escalvados morros
De flancos lacerados,
Por onde a alluvião cahindo em jorros
No valle escalavrado,
Derramava qual magico thesouro
Entre fino esmeril palhetas d'ouro.

Ali cuidarás vêr collossaes cimalthas
De templos derruidos
Pendientes torreões, rôtas muralhas,
Castellos denegridos
Que pelo aspecto grave e venerando
Estão éras antigas recordando.

Sobre seu petreo leito ella descansa
Descuidada a sorrir,
E hoje respira as auras da esperanza
Aguardando o porvir.
Folga contente a capital vetusta
Ao vêr de seu monarcha a face augusta.

De Xavier a inclita cabeça
Ali plantada estava ;
E como um sol rompendo a treva espessa
Aos ventos balouçava,
Aos vindouros mostrando em crise horrenda,
Da liberdade a luminosa senda.

Além, naquella encosta vicejante,
Gonzaga inda suspira,
Cantando as graças da formosa amante
Na maviosa lyra ;
E cuida-se ainda ouvir a voz dolente
Do desditoso e nobre inconfidente.

Muitas outras lembranças gloriosas
Aqui encontrarás,
Que em teu paiz, em horas mais ditosas,
Um dia contarás ;
E não te esquecerás do lhano abrigo
Que aqui tu encontraste em seio amigo.

Vai-te ; doce memoria aqui guardamos
Da rapida passagem
Que aqui fizeste ; adeus, nós te saudamos.
Adeus, bôa viagem.
Como em meu coração saudades deixas
Leva em teu coração estas endeixas. »

« Arraial do Ouro-Branco, 21 de Abril.—Na carta que escrevi de Ouro-Preto não disse, por ser tarde, que, tendo S. M. o Imperador declarado ao Dr. Bernardo Guimarães que desejava possuir uma collecção completa de suas obras, hontem á noite em palacio aquelle estimado escriptor e poeta levou-lh'as, mas sendo intrepente perante Sua Magestade a menina Constança da Silva Guimarães, filha do referido poeta, á qual pronunciou as seguintes palavras:

« Senhor. A' presença de V. M. Imperial temos a honra de apresentar-nos eu e minha irmã Izabel, que aqui se acha á meu lado, afim de offertar á V. M. Imperial, em nome de nosso pai, o Dr. Bernardo Guimarães, estes volumes de suas produções litterarias.

« Elle pede desculpa á V. M. Imperial pela insignificancia da offerta, e quiz que fôsse apresentada por nossas mãos, afim de significar por esse modo a pureza e sinceridade da fraca homenagem de amor e de respeito que hoje depômos nas augustas mãos de V. M. Imperial.» (*Jornal do Commercio* de 25 de Abril de 1881.)

* * *

1883.—«*Rosaura a Engeitada*—(1 br. in-8º de 572 pags. Rio, B. Lz Garnier).

«A mão do inspirado poeta nacional, tremula ainda de traçar as ultimas paginas deste interessante romance, pendeu para sempre enregelada pelo frio da morte.

«Em um dos proximos numeros encetarei a publicação da synthese biographica dos poetas nacionaes (appendice ao *Parnaso Brazileiro*), e então terei occasião de analysar todos os trabalhos do illustre poeta mineiro.» (*Mucio Teixeira. — Revista Litteraria* n. 3 de 20 de Abril de 1884.)

1883.—«*Folhas do Outono*, poesia.

«De tempos a tempos um livro de verso de um dos nossos poetas de mais larga e justa nomeada, o Dr. Bernardo Guimarães, vem alegrar os que prezão primores com que se enriquecem as patrias lettras. Intitula-se *Folhas do Outono* esta nova collecção, que vem precedida de um prologo em que o poeta faz a sua profissão de fé relativamente ás diversas escolas de poesia e litteratura, e á escolha de differentes metros, nomeadamente do alexandrino.

«E' ainda editor deste livro, como dos anteriores do mesmo autor, o Sr. B. L. Garnier.» (*Jornal do Commercio* de 1 de Junho de 1883.)

—Sobre as—*Folhas do Outono*, vid. *Lucros e Perdas* n. de 2 de Julho deste anno.

*
* *

— « Minas-Geraes, celebre por seus engenhos, mostra com orgulho os *Cantos da Solidão*, as *Lendas e Romances*, o *Ermitão de Muquém*, etc. da inspirada penna do Sr. Dr. Bernardo Guimarães. » (Dr. Antonio Henrique Leal — *Locubrações*. Maranhão, 1874, á pag. 230.)

*
* *

— « Não se vá pensar agora que me esquivo de admirar os escriptores nacionaes, como Bernardo Guimarães e outros, finos observadores do nosso scenario e do viver e lidar do nosso povo. » (Senador F. Octaviano — *Neve á descoalhar*, introduccão dos *Vóos Icaros*. Rio, 1872.)

*
* *

— « Que importa que na primeira parte do teu livro a musa de Bernardo Guimarães ou Juvenal Galleno, coroada com as perfumosas flôres do sertão, á frente de um rancho de raparigas morenas e rosadas, saia curta e perna grossa, prazenteiras e desembaraçadas, venhão todas, como a choréa sadia de que te fizeste Apollo, cantar as cantigas da roça ao som da

viola, ou contar as historias das almas penadas de que andão malassombrados os caminhos da matta? » (Dr. Salvador de Mendonça. Carta-prefacio dos *Quadros* por Joaquim Serra. Rio, 1872.)

* * *

— «As lendas, cantigas e typos populares, que formão a parte principal deste volume, reflectem de algum modo a vida em nossos sertões. Se outro fôra o cantor, Bernardo Guimarães, Trajano Galvão ou Juvenal Galleno, por exemplo, mais accentuados ficarião os episodios descriptos.» (Dr. Joaquim Serra—*Sertanejas*; nota á pag. 141 dos *Quadros*.)

* * *

— «Chama-se *Cantos da Solidão* o livro de Bernardo Guimarães. Não costuma elle chafurdar-se na convenção, nem trabalhar sobre inspirações de outrem. Escreve o que pensa e sente. Sahe-lhe o verso como a idéa o dicta. Giganteo na concepção, como na phrase, Bernardo Guimarães não sacrifica o pensamento á fórma, nem poetisa lamurias piégas. Comprehende-se que tentasse a poesia da synthese social. (A. C. Almeida—*A Idéa* de n.º 1 de Agosto de 1874.)

* * *

«...Casimiro de Abreu, Porto-Alegre, Alencar, Bernardo Guimarães são typos nacionaes, como o são em sua terra Herculano, Garret, Castilho e Lopes de Mendonça. Separa-os a largura do Atlantico.» (Dr. Americo de Campos—*Archivo Litterario*. S. Paulo, 1865. Crit. Litt. dos *Contos* de Z. Pamplona.)

* * *

«... Volto a Carlos Gomes. Não haverá mais poeta nesta terra que o valha? Não o valerá de novo o Sr. Alencar? — Dous poetas possuímos, mas já se forão! que podião tomar a grande tarefa. Erão Varella e Castro Alves. Todos os dias surgem ahi, e, louvado seja Deus! surgem ahi cantores. — Pois venhão todos a este concurso. Dêem a Gomes! Que immenso! Dar áquelle genio! Não é emprestar a si proprio?

«Em que tanto trabalhão os Srs. Rozendo Moniz, Joaquim Serra, Luiz Guimarães, Bittencourt Sampaio, Machado de Assis, Lucio de Mendonça, Doria e tantos outros, que não pensão nestas exigências da patria aos seus tão brilhantes talentos?

«Lá pelas devezas de Minas, lá na encosta das

montanhas existe Bernardo Guimarães, este immortal nas nossas lettras. Daqui lhe grito: Então?

«Peço uma lava a este volcão!» (Dr. Ferreira de Menezes—*A Semana—Jornal do Commercio* de 12 de Novembro de 1876.)

A *Gazeta de Noticias* de 11 de Março de 1884, deu-nos o seguinte telegramma, acompanhado destas considerações:

«Ouro-Preto, 10 de Março.

«Falleceu na noite de hontem o grande poeta Bernardo Guimarães, gloria immorredoura da provincia de Minas-Geraes.»

«Pelo telegramma, que acima publicamos, vemos que falleceu ante-hontem, domingo 9, o Dr. Bernardo Joaquim da Silva Guimarães.

«Este nome é de um dos nossos primeiros poetas e escriptores, uma gloria de Minas e do Brazil. Não pertencia á actual geração. Foi um dos companheiros de Alvares de Azevedo e outros, que, ou cahirão cedo feridos pela morte, ou abandonarão as musas. Bernardo Guimarães foi sempre, constantemente, um homem de lettras. O seu primeiro livro tem a data de 1853, o ultimo a de 1882.

«Morreu com 57 annos incompletos, tendo nascido em Ouro-Preto a 15 de Agosto de 1827. Era filho

de João Joaquim da Silva Guimarães, também cultor de versos, de quem elle deu algumas composições em appendice ao ultimo livro publicado com o titulo de *Folhas do Outono*. Ha no mesmo volume algumas poesias de um irmão do poeta, até então ineditas.*

« Conhecemos Bernardo Guimarães na *Actualidade*, companheiro de Flavio Farnese e do actual Sr. presidente de conselho. Pouco depois retirou-se para Minas, donde não sahio mais, a não ser mui passageiramente.

« Não é preciso lembrar o que valia este homem illustre: era poeta de elevada esphera, natural, inspirado, dispondo de uma fórma correntia, colorida e severa.

« O seu primeiro livro, *Cantos da Solidão*, é dos melhores da nossa bibliotheca poetica. Publicou mais tres volumes de versos, *Poesias*, *Novas Poesias* e as *Folhas do Outono*. Entre muitas paginas graves achão-se outras em que a musa do poeta se mostra alegre, comica, satyrica mesmo, mas sem offensa, com um tom de perpetuo bom humor, que é a exacta expressão do seu character.

* Uma dellas — *O Ipé* foi em 1859 publicada na excellente collecção — *Harmonias Brasileiras* do illustre Dr. Macedo Soares, então estudante do 3º anno da Faculdade de Direito de S. Paulo. — P. C.

«Tendo escripto muitos artigos na *Actualidade* e outras folhas daqui e de Minas, já litterarios, já politicos, só mais tarde começou a cultivar o romance, e deixou obras dignas de apreço. São desse numero *A Escrava Isaura*, *O Garimpeiro*, *o Ermitão de Muquém*, *Mauricio ou os Paulistas em S. João d'El-Rei*, *Rosauro*, *A Ilha Maldita*, *Lendas e Romances*, *O Indio Affonso*, *O Seminarista*, *Historias e Tradições da Provincia de Minas-Geraes*.

«Parece que deixou dous dramas ineditos—*Os dous recrutas* e a *Voz do Pagé*.

«Convem dizer que, antes mesmo da publicação dos *Cantos da Solidão*, já elle publicára artigos litterarios no anno de 1847, em uma folha de S. Paulo.

«Minas deve ter orgulho em haver dado o berço a este brasileiro eminente,— o mesmo orgulho que elle sentia em lá ter nascido, consolação dos seus ultimos annos, e, com certeza, dos seus derradeiros momentos. Havia dentro daquelle brasileiro patriota um mineiro cordial, sem ambições, um poeta fiel á solidão, indifferente ao bolicio da vida publica.

«As musas, as que muitas vezes sabem ser gratas, nunca o abandonarão. A illustre provincia que nunca o esqueceu vai inscreve-lo ao pé de Gonzaga e de Alvarenga.

* * *

«FALLECIMENTO. — Por telegramma de Ouro-Preto foi-nos communicada a triste noticia de haver fallecido ali, ante-hontem á noite, o mavioso poeta Bernardo Guimarães.

« Filho da provincia de Minas, começou Bernardo Guimarães a ser conhecido, desde muito moço, por alguns versos que publicou, quando estudante da academia de S. Paulo. Formado em direito, não teve a aridez das questões forenses o poder de arreda-lo do cultivo da poesia. Muitos e bons versos escreveu elle nas horas em que não manuseava autos; e não só versos como romances de assumptos brasileiros, que, se não primão pelo enredado do entrecho, têm sabor verdadeiramente nacional, o que não é pouco em escriptos desse genero.

« Bernardo Guimarães residio muitos annos nesta cidade, e foi então durante algum tempo nosso companheiro de trabalho. Depois retirou-se para a sua provincia natal, de onde mandava de vez em quando algum escripto, prosa ou verso, que vinhão provar-nos que nem as enfermidades, nem as vicissitudes da vida, e não fôrão poucas as provações por que elle passou! poderão diminuir-lhe a actividade intellectual.

« A provincia de Minas perde nelle um dos seus melhores poetas coetaneos. »

(*Jornal do Commercio* de 11 de Março de 1884).

* * *

NOTAS Á MARGEM

(*Gazeta de Noticias* de 12 de Março de 1884)

«E' morto Bernardo Guimarães.

«Ante o seu tumulo mal fechado cumpro o meu dever de homem de lettras, pondo—como um soldado ante o feretro de um glorioso commandante—a minha penna em funeral.

«Vão-se as velhas glorias da patria—uma a uma, rapidamente, arrebatadas na aza revolta e invisivel da morte.

«Não é ainda tempo de julgar Bernardo Guimarães ; urge, porém, que nós—os que modernamente andamos batalhando esta batalha despremiada e dolorosa das lettras—nos acurvemos em lucto perante a grande sombra que passa.

«Vinde para sauda-la, recordações felizes da minha infancia !

«Volvei, momentos leaes e fugidios, que vos evolastes da minha vida—como os novellos de fumo

de uma pyra que se devora em fogo — vinde, momentos deliciosos, embalsamados nas harmonias sonoras dos *Cantos da Solidão*; embalados na fantasia irisada e fresca do *Ermitão de Muquém*, da *Escrava Isaura*, do *Seminarista*!

«Horas assim furtadas ao estudo nos serões do collegio, como ides longe de mim, que ainda sou moço — e como ereis boas!

«Ao alto da sala, sobre a mesa, o *inspector*, cabeceando somnolento, de regua em punho, sacudindo de quando em quando a modorra da sala com tres ou quatro reguadas disciplinares sobre o pinho borrado de tinta das carteiras — quando os rapazes cochilavam, de nariz no livro, ou cochichavam risonhos, segredando-se planos de orgia de pão com manteiga e grandes partidas de *bilboquet*; entre um rapazito a dormir e outro a fazer bonecos sobre o caderno dos *significados* está um que lê, que *estuda* o seu latim ou a sua geographia conscienciosamente, com brio — enchendo de grato e indevido jubilo o *inspector* papalvo...

« E' que esse rapaz — que era eu ou que eras tu, leitor, — esse rapaz estudava a sua geographia ou seu latim no *Garimpeiro*, ou na *Noite na Taverna*, ou na *Moreninha*, ou no *Guarany*.

« O processo para assim zombar da boa fé dos

mestres e dos olheiros era engenhoso, mas simples :— gente escancarava o seu *Tito Livio* ou o seu *Pompeu* sobre a taboa da *carteira*, tendo o cuidado de ladear o livro com outros—dicionarios quasi sempre ; depois, muito geitosamente abria o livro da devção sobre o livro da obrigação, e cahia nas aventuras de Isaura, a galantissima escrava, que escravizou corações, ou nas bravuras de devaneios de Pery.

« Quando o inspector fazia ouvir o grosso pigarro da sua autoridade, o criminoso cobria o objecto do delicto com o dicionario mais proximo, e atirava-se fervoroso á caça de um significado insignificante...

« Com a noticia da partida do velho Bernardo Guimarães, lembrarão-me esses tempos saudosissimos em que nós—miseros forçados da lettra redonda—fizemos as nossas primeiras e melhores leituras—tão desprevenidas, tão alegres, tão desejadas !

« Lembrarão-me que chorei com o *Garimpeiro*, que me ri com o *Seminarista*, e que me enchi de assombros com o *Ermitão de Muquém* ..

« Não os reli depois ; e essas impressões conservo-as na virginal pureza com que as recebi da primeira leitura.

« A' noticia de que era morto Bernardo Guimarães, acordarão-se-me na memoria uns velhos versos sentimentaes do cantor da solidão, e como sombras

de mortos ao signal de batuta feérica—dansou-me na alma o bizarro bailado da juventude do poeta! . . .

« E', portanto, com os juvenis enthusiasmos, com as estrelladas illusões desse tempo, que venho dizer, junto ao tumulo de Bernardo Guimarães—á patria e principalmente á provincia de Minas, que elle amou tanto e que o não esquecerá nunca:—Aqui repousa um poeta nosso. Não o deixemos morrer!

« Dr. *Valentim Magalhães.* »

* * *

A *Revista Illustrada* em seu n. de 15 de Março, dando o retrato de B. Guimarães, disse:

« O telegrapho apressou-se em nos transmittir a tristissima nova do fallecimento de Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, em Ouro-Preto, na noite de 9 do corrente.

« B. Guimarães era um nome estimado e conhecido no Rio de Janeiro, onde esteve muito tempo, e em todo Brazil que o lê.

« Poeta e prosador, elle foi jornalista, critico. . . mas sempre decidido homem de letras; escreveu sempre; o seu primeiro livro *Cantos da Solidão* data, creio, de 1853, e do ultimo *Folhas do Outono*, não ha

dous annos ainda que aqui nesta folha se fez o merecido elogio.

« Nunca pertenceu á nova geração, que injustamente ria-se d'elle, e da qual elle tinha mais razão de rir-se *

« B. Guimarães era poeta de esphera muito mais elevada do que o realismo de certos versejadores de hoje ; o seu metro é natural, a sua inspiração bôa e sã, o seu verso colorido e castigado.

« A *Revista Illustrada* citou d'elle mais de uma poesia. Prosador, era sempre correcto, pittoresco e de bello humor ; um talento deslumbrante, deixou bellissimos romances : *A Abbadia de Muquem*, *A Escrava Isaura*, *O Garimpeiro*, *Rosaura* e outros.

* O estimavel R. ha de dar-me licença para oppôr-lhe ao asserto a seguinte franca declaração :

A' excepção do exigentissimo Sr. Dr. Sylvio Romero, não deparei-me folha ou livro algum o mais ligeiro reparo de escriptor da nova geração contra B. Guimarães. E o critico excepcionado não ousou mais do que dizer :—« Isto vem a proposito dos romancistas e dramaturgos brasileiros, que não se individualizão com facilidade. Resunem-se em dous, os mais fecundos e os mais sinceros, os Srs. J. de Alencar e Macedo. Os outros têm o poder magico de nada significarem,—*excepção feita do poeta mineiro Bernardo Guimarães, companheiro de A. de Azevedo, que ultimamente tem escripto uns romancitos de alcance mediocre, porém, que tem o direito de separar-se dos magros folhetins que por ahí caminhão* (*A Litterat. Brasileira e A Critica Moderna*—Rio, 1880 : á pag. 129).

E á pag. 185 :—« O romantismo no Brazil atravessou phases diversas : . . . depois veio a época sceptica, á moda de Byron e Musset. Alv. de Azevedo, B. Guimarães, Junqueira Freire e C. de Abreu são os seus melhores representantes. » —Mais nada.

« Foi um trabalhador honesto e constante, uma gloria patria, de que nem Minas, nem o Brazil poderão jámais esquecer-se, sem grave injustiça.

« A *Revista Illustrada*, dando hoje aos seus assignantes o retrato de B. Guimarães, presta uma justa homenagem a um dos melhores talentos da patria, e tem a grata felicidade de salvar ao mesmo tempo do fatal olvido uma physionomia interessante que, sem isso, desapareceria de uma vez com o finado. B. Guimarães, com effeito, jámais se deixou retratar. Foi apenas, em um dia, entretido em uma conversação de alguns minutos com o seu amigo o Barão Homem de Mello, que outro amigo commum, o Sr. G. Manders, pôde surprender-lhe os traços e traduzi-los fielmente em um pequeno cartão.

« E' deste unico trabalho, em nosso poder ha já algum tempo, graças á amabilidade do illustre Sr. Barão Homem de Mello, que podemos, vulgarizando, perpetuar o retrato do grande poeta mineiro, do brilhante escriptor brasileiro. »

*
* *

« Na provincia de Minas-Geraes finou-se Bernardo Guimarães, laureado poeta e romancista nacional. »

« Desde 1853 estava aquelle homem na desamparada trincheira da nossa litteratura, continuando por sua conta e risco um combate, não direi sem esperança, mas sem animação nem estímulo. Brevemente espalhados succedião-se os seus livros. O combatente isolado atirava regularmente, e como se o acompanhasse numero pelotão. . . Que lhe importavão os outros? Soldade das letras, cumpria altivo e resignado o seu dever.

« Assim é que delle tivemos *A Escrava Isaura*, *O Ermitão de Muquém*, *O Seminarista*, as *Lendas e Romances*,—onde vêm a *Historia dos Quilombolas*, *A Garganta do Inferno* e *A Dansa dos Ossos*,—as *Historias da provincia de Minas-Geraes*, *O Garimpeiro*, *Mauricio* e *Rosaura a Engeitada*, afóra outros romances, que de momento não me occorrem, sem já fallar nos seus volumes de poesias.

« Poeta, Bernardo Guimarães manifestava a doçura de sua indole, por extremo pacifica e bôa, mas tambem soube por vezcs revelar-se o pensador profundo e inspirado. Romancista, proveitosamente explorou as tradições da sua provincia natal, e bem sabia retratar os costumes nacionaes, prestando o valioso concurso de sua penna para tornar sympathica uma raça opprimida. A morte, portanto, de um homem como Bernardo Guimarães, se em todo paiz, onde se estime a

litteratura, seria motivo de justificadas tristezas, como não será entre nós, onde tanto escasseiãõ os cultores das bõas lettras?

«Aquelle bravo, que valia por muitos, merece mais do que os prantos vulgares que se derramãõ quando um homem desce ao tumulo. Com a morte de Bernardo Guimarães, não foi um soldado que perdemos, foi uma legião!»

(Dr. Carlos do Laet:—*Microcosmo, Jornal do Commercio* de 16 de Março de 1884.)

*
* * *

COUSAS DO DIA

(*Gazeta da Tarde* de 20 de Maio de 1884.)

«A alegria pela explosãõ de um sentimento generoso e bom deve ser a nota vibrada, hoje, nesta secção, onde, ás vezes, se tem tratado daquillo que temos de mais enfadonho e de mais burlesco—a nossa politica.

« Felizmente posso, por instantes, abandonar a penna que fere pela pluma iriada, onde ha a crystallizaçãõ de uma lagrima que se converteu, congelando-se, em diamante, é verdade, mas tão puro como

um raio de luar coando-se através de uma taça de fino crystal de rocha.

« Em Minas, ainda não ha muito tempo, um dos maiores sonhadores desta patria — o homem que creou o typo do *Ermitão de Muquem*, e que burilou nos seus livros os vultos do *Garimpeiro* e da *Escrava Isaura*; o poeta magestoso dos *Cantos da Solidão*, — Bernardo Guimarães, emfim, desaparecia da arena dos vivos legando — á patria suas obras, á familia — a miseria.

« Como uma reivindicação do muito que fez o companheiro de Alvares de Azevedo, esse Musset brasileiro, um grupo de moços, residentes em Ouro-Preto, lembrou-se de levantar uma subscrição em favor da familia do poeta morto. *

« Para mim que sei o que é a morte, pois que desço de além-mundos; para mim que sei o que é esse abandonar forçado de tudo quanto mais amamos, para mim, repito, esse acto é simplesmente esplendido, divinamente consolador.

« O que mais poderia consolar os manes de quem se evolou para além, e cuja vida fôra um sonhar eterno, senão um acto de caridade, que redunde em bem de uma familia — a revoada alegre que o poeta

* Vide Appenso, pag.

encontrou sempre, quer nas horas de suas melhores alegrias, quer nos momentos em que a dôr, como um oceano tempestuoso, afogava em suas ondas o seu coração sonoro, cheio destas vibrações magicas, que tantas e tantas vezes palpitou e sentio, chorou e soffreu.

« Podem levantar estatuas aos reis, commemorar no bronze o vulto de um Napoleão, mas os que se erguêrão em uma estatua que tem um pedestal feito de livros, esses não necessitão da effigie em praça publica, mas de pão que apague a fome em labios resequidos pela sede do infortunio.

« Ao povo de Ouro-Preto, aos filhos da provincia de Minas, aos brasileiros um conselho de quem abandona a penna para voltar á outra vida, onde não ha odios e onde a existencia é uma chimera, um povoar de sonhos bons; unão-se todos, abrão-se todas as bolsas e, em nome da caridade, uma esmola á familia de quem deixou cahir sobre o altar da patria os rutilos diamantes rebentados de uma grandiosa mina—o seu enorme talento.»

O FALLECIDO SOMEL.

* * *

.....

« Quereis outro exemplo disso ?

« Ahi o tendes bem recente: — Bernardo Guimarães.

« Falleceu pauperrimo — esse prodigo de talento.

« E em Minas agora, como aqui, trata-se de pedir para a sua familia aquillo que o seu chefe não soube deixar-lhe — porque não pôde sabe-lo.

« A academia de S. Paulo, esse calido ninho fecundo de grandes nomes, fonte inexaurivel de talentos, terra de luz e de amores, como lhe chamava Zaluar, a academia de S. Paulo acaba de enviar a Ouro-Preto um de seus membros, commissionedo em nome de todos, para depositar sobre a mal cerrada sepultura do grande lyrico mineiro a expressão sincera do seu profundo respeito e da sua grande saudade — sob a fórma de singela corôa de flôres.

Honra lhe seja — á academia de S. Paulo !

Teixeira de Freitas — a aguia altaneira e sem par da nossa jurisprudencia e talvez de toda a America — Bernardo Guimarães, o glorioso representante do romantismo, um dos fundadores do romance nacional — estão mortos hoje e as suas familias em pobreza !

Ide-lhes em soccorro, ó patria, que a elles tanto deveis !

Lembraí-vos que nunca se vos importuna para

irdes em auxilio das familias dos pobres... de capi-
rito...

E' que quasi todos elles morrem na fortuna;—
morrem ricos.

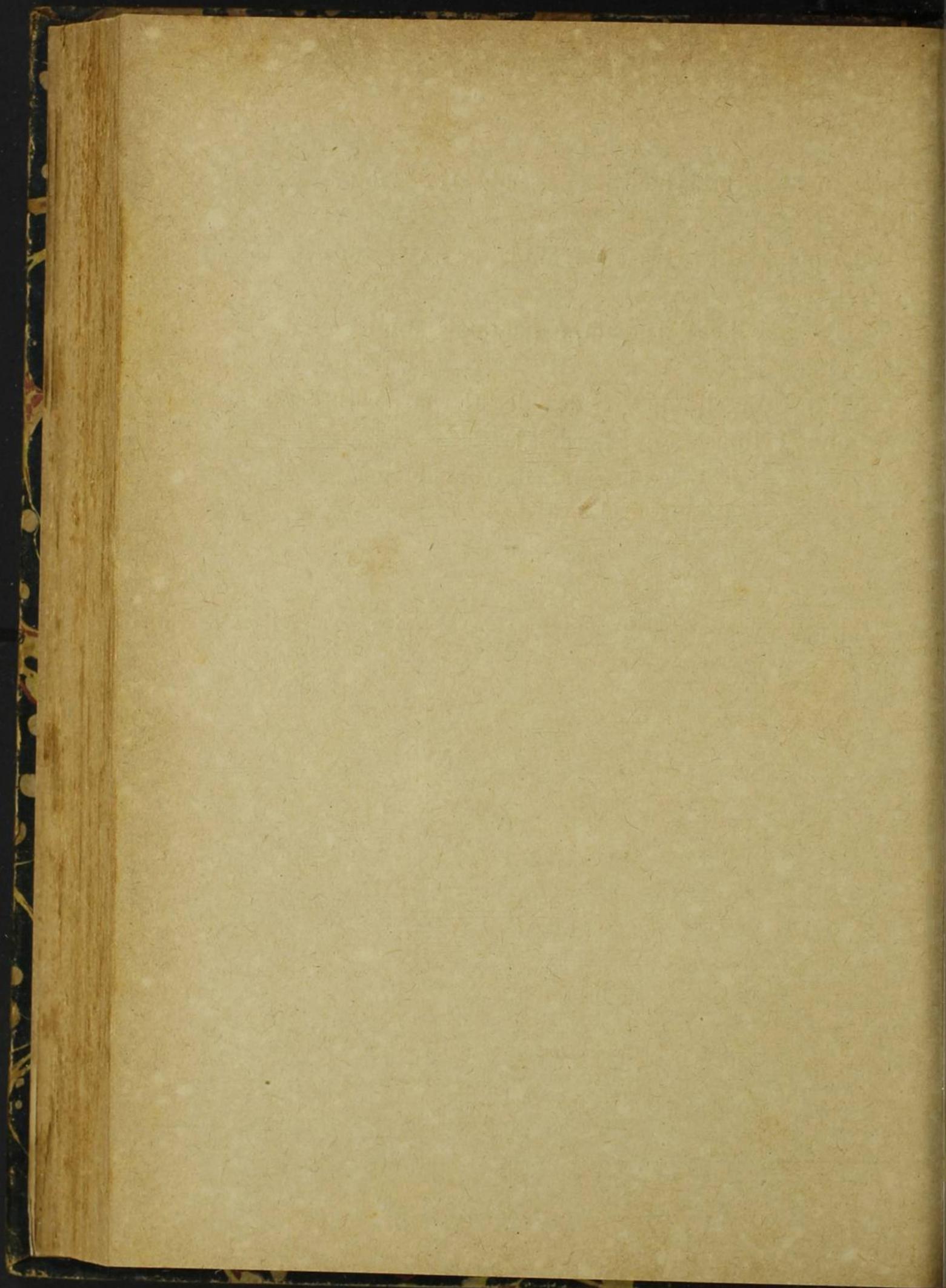
E se não lhes dais nada, é que tambem elles nada
vos deixão.

E dos Teixeira de Freitas e dos Bernardo Guima-
rães que fortuna—a que herdais!

Manda a justiça, portanto, dar um obolo ás fami-
lias desses—millionarios!

V.

(Notas á margem: — *Gazeta de Noticias* de 20
de Maio de 1884.)



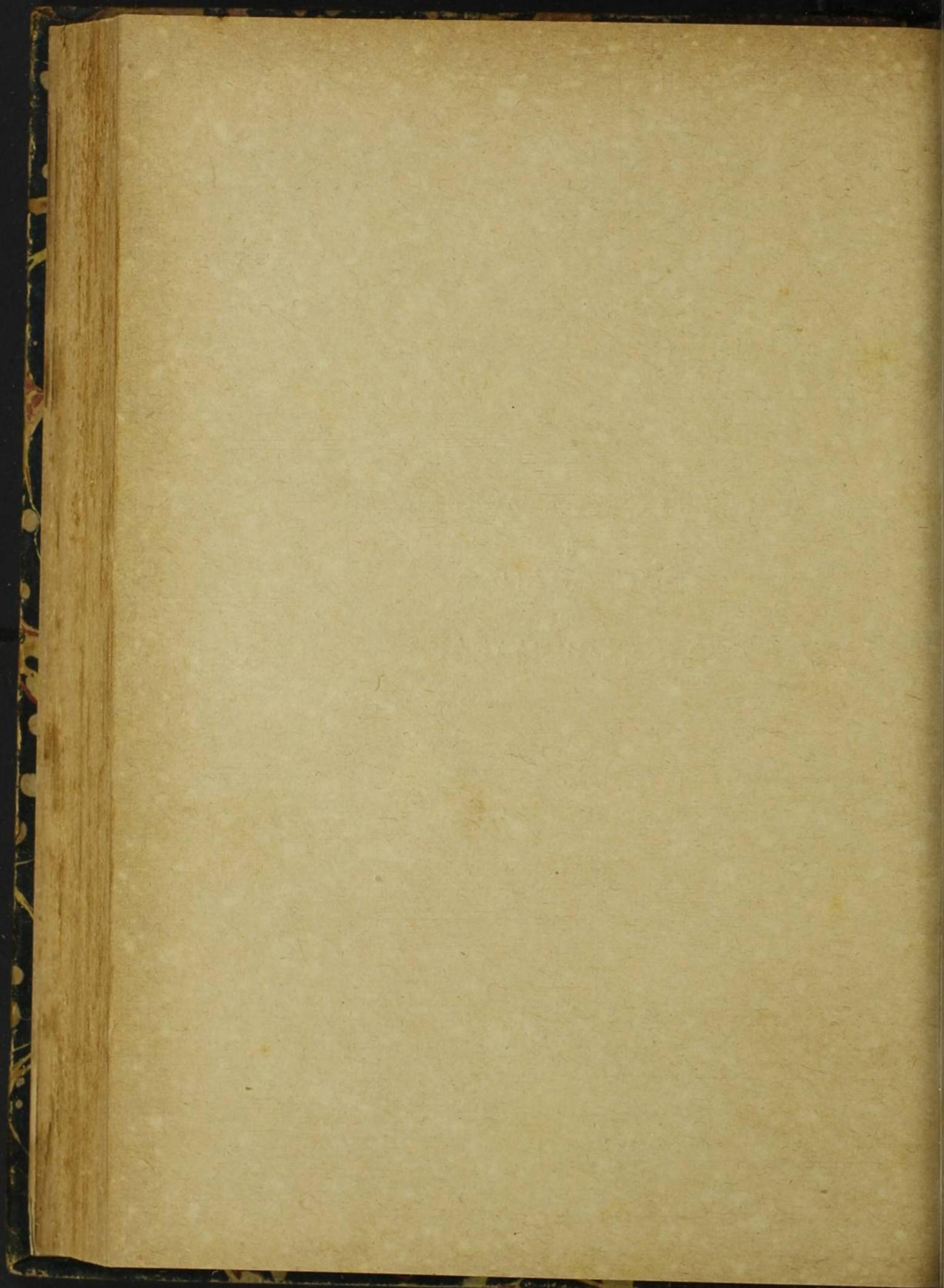
PRODUCCÕES PANTAGRUElicas

E

BOCAGEANAS

DO

DR. B. GUIMARÃES



PRODUCCOES PANTAGRUElicas E BOCAGEANAS

Não chegaria ao fim desejado, se deixasse de incluir nestas paginas as seguintes composições, pedindo venia aos sensatos e despreoccupados: quanto áquelles para quem é mais alto escandalo escrever um beijo do que tomar um cento, esses... (exactamente pelo que se lê na *Advertencia* das poesias de M. M. B. du Bocage, edição de Bruxellas, anno de MDCCCLX).

SONETO

Nec semper arcum tendit Apollo

Eu vi dos pólos o gigante alado
Sobre um montão de pallidos coriscos,
Sem fazer caso dos bulcões ariscos
Devorando em silencio a mão do fado !

Quatro fatias de tufão gelado
Figuravão da mesa entre os petiscos !
E envolto em manto de fataes rabiscos,
Campeava um sophisma ensanguentado !

« Quem és que assim me cercas d'episodios »
Lhe pergunto com voz de syllogismo
Brandindo um facho de trovões serodios.

« Eu sou — me diz — aquelle anachronismo
Que a vil cohorte de sulphureos odios
Nas ondas sepultou de um solecismo... » *

DISPARATES RIMADOS

Quando as fadas do ostracismo
Embrulhadas n'um lençol,
Cantavão em si-bemol
As trovas do paroxismo,
Veiu dos fundos do abysmo
Um phantasma de alabastro
E arvorou no grande mastro
Quatro pannos de toucinho,
Que encontrárão no caminho
Da casa de João de Castro.

* Este soneto e um outro do Dr. João Cardoso (actual Sr. Barão de Parauapiacaba) fôrão publicados pelo Cons. J. F. de Castilho na ultima carta ao seu illustre confrade o Sr. João Carlos de Souza Ferreira a proposito da chamada *Escola Coimbra* representada pelo escriptor portuguez Sr. Anthero do Quental, no *Correio Mercantil* de 21 de Janeiro de 1866, com as seguintes palavras: « São versos de bons poetas zombando, e as *Odes Modernas* (do Sr. Anthero) são versos de máo poeta julgando fallar serio. »

Nas janellas do destino
Quatro meninos de rabo,
N'um só dia derão cabo
Das costellas de um supino ;
Por tamanho desatino
Mandou o rei dos amores
Que se tocassem tambores
No alto das chaminés,
E ningem puzesse os pés
Lá dentro dos bastidores.

Mas este caso nefando
Teve sua nobre origem
Em uma fatal vertigem
Do famoso Conde Orlando ;
Por isso de vez em quando
Ao sopro do vento sul,
Vem surgindo de um paul
O gentil Dalai-Lama,
Attrahido pela fama
De uma filha de Irmensul.

Corre tambem a noticia
Que o rei mouro desta feita
Vai fazer grande colheita
De materia vitalicia ;
Seja-lhe a sorte propicia,
E' o que mais lhe desejo ;
Portanto, sem grande pejo,

Pelo tópe das montanhas
Andão de noite as aranhas
Comendo cascas de queijo.

O queijo, dizem os sabios,
E' um grande epiphonêma,
Que veio a servir de thema
De famosos alfarrabios ;
Dá tres pontos nos teus labios,
Se vires lá no horizonte
Carrancudo mastodonte,
Na ponta de uma navalha
Vender cigarros de palha,
Molhados n'agua da fonte !...

Ha opiniões diversas
Sobre dôres de barriga ;
Dizem uns que são lombrigas,
Outros que vêm de conversas ;
Porém, as linguas perversas,
Nellas vêm grande symptoma
De um bisneto de Mafoma,
Que sem meias, nem chinellas,
Sem saltar pelas janellas,
Num só dia foi á Roma.*

* « A' musa engenhosa de B. Guimarães, o inspirado poeta dos *Cantos da Solidão*, devemos estes e outros *Disparates Rimados*, que bem nos attestão a variedade do seu talento, que, por ter escripto o *Ermo* e as *Inspirações da Tarde*, nem por isso desdenha da musa da galhofa. » (*O Ypiranga* n. 74 de 27 de Outubro de 1867.)

LEMBRANÇAS DO NOSSO AMOR *

Qual berra a vacca do mar
Dentro da casa do Fraga,
Assim do defluxo a praga
No meu peito vem chiar ;
E' minha vida rufar
Ingrata neste tambor :
—Vê que contraste de horror !
—Tu comendo marmellada
E eu cantando na escada
Lembranças do nosso amor !

Se o sol desponta eu me assento,
Se o sol se esconde eu me deito,
Se a brisa passa eu me ageito—
Porque não gosto do vento.
E, quando chega o momento
De te pedir um favor
Alta noite, com fervor
Canto nas cordas d'embira
De minha saudosa lyra
Lembranças do nosso amor !

Mulher, a lei do meu fado
E' o desejo em que vivo
De comer um peixe esquivo
Inda que seja ensopado.
Sinto meu corpo esfrega do
E coberto de bolôr !...

* Foi publicada no *Constitucional* de Ouro-Preto n. 47 de 20 de Julho de 1867. E' parodia da Modinha — *Qual quebra vaga do mar...*

Meu Deus !... como faz calor !...
Ai ! que me matão, querida,
Saudades da Margarida,
Lembranças da Leonor !

O anjo da morte pouosa
Lá na estalagem do Meira *
E lá passa a noite inteira
Sobre o leito em que repousa ;
Com um pedaço de lousa,
Elle abafa toda a dôr,
E por um grande favor
Manda ao diabo a saudade
E afoga, por amizade,
Lembranças do nosso amcr.

MOTTE ESTRAMBOLICO

Das costellas de Sansão
Fez Ferrabraz um ponteiro,
Só para coser o cueiro
Do filho de Salomão.

Gloza

Gema embora a humanidade,
Caião coriscos e raios,
Chovão chouriços e paios
Nas azas da tempestade,

* José Rodrigues Meira, então proprietario de um hotel na freguezia de Antonio Dias, de Ouro-Preto. Nelle hospederão-se em 1869 os deputados provinciaes Drs. Theodomiro Alves Pereira, Francisco F. Corrêa Rebello, Manoel Basilio Furtado e o autor desta *Grinalda*, que tem o prazer de recordar aqui os seus nomes de amigos e distinctos comprovincianos.

Triumpho sempre a verdade
Com quatro tochas na mão.
O mesmo Napoleão,
Empunhando um raio aceso,
Supportar não pôde o peso
Das costellas de Sansão.

Nos tempos da Moura-Torta,
Vio-se um sapo de espadim,
Que perguntava em latim
A casa da mosca-morta ;
Andava de porta em porta
Dizendo muito lampeiro,
Que para matar um carneiro,
Em vez de pegar no mastro,
Do nariz de Zoroastro
Fez Ferrabraz um ponteiro.

Diz a folha de Marselha,
Que a imperatriz da Moirama,
Ao levantar-se da cama
Tinha quebrado uma orelha,
Ficando manca a parelha.
E' isto mui corriqueiro
Numa terra, onde o guerreiro,
Sem ter medo de patrulhas,
Gasta trinta mil agulhas
Só para coser um cueiro.

Quando Horacio foi á China
Vender sardinhas de Nantes,
Vio trezentos estudantes
Reunidos n'uma tina !

Mas sua peor mofina,
Que mais causou-lhe afflicção,
Foi vêr de rôjo no chão
Noé virando cambotas
E Moysés calçando as hotas
Do filho de Salomão.*

PARECER DA COMMISSÃO DE ESTATISTICA A RESPEITO DA FREGUEZIA
DA MADRE DE DEUS DO ANGU' *

Diga-me cá, meu compadre,
Se na sagrada escriptura
Já encontrou porventura
Um Deus que tivesse madre?!...
Não póde ser o Deus-Padre,
Nem tão pouco o Filho-Deus;
Só se é o Espirito-Santo,
De quem fallão taes judeus.

* Possuo-os pela penna do nosso poeta. Fôrão escriptos em Ouro-Preto em 1865.

* Fôrão publicados no *Colombo* de 30 de Setembro de 1883
—Secção: *Museu do Colombo*, precedida das seguintes palavras:
« O collaborador do nosso *Museu*, hoje é ninguem menos do
que o grande poeta mineiro Bernardo Guimarães.

« Collaborador involuntario, é certo, mas não contra a vontade,
pois nutrimos a pretensão, talvez vaidosa, de que o illustre poeta
não levará a mal a indscrição de assignarmos esta sua recente
producção, que temos sem assignatura e de abrilhantarmos com
ella esta secção da nossa folha, para que não era destinada.

« A' obsequiosidade de um amigo devemos a graciosa compo-
sição, inspirada ao autor pela discussão havida na assembléa
mineira a proposito de mudar-se o nome á freguezia da Madre
de Deus do Angú.

« Como bons amigos dos nossos leitores, julgamo-nos obri-
gados a transmittir-lhes o risonho mimo.

Ahi está. »

Mas esse mesmo, entretanto,
De que agora assim se zomba,
Deve ser pombo e não pomba,
Segundo os calculos meus.

Para haver um Deuscom madre,
Era preciso um Deus femea,
Mas isto é forte blasfemia,
Que horrorisa mesmo a um padre.
Por mais que a heresia ladre,
Esse dogma tão crú
De um Deus de madre de Angú
Não é obra de christão,
E não passa de invenção
Dos filhos de Belzebuth.

E se ha um Deus do Angú,
Pergunto porque razão
Não ha um Deus do Feijão,
Seja elle cozido ou crú.
De feijão se faz tutú,
Que não é máo bocadinho ;
Mas não se seja mesquinho :
Como o feijão sem gordura
É cousa que não se atura,
Deve haver Deus do Toucinho.

Desta triplice alliança
Nascera uma trindade,
Com que toda a humanidade
Ha de sempre encher a pança ;
Porém, para segurança,
Como o angú é dura massa,

E o feijão nunca tem graça
Regado com agua-fria,
Venha para a companhia
Tambem um Deus da Cachaça.

Mas, segundo a opinião
De uma minha comadre,
Nunca houve Deus de madre
Nem de angú, nem de feijão.
Tem ella todo a razão;
Pelos raciocinios seus,
Que são conformes aos meus,
Isto é questão de panella,
E Deus não deve entrar nella,
E nem ella entrar em Deus.

E portanto aqui vai uma emenda,
Que tudo remenda.

Vai aqui offerecida
Uma emenda suppressiva;
Supprime a madre, que é viva,
Fica o angú, que é comida.
A commissão convencida—
Pelos conselhos de um padre,
Que conversou co'a comadre,
Propõe que desde este dia—
Chare-se a tal freguezia
A do Angú de Deus—sem Madre.

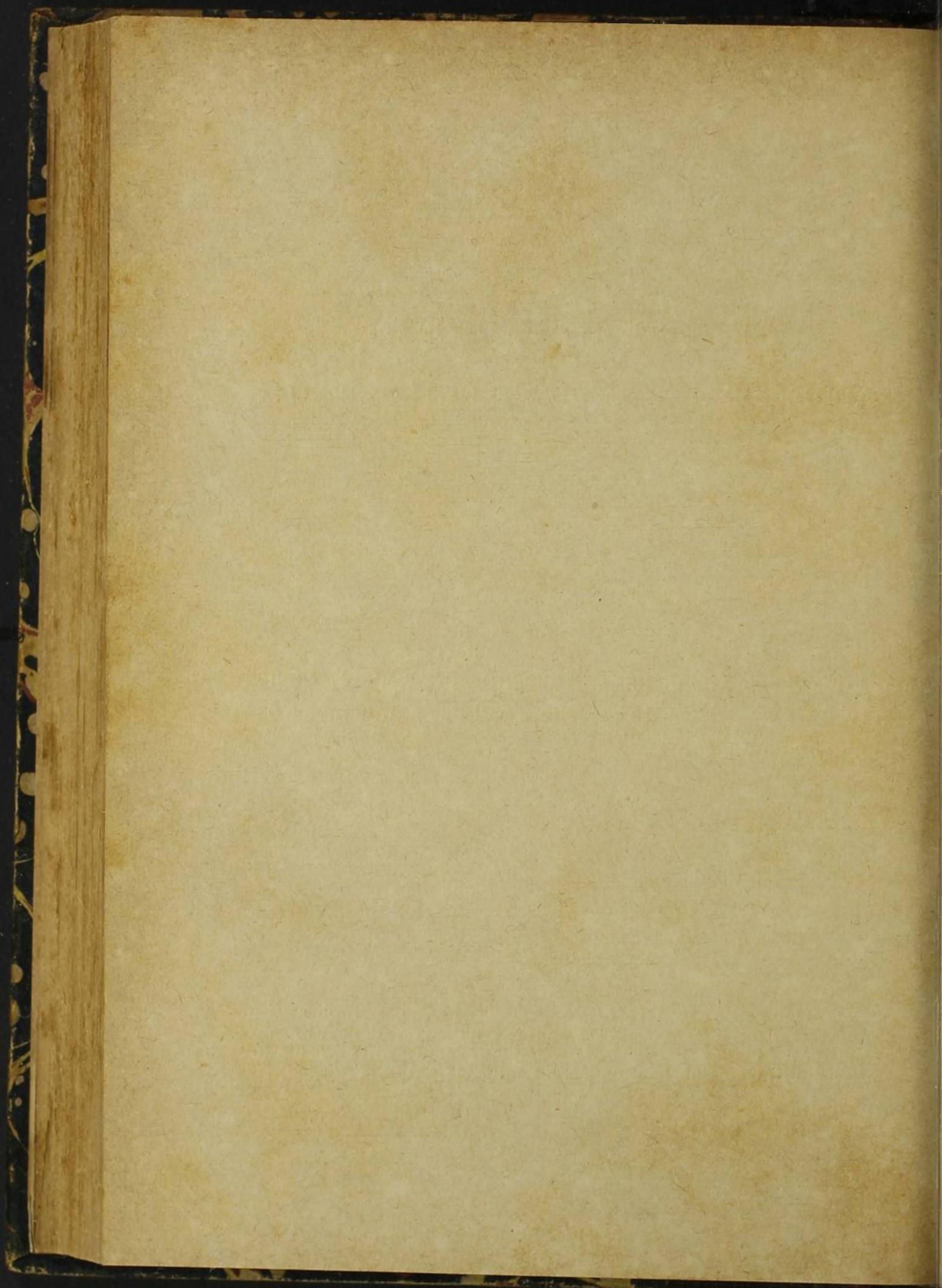
Sala das Commissões, aos tantos de Setembro.
(Estão assignados os membros.)

ADVERTENCIA IMPORTANTE*

ADOLESCENTES DE UM E OUTRO SEXO !

Não são para vós as paginas que se seguem. Se as abrisseis depois deste pregão, só de vós mesmos vos poderieis queixar.

*Os Amores de P. Ovidio Nasão. Traducção Paraphrastica *inderessada exclusivamente* aos homens feitos... Por A. F. de Castilho. Rio de Janeiro. Publicoado em casa do Editor Bernardo Xavier Pinto de Souza. Rua dos Ciganos, 43.—1858.



C.....

Lasciva est nobis pagina, vita proba

Que tens,, que pezar te opprime,
Que assim te vejo murcho e cabisbaixo,
Sumido entre essa immensa
Molle cahindo.... p....?

Nessa postura merencoria e triste
P... t... t.... v..... o focinho
Que eu cuida vas b..... lá n.t.....
Teu s..... vizinho !

Que é feito desses tempos gloriosos
Em que erguendo as guelras inflammadas
Na b..... me davas de continuo
Tremendas cabeçadas?..

Qual hydra furiosa o collo alçando
Com a sanguinosa crista açoita os ares
E sustos derramando
Por terras e por mares
Aqui e além atira mortaes botes
Dando com a cauda horriveis piparotes
Assim é, o.....
Erguendo o teu v.. .. . c.
Faminto e arquejante
Dando em vão cabeçadas.pelo espaço.

Um.....

Um.....! que era este o unico esforço,
Unica empreza digna de teus brãos :
Porque..... e
São illusões, são pêtas,
Só dignas de doentios.

Quem extinguiu-te assim o enthusiasmo?
Quem sepultou-te nesse vil marasmo?
Acaso para teu tormento
Endefluxou-te algum?
Ou em estereis te cansaste
Ficando reduzido a inutil traste?

Por ventura do tempo a dextra irada,
Quebrou-te as forças, envergou-te o collo
E assim deixou-te pallido e pendente
Olhando para o sólo?
Bem como inutil 'lampada apagada
Entre duas columnas pendurada?

..... é fruta choxa,
Sem gosto, sem cheirume
..... ;
É lampada sem lume,
Têta que não dá leite,
Balão sem gaz, candêa sem azeite.

....., não é tempo ainda
De esmorecer,
Porque teu mal ain'ca pôde
Allivio ter.

Sus, o' meu, não desanimes,
Que ainda novos combates e victorias,
 E mil brilhantes glorias
A ti reserva o formidavel Marte,
Que tudo póde vencer engenho e arte!

Eis um santo elixir mysterioso,
 Que vem de longes terras,
 Transpondo montes e serras
A' mim chegou por modo milagroso.

Um Pagé sem , um nigromante
 Dos mattos de Goyaz
 Sentindo-se incapaz
De bem cumprir a fé do matrimonio
 Foi ter com o demonio
 A lhe pedir conselho
Para dar-lhe vigor
 Que já de encarquilhado
 De velho e de cansado
Quasi

A' meia noite, á luz da lua nova
Aos Manitós fallando em uma cova
Ao som de atroz conjuro e negra praga,
 Compôz esta triaga
De plantas cabalisticas collidas
Por suas proprias mãos ás escondidas.

Esse velho Pagé de
Com uma gotta só desse feitiço
Sentio de novo recrescer-lhe os brios
.. .. .

E ao som das inubias,
Ao som do boré,
Na taba ou na brenha,
Deitado ou de pé,
..... ,
De noite ou de dia
.. se via
O velho Pagé!

Se acaso écoando
Na matta sombria,
Medonho se ouvia
O som do boré,
Dizendo : — « Guerreiros !
Oh ! vinde ligeiros,
Que a guerra vos chama,
Feroz Aymoré ! »

Assim respondia
O velho Pagé
Brandindo
Batendo com o pé :
« Mas neste trabalho,
Dizei, minha gente,
Quem é mais valente,
Mais forte quem é ?

Quem vibra o
Com mais valentia
Quem enfia
Com tanta dextreza
Quem
Com mais gentileza ? »

E ao som das inubias,
Ao som do boré,
Na taba ou na brenha,
Deitado ou de pé,
.. .. . ,
De noite ou de dia,
.. .. . se via
O velho Pagé!

Se a inubia soando,
Por valles e outeiros,
A' danza sagrada
Chamava os guerreiros —
Nos grãos prazenteiros,
De noite ou de dia,
Ninguem jámais via
O velho Pagé
Que sempre
.. .. .
Deitado ou de pé!
O duro
Que sempre.. ..
Qual rijo tacape
A' nada cedia!
Vassoura terrível
... .. indianos,
Por annos e annos
.. .. . passou,
Levando de rôjo
... ..
No meio das grutas
.. .. . acabou!

E com sua morte
Milhares
.. . . .
Saudosas deixou.

Feliz.. . . . meu, exulta, exulta !
Tu que... .. fizeste guerra viva
E nas guerras de amor criaste calos
Eleva a fronte altiva
Em triumpho.. . . .
.....,
Que a Deusa dos amores
Já sobeja em favores
Hoje novos triumphos te depára !

Graças ao elixir
Do glorioso Pagé
Vai hoje ficar de pé
..... !

Vinde, o'
Vinde.....
..... !
Que a todas, feias ou bellas,
.....
.....

Graças ao elixir,
Que herdei do velho Pagé
Vai hoje ficar de pé
..... !

Sus, ! este elixir
Ao combate hoje te chama
E de novo ardor te inflamma
Para as campanhas de amor.
Não mais ficarás á tôa,
Criando têas de aranha
Nessa indolencia tamanha
.....

Este elixir milagroso,
O maior mimo da terra,
Em uma só gotta encerra
Quinze dias
Do macrobio centenario
Ao esquecido
Que
.....
Dá tal força e valentia
Que só com uma estocada
Põe a porta escancarada
Do mais rebelde

E póde um cento de
..... de fio a fio
Sem nunca perder o brio,
Sem nunca sentir cansaço !

Eu te adoro agua divina,
Santo elixir ,
Eu te dou meu coração,
Eu te entrego ,
Faça que ella sempre

E esse sempre crescendo
Sem cessar viva
Até que morra

Sim, faze que
Por tua santa influencia
A todos vença em potencia,
E com gloriosos abonos
De hoje em diante respeitado
Seja logo proclamado
Vencedor de cem mil

E seja em todas as rodas,
Como heróe de cem mil
Por seus heroicos trabalhos
Eleito rei dos

Madrigal*

A origem do menstruo

Estava Venus gentil junto da fonte
Fazendo o seu... ..
Com todo o geito p'ra que não ferisse
... ..

* Na tarde de 23 de Julho de 1865, em companhia de um amigo do nosso poeta (o meu companheiro de estudos preparatorios e presado comprovinciano, Sr. José Candido Moreira), procurei-o em sua residencia, que era então no Hospicio da Terra Santa, em Ouro-Preto. Ausente o Dr. B. Guimarães, recebeu-nos um outro seu amigo, o distincto homem de letras Sr. Ovidio J. P. de Andrade, a quem daqui estendo a mão agradecido.

Foi então que extrahi cópia deste Madrigal, sentindo não poder faze-lo de outras composições do eximio poeta em um seu *Album* reservado.

Onde hoje esse thesouro?... E o que farão dos numerosos escriptos que deixou o Dr. B. Guimarães, os seus felizes possuidores?...

Tinha de... .. naquella noite
Ao velho pai Anchises,
Que com ella, segundo diz a fama,
Passou dias felizes.

.. .. ., porque volvia
Na mente altas idéas.
Ia gerar naquella heroica
O grande e pio Enéas.

Mas a navalha tinha o fio gasto,
E a deusa, que gemia
.. .. .
Carêtas mil fazia.

Por um acaso a nympha Galathéa
Então ali passava,
E vendo a deusa assim toda agachada
Julgou que ella.. ..

A nympha audaz, travêssa e petulante,
De genio muito máo,
Um susto quiz pregar á grande deusa,
E atira-lhe um calhão.

Venus se espanta e a branca mão mimosa
Se agita alvoroçada,
E.. .. lhe prega, oh ! caso horrendo !
Tremenda navalhada.

Da nacarada em subtil fio
Corre purpurea veia,
E o nobre sangue do divino....
As aguas purpurea.

Ora. . . . ! bradou a deusa irada.
E nisto o rosto volta;
A nympha que conter-se não podia
Uma risada solta.

« Estou perdida! » — tremula murmura
A pobre Galathéa,
Vendo o sangue correr.
Da poderosa Déa.

Mas era tarde. A Cypria furibunda
Por um momento a encara;
E após instantes, com severo acento
Neste clamor dispára :

« — Vê! Que fizeste? Desastrada nympha!
Qual crime commetteste!
Que castigo ha no céo que punir possa
Um crime como é este!

O' Adonis! O' Jupiter potente,
E tu Mavorte invicto,
E tu Anchises, acudi de prompto
Da minha dôr ao grito!

Ah! que direis vendo de sangue tintas
Estas mimosas.,
Que de ineffaveis gosos
. ? ! . .

. gentil que hoje eu tratava
De pôr bem fresco e limpo
Para recreio e divinal regalo
Dos deuses do alto Olympto,

Vê que triste estado. . . Oh ! que esta vida
Em sangue já se esvae-me !..
O' Deuses, se quereis ter... certa,
Vingai-vos e vingai-me!

O' nympha ! teu sempre atormentem
Perpetuas comichões,
Sem que. jámais ninguém deseje
.

Que negra podridão, immundos bichos
Roão-te sempre.
E dellas fujão de terror tranzidas
As mais vorazes

De eterno flagellado
Verta fetidos jorros
Que causem tédio e nojo a todo o mundo
Até mesmo aos cachorros !

Mas inda é pouco ! A todas as mulheres
Estenda-se o castigo ;
Paguem todas o ultrage que esta infame
Ousou para commigo !

Para expiar tão negregado crime
Toda humana.
De hoje em diante lá de tempo em tempo
Escôrra sangue em bica.

E para memoria eterna chore sempre
. da mulher
Com lagrimas de sangue o caso infando
Emquanto mundo houver.

Assim por mais de um mez inutilizas
O vaso das delicias !
E em que hei de gastar das longas noites
As horas tão propicias ? !...

Oh ! um mez... .. ! Que atroz supplicio !
Em misero abandono
Como ha de assim jazer por tanto tempo
Este faminto.... ! »

Ouvio-lhe estas palavras piedosas
Do Olympo o Grão-Tonante,
Que do Cupido
..... nesse instante.

Commovido no intimo do peito
Das lastimas que ouviu,
Manda ao menino que de prompto acuda
A' que o pario

Já fende os ares concha alabastrina
Que pela azul esphera
Por quatro aladas pombas arrastada
Os vôos accelera.

Cupido, que as conhece, as redeas bate
Da rapida quadriga,
As alenta co'a voz e com a ponta
Dos seus farpões fustiga.

Eis desce ao bosque em que a mãi afflicta
Em misera agonia
Com sangue. ao verde musgo
De purpura tingia.

No carro a toma e n'um momento chega
A' Olympica morada
Onde a tribu dos Deuses reunida
A espera consternada.

Já Mercurio os emplastos apparelha
Para a venerea chaga,
Feliz porque daquelle curativo
Espera certa paga.

Vulcano vendo o estado da consorte
Mil pragas vomitou ;
Marte arranca um suspiro que as abobadas
Celestes abalou !

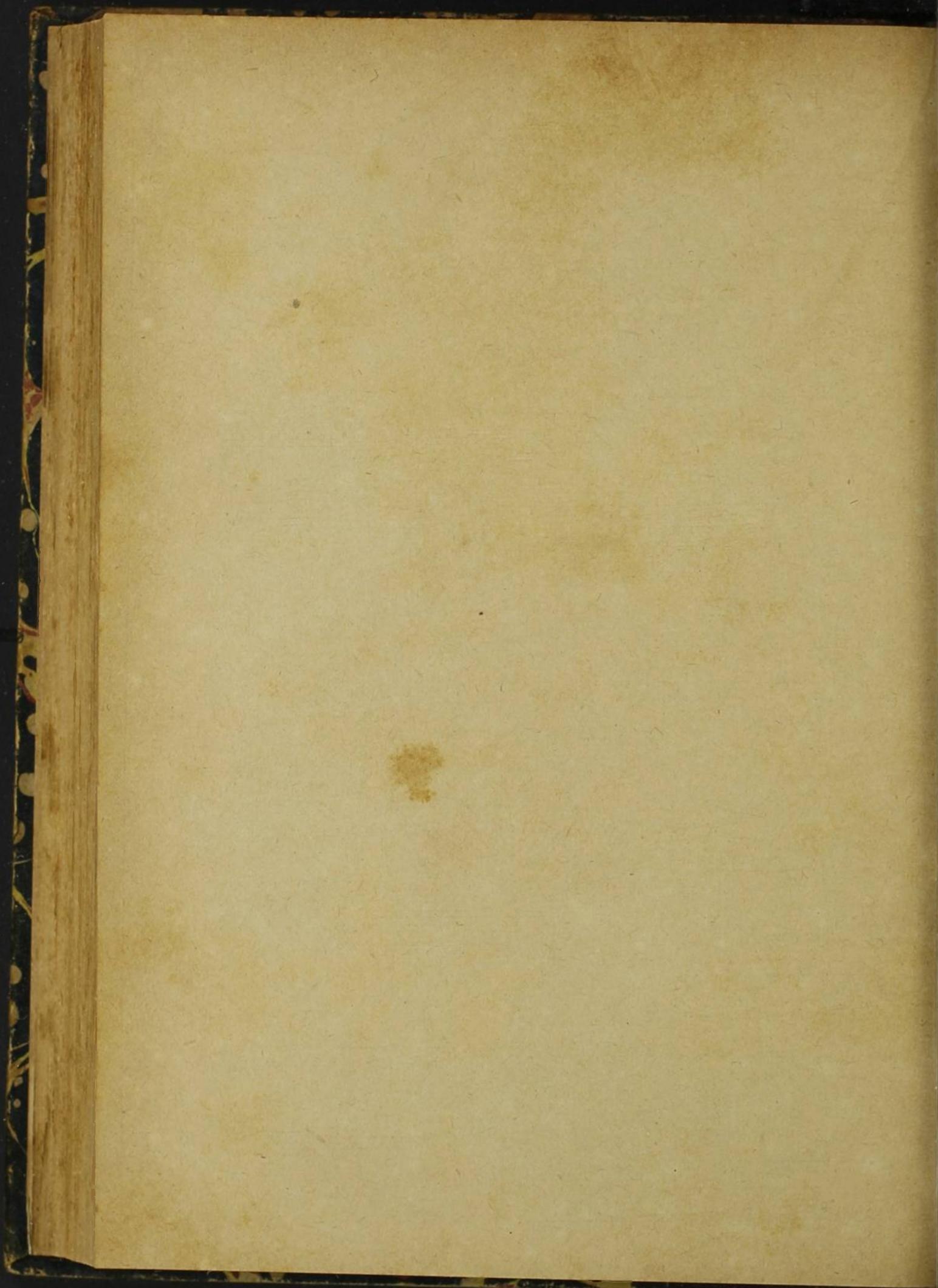
Sorrio-se a furto Juno ciumenta
Lembrando o antigo pleito ;
E Pallas orgulhosa lá consigo
Resmoneou :— « Bem feito ! »

Coube a Apollo lavar dos roixos lyrios
O sangue que escorria
E terrivel assaltado
Conter-se mal podia.

Mas enquanto se faz o curativo,
Em seus divinos braços,
Jove sustém a filha acalentando-a
Com beijos, com abraços !

Depois subindo ao throno luminoso
Com carrancudo aspecto,
Erguendo a voz troante, fundamenta
E lavra este decreto :
« Suspende, ó filha, os teus justos lamentos.
Por tão atroz delicto !
Que no tremendo Livro dos Destinos
De ha muito estava escripto.
Desse ultrage feroz será vingado
O teu divino....
E as imprecações que fulminaste
Agora sanciono. »

NOTAS FINAES



NOTAS FINAES

O *Colombo* (*) transcreveu em seu n. de 7 de Setembro deste anno a seguinte biographia do nosso poeta, escripta por um dos melhores escriptores que honrão as patrias lettras :

BERNARDO GUIMARÃES

O illustre poeta nasceu na capital da provincia de Minas-Geraes, no dia 15 de Agosto de 1825, e foi, aos quatro annos de idade, levado por seus pais, o capitão João Joaquim da Silva Guimarães e D. Constança Guimarães, para a cidade de Uberaba, onde aprendeu primeiras lettras ; e onde, como Bocage, despido apenas das fachtas infantis, sentio arder na mente o sacro fogo.

Uma de suas ultimas poesias, composta em 1882, refere-se á precoce manifestação do seu talento poetico :

.....

* Orgão republicano publicado na cidade da Campanha.— Redactores *Lucio de Mendonça e Manoel de Oliveira Andrade*, duas almas e intelligencias, que ha muito respeito e admiro.

Uberrima Uberaba,
Em que na leda infancia hei percorrido
Da vida o tirocinio,
Em minha alma a lembrança não se acaba
De vossos lindos valles, verdes montes,
De vossos claros, largos horizontes.
Foi nesse céo de magicos fulgores,
Nessas vargens interminas, fecundas,
De perennaes verdores,
Entre os solemnes, mysticos rumores
Dessas mattas profundas,
Que da poesia na sagrada fonte
Pela primeira vez banhei a fronte.

O poeta estudou humanidades em Campo-Bello e Ouro-Preto.

Em 1842, durante a revolução mineira, fugio do collegio e fez-se soldado. Mas a vida militar não lhe agradou, e o patriota volveu arrependido á casa de seu pai.

Pouco tempo depois matriculava-se na academia de S. Paulo, onde encontrou Alvares de Azevedo, Aureliano Lessa e outros rapazes de verdadeiro talento.

Não foi de certo um estudante idéal; mas a intelligencia e a memoria de tal modo lhe supprião a falta de applicação ao estudo das sciencias juridicas e sociaes, que nunca fez figura triste nos respectivos exames.

Entretanto, por vingança mesquinha de certo lente hemorrhoidario, perdeu, com uma reprovação acintosa, um dos ultimos annos do seu curso.

Mas a pirraça do mestre não o levou de vencida. Formou-se, e logo depois de formado tentou a magistratura, que abandonou, porque essa profissão não se compadecia com a sua indole affectiva e chimerica.

Veio para a côrte e fez-se jornalista. Mas bem depressa o egoismo de uns, a deslealdade de outros e a indiferença de todos desviárão da imprensa o ex-juiz municipal de Catalão.

Voltou então para Ouro-Preto, onde, depois de casado com sua prima, a Exma. Sra. D. Thereza Guimarães, que lhe sobreviveu, entregou-se de corpo e alma á poesia e ao romance, completamente esquecido da sua vulgarissima condição de bacharel em direito.

Desde então, nunca mais sahio da sua terra natal, até que em 10 de Março ultimo falleceu aos 59 annos de idade.

Bernardo Guimarães contrahira em S. Paulo o vicio da intemperança, que, no periodo romantico das lettras nacionaes, levou ao tumulo alguns homens notaveis.

Nos centros litterarios do paiz, o copo era um como attributo da poesia e da arte. Os poetas romanticos da Europa haviam feito escola, e os vates da Paulicéa, não podendo escrever como Byron, Musset ou Espronceda, bebião como elles!

* * *

Bernardo Guimarães, que foi o unico poeta brasileiro daquelle tempo que não copiou servilmente um modelo qualquer do velho mundo, foi tambem o unico que resistio aos excessos da Musa Branca, que entre nós corresponde perfeitamente á Musa Verde da França.

Nessa nacionalisação detestavel do absintho pela cachaça nunca o trahio sua organização robusta e primitiva ; até os ultimos dias de vida, se conservou o vicio, que a tantos derrubára, conservou tambem todas as qualidades que fizerão delle um dos mais originaes do seu paiz.

O illustre morto deixa um interessante e consideravel espolio litterario, que figurará eternamente nas bibliothecas nacionaes, porque, se ha nelle pouco que aprender, ha todavia muito que lêr e muito que admirar.

A sua obra prima são os *Cantos da Solidão* ; mas, se bem que a poesia fôsse a feição predominante e mais accentuada do seu bello talento romantico, Bernardo Guimarães escreveu alguns romances e contos impregnados do doce perfume das nossas campinas, e muitas vezes, quer em prosa, quer em verso, enveredou com muita sobranceria pelo escabroso caminho do humorismo e da satyra.

O poeta publicou, além dos *Cantos da Solidão*, as *Novas poesias* e as *Folhas do Outono*, livro que, segundo a phrase de um biographo, é uma luz de sol poente a illuminar tristemente um cyprestal enfermiço.

O romancista estreou com o *Ermitão de Muquém*, bello romance de costumes da provincia de Goyaz. Deu-nos depois *O Garimpeiro*, *O Indio Affonso*, *A Escrava Isaura*, *O Seminarista* e finalmente, *Mauricio*, cuja continuação se acha inedita.

Nas *Lendas e Romances* e nas *Historias e Tradições da Provincia de Minas-Geraes*, encontram-se deliciosos contos e phantasias, como sejam *Jupyra*, esse primor que toda gente conhece a *Dansa dos Ossos*, a *Cabeça do Tiradentes*, a *Historia de Quilombolas*, etc. Publicou separadamente a *Ilha Maldita* e o *Pão de Ouro*, que firmarão definitivamente a sua reputação de conteur.

Não nos consta que em theatro algum se houvesse representado uma peça de Bernardo Guimarães ; entretanto, deixou ineditos um drama e uma comedia : *A voz do pagé* e *Os dous recrutas*.

Ficarão-lhe tambem muitas poesias ineditas, e muitas esparças em jornaes e periodicos.

Umás e outras darão um bello volume, que provavelmente será publicado, bem como a continuação do seu romance *Mauricio*.

Tentou igualmente o genero erotico, e em má hora o fez, porque o poeta que se não pertence, que se dá inteiro á patria que o estremece e respeita, não tem o direito de prostituir a sua musa, ainda que seja a *Branca* ; mas infelizmente nós os brasileiros atravessamos uma época tão primitiva como a do Café do Nicola, de Lisboa, no principio do seculo, ou tão decadente como a dos *boulevards* de Pariz, na actualidade. Tanto assim é que para desespero do Sr. B. L. Garnier, editor de todos ou quasi todos os livros de Bernardo Guimarães, o escripto mais popular do autor dos *Cantos da Solidão* é um poemeto obsceno intitulado o *Elixir do Pagé*, que nunca foi impresso ! E' raro o mineiro que o não saiba de cór. Ha na provincia espalhadas um sem numero de cópias desse *Elixir* inutil e bregeiro (*).

Bernardo Guimarães nunca foi um homem bonito ; mas a sua physionomia era extremamente sympathica e respeitavel, e o seu natural de ordinario amavel e brincalhão.

Um distincto escriptor mineiro assim se exprime no *Sul-America*, de Ouro-Preto :

« Aqui nasceu e aqui morreu levando para o tumulo o segredo de viver 59 annos sem deixar no mundo um des-affecto. »

Heroismo difficil ! principalmente. . . na provincia.

(*) Engano quanto ao titulo. E' o que está á pag. 204.

* *
* *

Não faltão á vida de Bernardo Guimarães as anedotas do estylo. Contão-se muitas que revelão o seu character original e extravagante; como sejão de authenticidade duvidosa, não as reproduzimos neste escripto.

Entretanto, ahi vai uma dellas, que nos foi narrada por pessoa fidedigna e testemunha ocular:

A scena passou-se na côrte.

Existia ainda o *Correio Mercantil*.

O poeta achava-se no escriptorio dessa folha, em companhia de Ferreira de Menezes e outros, entre os quaes o nosso informante, quando lhe entregárão uma carta vinda do correio.

Elle abriu-a, empallideceu, cahio sentado em uma cadeira e começou a soluçar com desespero, vertendo ao mesmo tempo uma torrente de lagrimas.

Os circumstantes, sorprendidos, não se atreviãõ a interroga-lo.

Dez minutos depois serenou, enxugou os olhos, tomou um caderno de papel, molhou uma penna e encheu febrilmente tres ou quatro folhas com a sua lettra rasgada e tortuosa.

O silencio era apenas interrompido por esses soluços nervosos e intermittentes, que nos deixão as lagrimas abundantes, como as bombas retardatorias de um fogo de artificio que parece extinto.

Ao cabo de outros dez minutos, o poeta ergueu-se, tomou o chapéo e disse aos companheiros:

—Vamos ao café!

Todos o acompanhárão ao Braguinha, do largo do Rocio.

Sentarão-se a uma mesa, no centro do botequim.

Bernardo Guimarães tirou do bolso as folhas de papel,

que com tanto impeto escrevêra, e leu a magnífica poesia—*O meu cavallo*—, que figura em um dos seus livros como composta em Minas.

A carta que recebeu no escriptorio do *Correio Mercantil* dava-lhe a triste noticia de que havia morrido...o seu alazão.

Um cavallo, um pobre cavallo de sella, provocára aquelle pranto desesperado e amigo !

Imagine-se que coração !

* * *

Nos seus ultimos versos, escriptos alguns dias antes de fallecer, dedicou-os elle á memoria de um amigo, de um sacerdote, de um monsenhor Felicissimo (*), que não conhecemos. Mal sabia o poeta que o acompanharia de tão perto á sepultura.

Transcrevemos em seguida essa composição, em que se notão, a par de muitas bellezas, alguns descuidos de fórma, devidos talvez ao copista :

Bem poucas lousas ha que em si contenhão
Cinzas mais preciosas;
Bem poucas ha que merecido tenham
Pranto mais puro, benções mais saudosas.

(*) Pois foi um dos varões mais illustres de Minas-Geraes.— Monsenhor José Felicissimo do Nascimento representou-a na legislatura de 1857—1860 deputado pelo 4º Districto. Figurou no Movimento Revolucionario de 1812; e a Igreja não teve sacerdote que em virtudes o excedesse.

A triste perda com razão deploras,
Charo amigo, do inelyto levita,
E as lagrimas sinceras, que hoje choras,
Traduzem a desdita

Do povo desolado,
Que vio da morte ao golpe despiedado
Tombar ao chão da campa o altivo cimo
Do tronco que lhe dava sombra e arrimo.

Mas o tronco tombado entre os viventes
Deixou fructos bemdictos ;
Seus feitos e virtudes eminentes
Em eternos padrões achão-se escriptos ;
Das doutrinas do martyr do Calvario
Foi denodado interprete fiel;
Desta vida no turbido scenario,
Como outr'ora o propheta Samuel,
Foi sua escola o templo,
Em que o espirito vivaz e penetrante
Bebeu seiva abundante
De altas lições e salutar exemplo;
Dedicou todo o ardor da juventude
Da liberdade ao culto,
Soffrendo com estoica e sã virtude
Por amor della o desacato, o insulto,
Contratempos, trabalhos, amargores,
Fadigas mil, terriveis dissabores ;
Mas proseguindo impavido e altaneiro
No começado, glorioso esteiro,

Como o arroio que desce da montanha
De cascata em cascata,
E contra as rochas a bramir se assanha
Desdobrando-se em ondas côr de prata;
E se afastando do obscuro ninho
Lá vai-se engrandecendo em seu caminho,
Depois por largos planos deslizando
Tranquillo e magestoso,
Em longo curso vai fertilizando
As margens que percorre caudaloso,
Até que através de mil azares,
Vai-se embeber na vastidão dos mares :
Tal foi o curso da afanosa vida
Do eximio sacerdote,
Da caridade luminoso archote,
Que ha pouco se apagou !
Foi seu começo lucta embravecida
Contra a tormenta e desfavor da sorte,
Até que um dia achou
A seus anhelos glorioso norte.
O manto desdobrou da caridade
Por sobre um povo inteiro,
E exhalando o suspiro derradeiro
Passou sereno ao mar da eternidade.

Sobre seu berço bruxulêa incerta
A sombra do mysterio;
Mas sobre sua campa ha pouco aberta
Verte clarão sidereo
Lampada eterna, que á posteridade
Recommenda o heróe da caridade.

*
* *

E aqui fechamos este artigo, em que não puzemos, como se vio, pretenção alguma de critica litteraria.

*
* *

A camara municipal de Ouro-Preto deu a uma rua d'essa cidade o nome de Bernardo Guimarães.

E' pouco, e menos seria no Rio de Janeiro, onde taverneiros obscuros ha que recebêrão essa honra, jámais conferida a Alvares de Azevedo, Penna, Casimiro de Abreu e outros vultos proeminentes das lettras nacionaes.

A heroica provincia de Minas deve muito mais ao numeroso poeta e brilhante romancista; as suas obras são dignas de formar o pedestal inconcusso de um monumento eterno.

Sigão os mineiros o exemplo dos maranhenses, que levantarão uma estatua a Gonçalves Dias.

A. A.

(Do *Almanak Guimarães* para 1885.)

*
* *

Nota á pag. 117.

ASSEMBLÉA LEGISLATIVA PROVINCIAL DE MINAS-GERAES
Sessão aos 22 de Agosto de 1884

O SR. LUDOVICE :—(*) O projecto que vou ter a honra de submitter á consideração da casa, Sr. presidente, se não enten

(*) Dr. João José Frederico, filho da prov. de S. Paulo em cuja Faculdade de Direito formou-se em 1874. Actualmente distincto advogado na cidade de Uberaba.

directamente com os interesses materiaes da provincia, diz com todo respeito ao seu bom nome e á tradição que ella goza, de amante das artes e das lettras, na historia do Brazil. (*Apoiados*).

Sr. presidente, o apreço dos grandes homens, a veneração por sua memoria, a gratidão pelos serviços por elles prestados á patria, constituem, no seculo em que vivemos, uma religião, que de dia á dia vai adquirindo novos e dedicados proselytos.

Embora, Srs., já desde a mais remota antiguidade, nós vejamos as nações todas elevarem grandiosos monumentos áquelles de seus filhos que, nas carreiras das armas, das artes, das lettras, concorrêrão para exaltar seu nome; embora na época daquella convulsão social que chamou-se — revolução franceza —, mas convulsão benefica, que reorganizou a sociedade moderna, nós vejamos um monumento como o Pantheon, destinado á commemoração dos feitos dos grandes homens; embora vejamos todos esses grandes factos da geração passada; comtudo as gerações modernas têm se avantajado a tudo isso, têm ido além, têm comprehendido melhor os seus deveres, têm procurado não perpetuar no bronze ou no marmore a memoria daquelles de seus filhos que tanto elevão seu nome, mas tem procurado elevar, no proprio seio dos familias dos mesmos e nos corações bem formados, estatuas mais duradouras do que as de bronze, e que se impoem pelos beneficios que produzem.

Sr. presidente, ha bem pouco tempo foi roubada á provincia de Minas a sua mais preciosa gemma, a sua mais grandiosa existencia litteraria; ha bem pouco tempo que as lettras patrias cobrirão-se de crepe pela morte de Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, o mais glorioso talvez e o mais verdadeiro dos romancistas brazileiros, porque era elle o que melhor descrevia os costumes de sua provincia, a indole de seus compa-

triotas e, ao mesmo tempo, a grandeza de seu territorio natal. (*Apoiados.*)

Como todos os grandes homens, Sr. presidente, aquelle deixou á sua patria um nome invejavel, um nome digno de servir de exemplo, um nome que ha de ser em todo tempo uma das mais fulgurantes constellações desta terra de Minas (*apoiados*), já tão gloriosa por outros titulos.

Aquelle, cuja morte a provincia e o imperio hoje deplorão, Srs., legou, porém, á sua familia — a par de um nome glorioso e honrado, a par de um nome respeitavel, symbolisando a saudade profunda para todos —, como reverso do quadro, a penuria e talvez a falta de meios de sua subsistencia. (*Apoiados.*)

Pois bem, Sr. presidente; eu venho propor que a provincia, que tanto deve a esse glorioso batalhador das lettras, a esse homem que com a penna mais fez em beneficio do progresso da patria do que os generaes com a espada no campo de batalha, lhe eleve um monumento duradouro de gratidão, eleve um monumento glorioso á mesma provincia na posteridade, mostrando que ella não é ingrata para com aquelles que concorrem para exaltar seu nome; eleve ao mesmo tempo um glorioso padrão, que sirva sempre de estimulo áquelles que sentem no cerebro a chamma sagrada da intelligencia, para que, trabalhando pelo seu engrandecimento, elles saibão que seus esforços não serão perdidos, que terão, quando menos, a gratidão da provincia.

Eu, portanto, vou ter a honra de submeter á consideração da casa um projecto, e tenho certeza que será elle aceito por ella, porque symbolisa o acto da mais gloriosa justiça, da mais merecida gratidão, que poderá praticar a provincia de Minas (*lé*).

É de toda justiça o pedido. Sr. presidente, já esta provincia, reconhecida aos muitos serviços por elle prestados ás lettras patrias, havia-lhe dado um cargo, mediante o qual garantisse a sua subsistencia; pois bem, garantimos tambem a subsistencia moral daquelles que lhe erão mais caros na vida, d'aquelles que, segundo sua gloriosa resposta dada ao imperador, constituão a sua mais perfeita obra; auxiliemos a educação de seus filhos. (*Muito bem.*)

*
* *

Sessão em 2 de Outubro.

O Sr. Lemos: (*) Offereço tambem como additivo o projecto n. 179 do corrente anno, projecto que, desde que foi aqui apresentado pela 1ª vez, despertou não só a eloquencia de seu autor quando o fundamentou, como o entusiasmo de toda a assembléa, porque todos á porfia querião manifestar a sua adhesão á nobre idéa de amparar-se a pobre familia do nosso desditoso com-provinciano, o finado Dr. Bernardo J. da Silva Guimarães.

Entretanto, tal tem sido a affluencia de trabalho, que este projecto infelizmente acha-se ainda em 1ª discussão!

Ora, não fica bem á assembléa provincial mineira deixar encerrar-se sua sessão, sem que tenha convertido em lei esse projecto, que autoriza o governo a despender a quantia de 1:200\$ annualmente para educação dos filhos desse nosso com-

(*) Dr. Manoel Joaquim de Lemos herdeiro de um dos nomes mais respe taveis e caros á provincia de Minas-Geraes. Formou-se em Direito em 1863. Actualmente um dos mais estimaveis campeões do part do liberal em sua provincia. Candidato a uma cadeira na Camara Temporaria pelo 1º Districto, para o que sobejão-lhe merecimentos.

provinciano, que durante toda sua vida dedicou todas as suas lucubraciones a esta provincia e ás lettras patrias.

Por isso, offereço como additivo ao orçamento o respectivo projecto.

Na Sessão De 10 Do Dito Mez Foi Regeitado O Additivo !. . .

* * *

Nota á pag. 184 :

Lê-se no *Liberal Mineiro* de 12 de Outubro: *Bernardo Guimarães*:

Em beneficio da familia do illustre finado, foi enviada pelo Sr. Luiz Botelho Falcão, importancia agenciada entre os alumnos do *Pantheon Leopoldinense*, a quantia de... 17\$500
Já publicada. 945\$000
Somma. 962\$500

Realmente !

INDICE ALPHABETICO

C

	PAGS.
Cantos da solidão ; juizo critico da imprensa :	
<i>Ensaios litterarios</i> ; Impressões de leitura pelo Dr. A.	
J. de Macedo Soares.....	10
<i>Jornal do Commercio</i>	50
<i>Minas-Geraes</i> ; apreciação do Sr. Ovidio J. P. de Andrade	53
<i>O Acayaba</i> ; Chronica academica.....	7
Cantos eligiacos ; A Gonçalves Dias.....	117
Carta do Dr. João Raymundo Duarte á redacção do <i>Diario</i>	
<i>de Minas</i>	92
Chronica da quinzena pelo Dr. B. Guimarães ; folhetim do	
mesmo <i>Diario</i>	97
Colloboração do Dr. B. Guimarães na <i>Actualidade</i>	43

D

Data da publicação da segunda edição dos <i>Cantos da solidão</i> :	
advertencia da mesma edição.....	36
Data da publicação das primeiras poesias do Dr. Bernardo	
Guimarães — <i>Cantos da solidão</i>	5
Denominaçõesou titulos dos <i>Cantos da solidão</i>	5

O

	PAGS.
Opinião do Dr. Ferreira de Menezes; folhetim do <i>Correio Mercantil</i>	92
Ordem das poesias na 2ª edição dos <i>Cantos da solidão</i>	64

P

Poesias :

A bahia de Botafogo, poemeto.....	53
A Camões.....	159
A campanha do Paraguay.....	128
A saia-balão	44
Adeus a meu cavallo branco, chamado cysne.....	25
Ao meu amigo o Illm. Sr. Dr. Francisco de Paula Pereira Lagôa, por ocasião do fallecimento de seu pai.....	77
As inspirações da tarde..... 52 e	64
• Devaneiar do sceptico.....	59
Estrophes aos voluntarios mineiros.....	66
Evocação ; nostalgia.....	52
Foge de mim.....	61
Folhas do outono.....	168
Gentil Sophia, ballata.....	82
Herodes Brasileiras ; apreciação da <i>Reforma</i>	127
Idylio.....	54
Invocação á saudade..... ..	18
Invocação ao genio da poesia..... 51 e	56
O ermo..... 52 e	57
O nariz perante os poetas ; opinião do conselheiro José Feliciano de Castilho.....	29
Orgia dos duendes.....	62
Primeiro sonho de amor.....	51

	PAGS.
Recordações, comêço.....	16 e 18
Poesias diversas.....	65
Prefacio da 1. ^a edição dos <i>Cantos da solidão</i>	6
Produções pantagruelicas e bocagianas.....	191
Advertenciã importante aos adolescentes de um e outro sexo.....	201
C.....	203
Das costellas de Sansão, motte estrambolico.....	196
Disparates rimados.....	19 ²
Eu vi dos pólos, soneto.....	191
Lembranças do nosso amor!.....	195
Madrigal.....	210
Parecer da commissão de estatistica a respeito da fre- guesia da Madre de Deus do Angú.....	198
Um.....	204
Prologo da 2. ^a edição dos <i>Cantos da solidão</i>	39
Pronunciamento ácerca do merecimento litterario do Dr. Bernardo Guimarães pelo Dr. A. H. Leal, senador Octa- viano, Dr. Salvador de Mendonça, Dr. J. Serra, A. C. de Almeida, Dr. A. de Campos e Dr Ferreira de Me- nezes.....	169

R

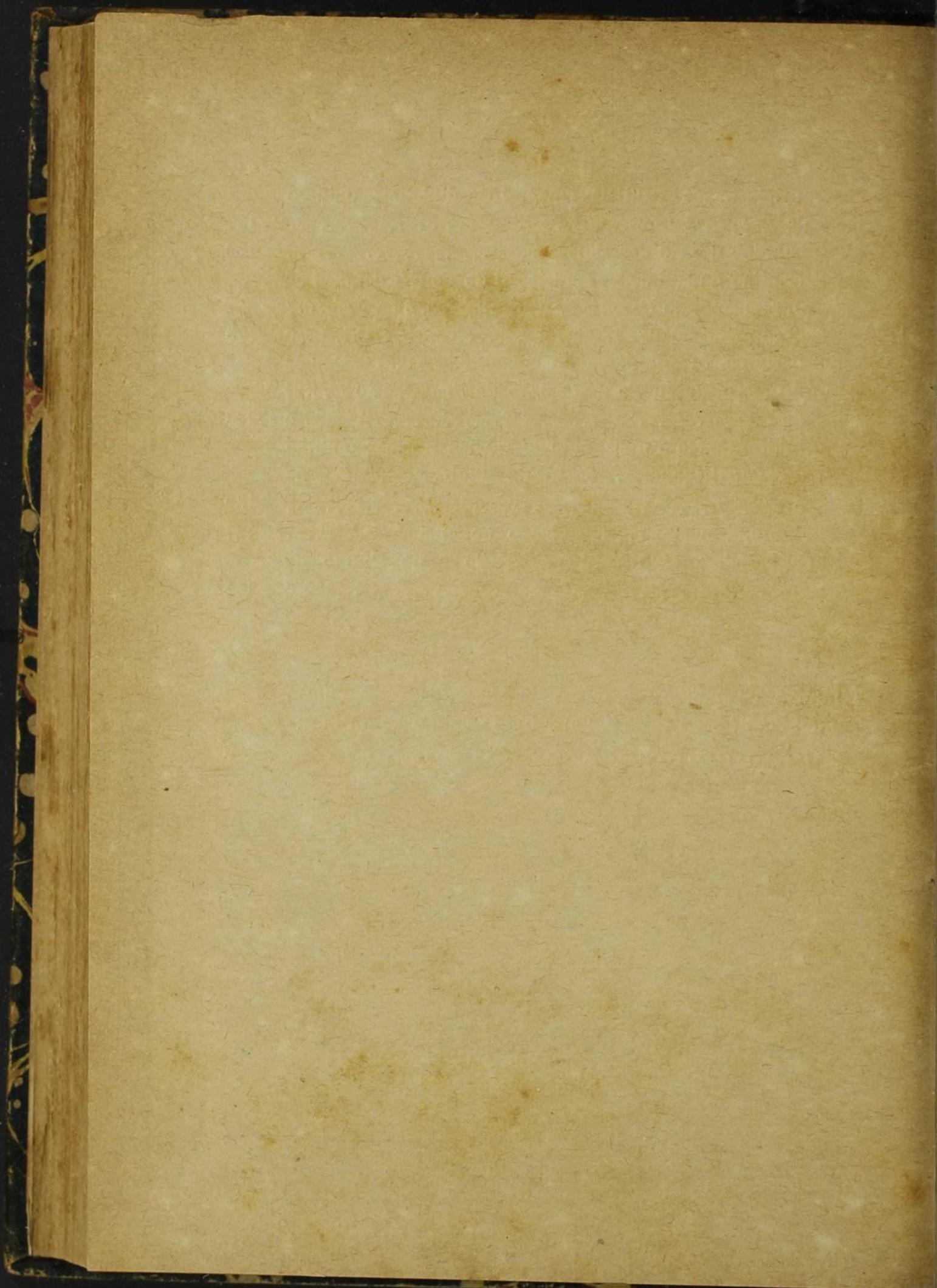
Romances :

A escrava Isaura ; opinião do <i>Jornal do Commercio</i> ...	153
Historias e tradições da provincia de Minas-Geraes ; apreciação do <i>Jornal do Commercio e Republica</i> — carta do conego Dr. Fernandes Pinheiro na secção <i>Bi- bliographia</i>	144
Lendas e romances ; opinião do <i>Jornal do Commercio</i> , <i>Diario de Noticias</i> , <i>Guarany</i> e <i>Novo Mundo</i>	134

	PAGS.
Mauricio ou os Paulistas em S. João d'El-Rei; opinião da <i>Imprensa Industrial</i>	157
O bandido do rio das Mortes.....	152
O ermitão de Muquém; apreciação do <i>Constitucional</i> de Ouro-Preto, do <i>Oriente de Pernambuco</i> , e da <i>Reforma</i> — folhetim do Dr. J. Serra.....	81, 82 e 115
O garimpeiro; opinião do conego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, publicada no <i>Correio do Brazil</i> , e do <i>Jornal do Commercio</i>	139 e 143
O indio Affonso e o bandido do rio das Mortes; opinião do <i>Constitucional</i> , órgão do Club Academico de S. Paulo.....	152
Rosaura, a engeitada; apreciação de Mucio Teixeira....	167
Seminarista; opinião do <i>Mosquito</i> e do <i>Diario do Rio</i>	150 a 152

T

Tentativa de publicação, em 1856, de uma nova edição dos <i>Cantos da solidão</i> ; artigo do <i>Bom-Senso</i> de Ouro-Preto.....	9
---	---



18869

